UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

HELENA LÚCIA SILVEIRA BARBOSA

**A tradução de cantos e narrativas Tupi-Guarani (1970 – 2019):
um diagnóstico historiográfico**

Versão corrigida

SÃO PAULO

2019

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

**A tradução de cantos e narrativas Tupi-Guarani (1970 – 2019):
um diagnóstico historiográfico**

Versão corrigida

HELENA LÚCIA SILVEIRA BARBOSA

Dissertação apresentada ao Programa de Estudos da Tradução do Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo de Almeida Navarro.

SÃO PAULO

2019

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/ TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Helena Lúcia Silveira Barbosa

Data da defesa: 30/01/2020

Nome do Prof. (a) orientador (a): Eduardo de Almeida Navarro

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 26/08/2020

(Assinatura do (a) orientador (a))

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

B238t Barbosa, Helena Lúcia Silveira
 A tradução de cantos e narrativas Tupi-Guarani
 (1970 - 2019): um diagnóstico historiográfico / Helena
 Lúcia Silveira Barbosa ; orientador Eduardo de
 Almeida Navarro. - São Paulo, 2019.
 194 f.

 Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
 Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
 Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de
 concentração: Estudos da Tradução.

 1. Tradução. 2. Línguas indígenas. 3. Levantamento.
 4. Artes verbais. I. Navarro, Eduardo de Almeida,
 orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: BARBOSA, Helena Lúcia Silveira

Título: A tradução de cantos e narrativas Tupi-Guarani (1970 – 2019): um diagnóstico historiográfico

Dissertação apresentada ao Programa de Estudos da Tradução do Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestra em Estudos da Tradução sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo de Almeida Navarro.

Aprovada em: 30/01/2020

Banca Examinadora:

Prof(a). Dr(a). Dennis da Silva Reis

Instituição: UFAC – Externo

Julgamento: Aprovada

Prof(a). Dr(a). Daniel Padilha Pacheco da Costa

Instituição: UFU – Externo

Julgamento: Aprovada

Prof(a). Dr(a). John Milton

Instituição: FFLCH – USP

Julgamento: Aprovada

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Eduardo de Almeida Navarro, por ter me orientado nesta pesquisa e pela leitura cuidadosa da dissertação.

Ao John Milton, por ter contribuído das mais diversas formas com esse trabalho, por ter aceitado participar da banca de qualificação e da banca de defesa dessa dissertação, por ter topado mergulhar na minha pesquisa paralela sobre intérpretes indígenas e por todos os frutos gerados a partir disso. Grata por esta parceria tão produtiva.

Ao Dennys Silva-Reis, por ter aceitado participar da banca de defesa dessa pesquisa, por ter me feito enveredar de cabeça pela historiografia da tradução e por ter me mostrado um campo de estudos com muito ainda a ser explorado no Brasil. Por todas as sugestões e direções sobre o ato de pesquisar. Aprendo muito com você.

Ao Daniel P. P. da Costa, por ter aceitado participar da banca de defesa e pelos comentários importantíssimos feitos durante a arguição, os quais foram fundamentais para a elaboração da versão corrigida.

Ao Pedro Cesarino, que me apresentou as artes verbais ameríndias e o universo poético nativo. Agradeço por ter me auxiliado nos primeiros passos desta pesquisa ao fornecer valiosos caminhos bibliográficos.

Ao Álvaro Faleiros, pela importante sugestão de modelo de pesquisa de levantamento feita quando eu não sabia o que fazer com tantos cantos e narrativas.

À Aliria Wiuirá, Ariel Pheula do Couto e Silva, Eunice Dias de Paula, Ian Packer, Marcel Ávila, Marina Magalhães e Tatiane Klein, especialistas em línguas e/ou povos Tupi-Guarani que me concederam informações e indicações bibliográficas extremamente relevantes para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos vários leitores: Débora, prima querida, que mesmo estando no outro lado do mundo, aceitou fazer a leitura da versão provisória dessa dissertação. 谢谢你! Lissa, mana que a família Destemida me deu, pelas reflexões que me proporcionou com a leitura deste trabalho e pelo olhar atento aos mais pequenos detalhes, enxergando o que eu já nem via mais. Joca, amigo-irmão que torna nossos encontros e reflexões sempre tão antropológicos e

me ajuda a enxergar o Outro de forma cada vez mais profunda. Você foi muito, muito importante nessa jornada. Obrigada por ceder seus ouvidos e pensamentos, por compartilhar essa amizade que é vida. Miriam, por me ajudar a organizar o texto e as ideias, por me acolher nessa cidade enlouquecedora com tanto afeto.

À Bateria Destemida, que abre meus caminhos com música e axé.

À Mari, amiga desde à época de graduação em tradução na UNB, por estar presente na gestação de duas monografias e uma dissertação. Por sempre checar como estou. Te carregarei para além da vida.

À minha mãe, Graci, pelo amor e o cuidado que sinto a todo instante, enviados por meio de suas orações diretamente do Cerrado brasileiro pra fortalecer minha jornada na Selva de Pedra. Ao meu pai, Robspierre (*in memoriam*), pelas lindas lembranças proporcionadas durante os 28 anos em que pude compartilhar da sua existência, que me ajudam a transformar a saudade em gratidão e prazer em viver. À minha irmã, Hanna, que me ensina a ser leve, que é a amiga mais presente, que trouxe ao mundo os dois serzinhos que mais alegam minha alma, Brisa e Isaac. À minha tia, Rose, que, desde muito cedo, me ensinou a apreciar boas leituras, boas músicas, bons papos, bons vinhos e bons prazeres – devo muito do que sou a você.

Ao Bruno, meu companheiro, parceiro mais que presente. Esteve comigo em todos os momentos dessa pesquisa, contribuindo com seu saber enciclopédico, com a gestação de ideias, com o colo nos momentos de frustração, com a celebração nas horas de sucesso. Agradeço por ter me ajudado a construir esse ser questionador que sou. E, claro, por ter me aguentado nos meus melhores e piores momentos. Você é muito demais.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de mestrado¹, bem como pelo auxílio concedido para participação em eventos fora do estado de São Paulo.

À USP, por resistir em um momento em que a universidade pública é atacada e sucateada por um governo que exalta a ignorância. Sempre lutarei pela educação pública de qualidade. Resistiremos!

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

E, se meu trabalho teve algum mérito, foi por poder contar com todas essas pessoas e auxílios. Meu agradecimento sem fim a cada um de vocês.

A fonte da futura palavra tendo a florado,
com o saber contido em seu ser-de-céu,
e sob o sol de seu lume criador,
de si a florando a fonte do amor.

- JOSELY VIANNA BAPTISTA, *Roça Barroca*

RESUMO

Esta pesquisa propôs-se a investigar a história da tradução de cantos e narrativas Tupi-Guarani traduzidos para o português de 1970 até 2019 por meio de um levantamento dividido em três etapas. Primeiramente, partiu-se de um levantamento bibliográfico propriamente dito, focado na pesquisa bibliográfica em acervos digitais e físicos para a construção de um *corpus* de traduções, complementado com informações extratextuais relacionadas aos textos e a seus respectivos tradutores e tradutoras. O *corpus* construído foi então organizado e sistematizado por meio de etiquetas em um software de gerenciamento de referências bibliográficas; as etiquetas, por sua vez, constituíram as categorias de análise das informações levantadas e foram desenvolvidas com base na proposta de análise historiográfica de Lieven D'hulst (2001, 2010), subsidiadas pelos estudos metodológicos em história da tradução de Anthony Pym (POUPAUD; PYM; TORRES SIMÓN, 2009; PYM, 2014). A terceira e última etapa focou na realização de um mapeamento quantitativo das traduções, bem como dos tradutores e tradutoras a elas relacionados. O levantamento resultou em um *corpus* de 851 traduções, das quais 800 são traduções originais e 51 são retraduições. São 628 narrativas e 223 cantos distribuídos em 48 entradas bibliográficas, divididas em 33 livros, nove teses e dissertações, três artigos de periódicos, dois materiais didáticos e um documento, produto de projeto de documentação linguística. Foram identificados 31 tradutores e tradutoras indígenas (21 homens e 10 mulheres) e 24 não indígenas (13 homens e 11 mulheres), além de 13 intérpretes indígenas assistentes que auxiliaram os tradutores e tradutoras durante o processo de tradução dos cantos e narrativas coletados de forma oral. Cabe ressaltar que tradutores, tradutoras e intérpretes indígenas estiveram presentes em número maior do que o verificado, visto que algumas publicações mencionaram sua presença, porém não especificaram a quantidade de sujeitos nem seu gênero.

Palavras-chave: levantamento; tradução; Tupi-Guarani; canto; narrativa; artes verbais.

ABSTRACT

This research had the purpose to investigate the history of translation of Tupi-Guarani chants and narratives translated into Portuguese from 1970 to 2019 by means of a survey divided into three stages. First, a bibliographic survey was conducted in digital and physical databases in order to build a *corpus* of translations, supplemented by extratextual information related to the texts and their respective translators. The *corpus* was then organized and sistematized with the use of tags in a reference manager software; these tags constituted the categories of analysis of the information collected and were developed based on Lieven D'hulst's proposal for historiographical analysis (D'HULST 2010, 2010), as well as on the studies of Anthony Pym on methodology in translation history (POUPAUD; PYM; TORRES SIMÓN, 2009; PYM, 2014). The third stage focused on making a quantitative mapping of the translations and their translators. The survey resulted in a *corpus* composed of 851 translations, of which 800 are original translations and 51 are retranlations. The *corpus* totals 628 narratives and 233 chants distributed throughout 48 bibliographic entries comprising 33 books, nine thesis and dissertations, three journal articles, two teaching materials and one document resulting from a language documentation project. Moreover, 31 indigenous translators were identified (21 men and 10 women) as well as 24 non-indigenous translators (13 men and 11 women), besides 13 indigenous interpreters who assisted the translators during the translation process of the chants and narratives collected orally. It should be noted that indigenous translators and interpreters were present in greater number than verified, as some publications mentioned their presence but did not specify their quantity nor their gender.

Keywords: survey; translation; Tupi-Guarani; chant; narrative; verbal arts.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Proporção entre traduções e retraduições de acordo com o total de textos

Gráfico 2 – Proporção entre traduções e retraduições de acordo com o total de publicações

Gráfico 3 – Proporção entre narrativas e cantos de acordo com o total de textos

Gráfico 4 – Proporção entre narrativas e cantos de acordo com o total de publicações

Gráfico 5 – Proporção entre traduções monolíngues e bilíngues de acordo com o número de publicações

Gráfico 6 – Distribuição das publicações por tipo de publicação

Gráfico 7 – Distribuição das publicações de acordo com as instituições responsáveis pela publicação

Gráfico 8 – Distribuição de publicações por década

Gráfico 9 – Distribuição dos tipos de publicação por década

Gráfico 10 – Distribuição de traduções e retraduições por década

Gráfico 11 – Distribuição das publicações contendo traduções comentadas e não comentadas por década

Gráfico 12 – Distribuição das publicações contendo textos em formato monolíngue e bilíngue por década

Gráfico 13 – Distribuição das publicações contendo cantos e narrativa por década

Gráfico 14 – Área do conhecimento em que as publicações se enquadram por década

Gráfico 15 – Distribuição dos tipos de autoria por década

Gráfico 16 – Distribuição de tradutores de acordo com etnia e gênero por década

Gráfico 17 – Distribuição de intérpretes indígenas por década

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Línguas Tupi-Guarani distribuídas por estado e número de falantes

Tabela 2 – Distribuição de traduções e retraduições por língua Tupi-Guarani

Tabela 3 – Distribuição de narrativas e cantos por língua Tupi-Guarani

Tabela 4 – Distribuição de publicações de acordo com a área do conhecimento

Tabela 5 – Distribuição das publicações com traduções comentadas de acordo com a área do conhecimento

Tabela 6 – Distribuição das publicações em formato de livro de acordo com as instituições universitárias responsáveis pela publicação

Tabela 7 – Distribuição dos tipos de autores

Tabela 8 – Distribuição de autores-tradutores de acordo com etnia e gênero

Tabela 9 – Distribuição dos tradutores presentes nas publicações das categorias “autor-tradutor”, “autor” e “organizador” de acordo com etnia e gênero

Tabela 10 – Distribuição de intérpretes indígenas presentes nas publicações das categorias “autor-tradutor” e “autor” de acordo com gênero

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1. APRESENTAÇÃO DA PESQUISA.....	20
1.1. A família linguística Tupi-Guarani no Brasil.....	20
1.2. A Pesquisa.....	25
1.3. O Método.....	27
1.3.1 Pesquisa bibliográfica e seleção de publicações.....	29
1.3.2. Organização e sistematização dos dados no Zotero.....	34
1.3.3. Mapeamento e análise de dados.....	56
CAPÍTULO 2. O CORPUS DE TRADUÇÕES.....	57
2.1. Década de 1970.....	57
2.1.1. <i>Xingu: os índios, seus mitos</i> (1970).....	58
2.1.2. <i>Kwarup: mito e ritual no Alto Xingu</i> (1974).....	59
2.1.3. <i>Mitos e outras narrativas Kamayurá</i> (1974).....	59
2.2. Década de 1980.....	61
2.2.1. <i>Moroneta Kamayurá: mitos e aspectos da realidade social dos índios Kamayurá (Alto Xingu)</i> (1980).....	61
2.2.2. <i>Araweté: os deuses canibais</i> (1984).....	62
2.2.3. <i>A linguagem dos pássaros: mito dos índios Kamaiurá</i> (1986).....	63
2.2.4. <i>As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guaraní</i> (1987).....	63
2.3. Década de 1990.....	65
2.3.1. <i>A festa da jaguatirica: uma partitura crítico-interpretativa</i> (1990).....	66
2.3.2. <i>A fala sagrada: mitos e cantos sagrados dos índios Guarani</i> (1990).....	67
2.3.3. <i>Palavras Canibais</i> (1992).....	70
2.3.4. <i>Histórias do Xingu: Coletânea de depoimentos dos índios Suyá, Kayabi, Juruna, Trumai, Txucarramãe e Txicão</i> (1994).....	71
2.3.5. <i>Neblina vivificante: Poesia e mito Mbyá-Guarani</i> (1996).....	72
2.3.6. <i>Soninho com pios de periquitos ao fundo</i> (1996).....	72
2.3.7. <i>Xanetawa Marageta: histórias das nossas aldeias</i> (1996).....	73
2.4. Década de 2000.....	74
2.4.1. <i>Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu</i> (2000).....	75
2.4.2. <i>Noções de língua geral ou Nheengatú: gramática, lendas e vocabulário</i> (2000).....	75
2.4.3. <i>Nhande Reembypy: Nossas Origens</i> (2001).....	76
2.4.4. <i>Tupã tenondé: a criação do universo, da terra e do homem segundo a tradição oral Guarani</i> (2001).....	77
2.4.5. <i>Através do Mbaraka: música e xamanismo Guarani</i> (2002).....	78
2.4.6. <i>A vida do sol na terra - Kuaray'i ywy rupáre oiko'i ague</i> (2003).....	79
2.4.7. <i>Os Kaiabi do Brasil Central: história e etnografia</i> (2004).....	79
2.4.8. <i>Ajuda do saci: kamba'i</i> (2006).....	81
2.4.9. <i>Coletânea de narrativas Ka'apor</i> (2006).....	81
2.4.10. <i>Coletânea de narrativas Tenetehára</i> (2008).....	82
2.4.11. <i>Terra madura, yvy araguyje: fundamento da palavra Guarani</i> (2008).....	82
2.5. Década de 2010.....	83
2.5.1. <i>Karawara: a caça e o mundo dos Awá-Guajá</i> (2010).....	84
2.5.2. <i>Textos produzidos pelos Kawaiwete (anos 2010 e 2011): poemas/músicas e materiais tradicionais Kawaiwete</i> (2010).....	85

2.5.3. <i>Jene ramÿjwena juru pytsaret =: O que habitava a boca de nossos ancestrais</i> (2010).....	85
2.5.4. <i>Roça barroca</i> (2011).....	86
2.5.5. <i>A arte da palavra cantada na etnia Kaiowá</i> (2011).....	86
2.5.6. <i>Fonologia e gramática do Nheengatú: a língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa</i> (2011).....	87
2.5.7. <i>A mulher que virou urutau</i> (2011).....	87
2.5.8. <i>Emplumando a grande castanheira</i> (2012).....	87
2.5.9. <i>Eventos de fala entre os Apiãwa (Tapirapé) na perspectiva da etnosintaxe: singularidades em textos orais e escritos</i> (2012).....	88
2.5.10. <i>A origem do beija-flor: Guanãby muru-gãwa</i> (2012).....	89
2.5.11. <i>Fábulas de Terra Preta: uma coletânea bilíngue</i> (2013).....	89
2.5.12. <i>Moroneta Kamaiurá: histórias Kamaiurá</i> (2013).....	90
2.5.14. <i>Antologia dos Morôquetás: olhares indígenas</i> (2013).....	91
2.5.15. <i>O perecível e o imperecível: lógica do sensível e corporalidade no pensamento Guarani-Mbya</i> (2013).....	91
2.5.16. <i>Caderno de campo Xetá</i> (2013).....	92
2.5.16. <i>Tainãly, uma menina maraguá</i> (2014).....	92
2.5.17. <i>Yafu: o retorno do chocalho</i> (2014).....	93
2.5.18. <i>Música, morte e esquecimento na arte verbal Araweté</i> (2015).....	93
2.5.19. <i>Escola Kariamã conta umbuesá</i> (2015).....	94
2.5.20. <i>Nheengatu Tapajoara</i> (2015).....	95
2.5.21. <i>O presente de Jaxy Jaterê</i> (2017).....	96
2.5.22. <i>Cantos da Floresta: iniciação ao universo musical indígena</i> (2017).....	96
2.5.23. <i>Viver na língua Guarani Nhandewa (mulher falando)</i> (2018).....	98
CAPÍTULO 3. MAPEANDO O CENÁRIO DA TRADUÇÃO DE CANTOS E NARRATIVAS TUPI-GUARANI (1970 - 2019).....	104
3.1. Tipos de traduções: traduções originais e retraduições.....	104
3.2. Gêneros de artes verbais: cantos e narrativas.....	110
3.3. Área do conhecimento.....	114
3.4. Traduções comentadas e traduções não comentadas.....	115
3.5. Apresentação dos textos: formato monolíngue ou bilíngue.....	116
3.6. Tipos de publicação.....	117
3.7. Autores/as, tradutores/as e intérpretes.....	121
3.8. Evolução no tempo (1970 – 2019).....	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	145
BIBLIOGRAFIA.....	149
APÊNDICE A – Bibliografia das publicações contendo traduções para o português de artes verbais Tupi-Guarani (1970 – 2019), organizada por língua Tupi-Guarani de partida.....	154
APÊNDICE B – Bibliografia das publicações não encontradas para pesquisa futura, organizada por língua Tupi-Guarani de partida.....	159
APÊNDICE C – Relatório do Zotero contendo as informações das publicações e etiquetas utilizadas para categorização.....	161

INTRODUÇÃO

Há um imenso universo poético representado pelas artes verbais ameríndias que é invisível para os Estudos da Tradução no Brasil. Elas vêm sendo traduzidas para o português de forma crescente desde a década de 1970, quando a documentação das tradições orais começou a ser realizada de maneira mais sistemática e um maior número de estudiosos interessados no tema surgiu desde então. Esta pesquisa, assim, procura entender qual a presença dessas traduções e dos sujeitos a elas relacionados (tradutoras/es, editoras/es e outros envolvidos no processo de tradução e divulgação dos textos) no cenário da história da tradução no Brasil dos últimos 50 anos.

Numa tentativa de responder a esta indagação pelo menos de forma inicial, a pesquisa ora apresentada propôs-se a investigar a história da prática da tradução para o português de cantos e narrativas Tupi-Guarani de 1970 até 2019. Tal investigação foi conduzida por meio de um levantamento de cunho historiográfico, que, num primeiro momento, focou na construção de um *corpus* de traduções. O *corpus* produzido foi então sistematizado com o auxílio de um software de gerenciamento bibliográfico e posteriormente mapeado por meio de uma análise diagnóstica e exploratória, que teve o intuito de obter dados quantitativos gerais relacionados tanto às traduções quanto aos sujeitos a elas relacionados.

Nesse sentido, a investigação realizada teve como foco dois subcampos específicos do ramo da história da tradução: a história das práticas de tradução e a história dos sujeitos tradutores. Sobre a história das práticas, serão abordados dois gêneros de artes verbais Tupi-Guarani, a saber, os cantos e as narrativas, organizados a partir de um recorte diacrônico. Com relação à história das tradutoras e tradutores, trataremos de questões específicas ligadas ao sujeito tradutor, como gênero, etnia (indígena ou não indígena) e formação profissional, extraídas dos textos nos quais as traduções estão incluídos (como no caso das teses, dissertações e artigos) e dos paratextos relacionados às traduções, como comentários e notas feitos pelos próprios sujeitos tradutores ou sobre eles. Este segundo subcampo visa atender uma demanda de novas pesquisas do que podemos denominar Estudos do Tradutor (CHESTERMAN, 2009).

Iniciamos, então, expondo brevemente sobre os caminhos percorridos até chegar ao tema escolhido, visto que a pesquisa ganhou novos contornos e modificou-se substancialmente desde seu início.

Nossa proposta inicial, em 2017, consistia em pesquisar a atuação de intérpretes indígenas no contexto das associações indígenas locais. Para tanto, utilizamos o conhecimento e experiência adquiridos como advogada da Associação Yawalapití Awapá – AYA (Xingu, Brasil) e de consultoria para outras associações indígenas xinguanas e guarani, quando foi possível observar de perto o trabalho de alguns intérpretes e iniciar a coleta de dados para este estudo. Porém, 2017 foi um ano de luto prolongado para os indígenas com quem trabalhamos, quando lideranças importantes faleceram e as atividades das associações foram interrompidas temporariamente. Nosso trabalho de campo, por consequência, foi diretamente afetado.

No mesmo período, tomamos contato com o trabalho do professor, etnólogo e tradutor Pedro Cesarino e sua reflexão sobre as relações entre antropologia, tradução e literatura, com ênfase em estudos etnográficos de sociedades ameríndias. Muitas possibilidades de elucidação partiram da análise de artes verbais (narrativas e cantos rituais) e de seu sentido, objeto recente de reavaliação, principalmente, em razão das conexões fundamentais entre imagem, palavra, música e movimento, capazes de apontar para um estatuto peculiar das manifestações estéticas ameríndias. A partir daí, percebemos também questões centrais para o entendimento dos processos de transmissão e produção de conhecimento verbal e especulativo, como a composição metafórica e formular, numa tentativa de se repensar, dentre outros temas, a própria noção de tradução.

Mesmo trabalhando com povos indígenas há mais de nove anos, experienciamos uma verdadeira desconstrução e ressignificação de nossas bases conceituais para que fosse possível dar os primeiros passos rumo ao entendimento das artes verbais ameríndias, observando que seria necessário haver uma mediação do conhecimento para dar conta de suas especificidades. Compreendemos a fundamentalidade da Etnologia para a formação crítica de um pesquisador da área e observamos um campo pouco habitado pelos Estudos da Tradução no Brasil. Dentre alguns dos autores pioneiros em pesquisas sobre artes verbais ameríndias no Brasil, podemos citar Ellen Basso (1987, 1995), Bruna Franchetto (2000, 2001, 2003), Rafael Menezes Bastos (1989, 2007), Anthony Seeger (1987), Betty Mindlin (2001a, 2001b, 2007),

Rosângela de Tugny (2009a, 2009b), Déléage (2009, 2011), Pedro Cesarino (2011) e Alberto Mussa (2011).

Assim, à medida que fomos aprofundando o estudo sobre a tradução das artes verbais ameríndias, também fomos nos afastando da pesquisa original e redirecionando-a para esse novo campo de estudos.

Ainda durante nossas pesquisas, tivemos a oportunidade de produzir o ensaio que representou os primeiros passos em direção ao novo tema. Chamado *Estudos da Tradução e poéticas indígenas: apontamentos para a construção de um diálogo*, o ensaio apresentou-se como um esforço de revisão dos aspectos centrais relacionados à tradução das artes verbais a partir de contribuições da etnologia ameríndia. Primeiramente, buscamos tecer algumas reflexões acerca do estatuto do pensamento ameríndio, tendo em vista que as diferenças existentes entre os regimes de conhecimento e especulação indígena e o ocidental devem ser levadas em consideração no trabalho de tradução de cantos e narrativas indígenas para que seja possível comunicar tais diferenças sem anular outras possibilidades de entendimento. A segunda parte do ensaio dedicou-se à apresentação da abordagem utilizada por alguns tradutores para se traduzir poéticas indígenas, bem como à discussão de suas noções de tradução e traduzibilidade. O ensaio, para além de apresentar soluções, construiu-se como uma tentativa de levantar inquietações sobre como os Estudos da Tradução podem melhor se utilizar da pesquisa etnológica para abordar as artes verbais ameríndias sem ofuscar ou desprezar suas especificidades. Esta pesquisa inicial foi apresentada no evento *XIII Jornadas Andinas de Literaturas Latinoamericanas na Amazônia*, realizado na Universidade Federal do Acre – UFAC (Rio Branco, Acre) em 2018.

Após esse processo de gestação inicial da pesquisa, optamos por um direcionamento mais específico e por fazer um levantamento de traduções de cantos e narrativas especificamente Tupi-Guarani. Com este objetivo claramente delineado, buscamos também investigar algumas características relacionadas a essas artes de expressão ameríndias, os povos que as produzem e quem se dedica ao seu estudo e tradução no Brasil. Por isso, a principal contribuição de nosso estudo, reside, principalmente, em apresentar esse imenso conjunto de traduções à comunidade de pesquisadoras e pesquisadores na qual nos inserimos e apontar as múltiplas possibilidades de estudos existentes com o intuito de construir e

registrar sua história – ou uma história possível – no campo dos Estudos da Tradução no Brasil.

Apesar das artes das tradições orais indígenas serem de conhecimento apenas do leitor mais atento à esse tema, elas são vastas e estão espalhadas pelos mais diversos tipos de materiais textuais. De fato, seria necessário o esforço conjunto de muitas/os pesquisadoras/es e centros de pesquisa para dar conta de tudo o que foi produzido e traduzido das línguas nativas para o português até hoje. Por este motivo, foi necessário adotar um recorte bem específico para realizar o levantamento. Este recorte foi estabelecido, primeiramente, segundo um critério de ordem linguística: optamos por trabalhar com a família linguística Tupi-Guarani em razão de sua ampla distribuição geográfica e por sua importância histórica no processo de formação do Brasil. O segundo critério, por sua vez, é de ordem temporal: a década de 1970 é o momento em que o campo das artes verbais ameríndias passa a se valer de uma perspectiva mais multidisciplinar, aliando pesquisas sobretudo nas áreas de etnolinguística, etnologia e etnomusicologia, e uma série de características dessas artes que permaneciam obscuras ou pouco sistematizadas até então começam a ser compreendidas mais a fundo.

Esta pesquisa, assim, pretende contribuir com a história da tradução no Brasil e, mais especificamente, com a história da tradução de artes verbais ameríndias no Brasil, campo pouco explorado no âmbito dos Estudos da Tradução. Reafirmo, mais uma vez, a urgência de se dar lugar e voz a este tipo de produção tradutória e aos seus respectivos sujeitos tradutores. Vivemos um momento de proliferação da produção de textos escritos por indígenas em razão do avanço da educação escolar indígena (MATOS, 2011), o que se apresenta como uma oportunidade de se refletir sobre como a experiência da poética indígena pode afetar nossos conceitos sobre escrita, poesia e literatura. Abrir a percepção à complexidade desses textos e abrir os ouvidos às vozes que ressoam neles é o que sugere Cláudia Neiva de Matos (*ibid.*, p. 47). Adotar uma postura de não folclorizar as artes verbais indígenas, orais ou escritas, mas de recepcioná-las de uma forma crítica tal que se deixe afetar esteticamente por elas. A proposta é criar uma situação dialogal e não a da observação distanciada. As textualidades estranhas ao cânone literário ocidental ainda estão situadas em um lugar de tensão entre aqueles que optam por abordá-las de forma estética ou de forma antropológica. Entretanto, estes esforços ainda

são raros e pouco discutidos no campo das Letras, mesmo pelos estudiosos das literaturas orais.

É com o intuito de estreitar esta lacuna que o presente estudo foi realizado. Mesmo constituindo apenas uma fração de um imenso universo a ser explorado, seu propósito maior é direcionar os olhos dos Estudos da Tradução no Brasil para as artes verbais ameríndias, textualidades que não podem continuar sendo ignoradas e silenciadas, tendo em vista sua historicidade e as possibilidades que apresentam sobre outros modos de se produzir História.

Com relação à fundamentação teórica adotada, ressalto que não encontramos nenhuma pesquisa que tenha se dedicado especificamente ao levantamento de traduções de artes verbais ameríndias, seja com o objetivo de catalogação, seja com o objetivo de construção de *corpora* para a realização de estudos específicos. Sendo assim, esta dissertação representa, possivelmente, a primeira iniciativa neste sentido – em âmbito brasileiro, pelo menos. Foi necessário beber de fontes variadas para que fosse possível construir uma metodologia adequada para a realização do levantamento, assim como para definir o arcabouço teórico que sustentou a discussão dos resultados. Damos especial atenção à tese de Marlova Aseff (2012), que consistiu em um levantamento das obras de poesia traduzidas por poetas-tradutores no Brasil entre 1960 e 2009; apesar de não ter relação com as artes verbais ameríndias, foi de grande inspiração para estruturação de toda a pesquisa. Os estudos de John Milton (2004) sobre poesia traduzida no Brasil e de Maria Inês de Almeida (2004) sobre a história das edições do conto popular no Brasil operaram como importantes modelos de pesquisa quantitativa. Para desenvolvimento da parte metodológica, esta pesquisa utilizou como referencial estudos especificamente relacionados à metodologia em história da tradução, principalmente nos trabalhos de Anthony Pym (POUPAUD; PYM; TORRES SIMÓN, 2009; PYM, 2014) e Lieven D’hulst (2001; 2010) – este último, em interlocução com Holmes (2004 [1972]).

Fazemos história da tradução para entender seu passado e refletir sobre como ele modifica e constrói o presente. Nesse sentido, a grande questão que se apresenta é que as artes verbais ameríndias são ainda invisíveis nessa história, assim como os sujeitos a elas relacionados (seus produtores, executores, tradutores, intérpretes indígenas, entre alguns outros). Dar visibilidade a este núcleo de produção poética é uma prioridade do momento atual, em que a voz indígena se tem feito ecoar a todo vapor em defesa de seus direitos

originários e em defesa de direitos fundamentais que afetam, em última instância, a todos nós. Sua evidencialidade é, cremos, também um ato político.

CAPÍTULO 1. APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

1.1. A família linguística Tupi-Guarani no Brasil

A família Tupi-Guarani integra o tronco Tupi e, segundo o linguista Aryon Dall’igna Rodrigues (2002, p. 32), destaca-se entre outras famílias linguísticas do Brasil e da América do Sul pela extensão territorial sobre a qual suas línguas estão distribuídas. No século XVI, essas línguas eram faladas em praticamente toda a costa brasileira e na bacia do rio Paraná, sendo que ainda hoje encontram-se registros de falantes em todas as regiões do país. Interessante notar que, apesar dessa grande dispersão geográfica, essas línguas revelam pouca diferenciação entre si.

Tal dispersão geográfica indica que os antepassados dos povos Tupi-Guarani realizaram longas migrações; esta é uma característica migratória pré-colombiana destes povos, observada desde o início da colonização europeia no Brasil e na América espanhola, ainda verificável entre os Guarani Mbya. Em consequência dessas constantes migrações, o mbya² é o idioma tupi-guarani com maior distribuição geográfica, com falantes em toda a região sul do país e nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, além de possuir registros também no Paraguai e na Argentina (ibid., p. 33).

Para além da questão territorial, a historicidade dessa família linguística é algo notável, contando com uma tradição escrita que remonta a cerca de 400 anos. Duas de suas línguas, o tupinambá (também chamado tupi antigo) e o guarani, foram documentadas ainda no período colonial e adquiriram uma importância histórica significativa no contexto da

2 Esta pesquisa seguiu o padrão adotado pela enciclopédia Povos Indígenas no Brasil para grafia dos nomes dos povos e línguas indígenas. Observamos que nomes dos povos serão grafados com a primeira letra em caixa alta (ex: os Guarani), ou seja, quando o termo for usado como substantivo. No entanto, quando o termo operar como adjetivo, será utilizado caixa baixa (ex: a língua guarani).

ocupação europeia sobre o território nacional. Os primeiros registos escritos em tupinambá datam de 1575.

Eram traduções para o Tupinambá do pai-nosso, da ave-maria e do credo, feitos provavelmente pelos primeiros missionários jesuítas portugueses, mas reproduzidos a partir de informações de um índio catequizado, pelo franciscano francês André Thevet. Logo depois, outro francês, agora o pastor calvinista Jean de Léry, publicou o primeiro texto que procurava reproduzir conversações típicas que os índios Tupinambá mantinham com os europeus e que se destaca justamente por ser a primeira amostra de uma língua indígena brasileira como era falada pelos próprios índios, e não mera tradução de textos europeus, como no caso das orações cristãs (ibid., p. 34).

O trabalho de tradução serviu de instrumento para a colonização e catequização indígena (SILVA-REIS; BAGNO, 2016, 2018; SILVA-REIS; MILTON, 2016). Os missionários foram aqueles que se dedicaram à escrita do tupinambá, a exemplo de José de Anchieta, que elaborou a primeira gramática dessa língua em 1595 e foi responsável pela produção de mais de 4.000 versos como parte de composições líricas e dramáticas. Há poucos registos históricos a respeito de indígenas que atuaram como tradutores e tradutoras. Rodrigues (ibid., p. 35) cita Poti, “o Felipe Camarão das guerras holandesas”, que escrevia mensagens para outros indígenas em tupinambá.

Por outro lado, ao contrário dos tradutores, os intérpretes indígenas, desde a chegada dos colonizadores europeus em território brasileiro, tiveram função indispensável no processo de interação entre indígenas e portugueses, pois esses últimos, sem os/as intérpretes, comunicavam-se com os indígenas por meio de gestos e sinais, de modo geral. Esse fato está registrado em documentos conservados em arquivos da Europa, pouco acessados, e em crônicas, mais facilmente acessíveis, segundo o historiador José Ribamar Bessa Freire (FREIRE, 2003, p. 97).

Freire afirma que, no início da colonização do litoral brasileiro, tomaram-se diversas medidas que revelavam a preocupação em formar “línguas” ou intérpretes, por meio de colégios jesuítas que funcionaram como centros de formação de tradutores (FREIRE, 2003, p. 98). Afirma ainda que:

Os intérpretes tiveram papel decisivo, sobretudo nos primeiros momentos da conquista, no século XVI e início do século XVII, mas continuaram tendo atribuições destacadas durante um longo período, contribuindo

decisivamente para o recrutamento da força de trabalho indígena, através dos descimentos e dos resgates (FREIRE, 2003, p. 99).

As audiências das Juntas de Missões, as cerimônias religiosas e a administração dos sacramentos da igreja contavam sempre com um intérprete oficial, o qual atuava das mais diversas formas, participando do interrogatório dos índios, interpretando o sermão dominical e intermediando confissões e penitências. Entretanto, com a expansão da Língua Geral Amazônica (nheengatu) e em razão da extinção de muitas línguas indígenas, os “línguas” se tornaram progressivamente dispensáveis, principalmente com a oficialização do português como língua nacional em meados do século XIX, embora tenham se mantido importantes na fronteira de colonização.

Quanto ao guarani antigo, era falado nas regiões de domínio espanhol. No que tange as áreas de domínio brasileiro, foi documentado nas regiões do rio Uruguai e na então conhecida Província do Guairá, onde é hoje o estado do Paraná. As primeiras gramáticas de guarani antigo foram publicadas quase simultaneamente em meados de 1625, uma na área do rio Uruguai pelo missionário italiano Alfonso de Aragona e a outra no Guairá pelo missionário espanhol Antonio Ruiz de Montoya. Outras gramáticas foram posteriormente publicadas, com especial destaque para o dicionário guarani-espanhol intitulado *Tesoro de la lengua Guaraní*, obra de referência para a documentação de línguas indígenas sul-americanas (RODRIGUES, 2002, p. 35).

Nos dias atuais, entre as cerca de 150 línguas indígenas faladas por povos indígenas no Brasil (EQUIPE DE EDIÇÃO DA ENCICLOPÉDIA POVOS INDÍGENAS NO BRASIL, [s.d.]), 21 fazem parte da família linguística Tupi-Guarani. O quadro a seguir apresenta as línguas e dialetos estudados nesta pesquisa e a localização dos respectivos povos falantes.

Tabela 1 – Línguas da família Tupi-Guarani no Brasil

Língua	Dialeto	Estado
Akwáwa	Aikewara (ou Suruí do Tocantins)	PA
	Asuriní do Tocantis (ou Asuriní do Trocará)	PA
	Parakanã (ou Awaeté)	PA
Amanayé		PA
Anambé		PA
Apiaká		MT, PA
Araweté		PA
Asuriní do Xingu (ou Asuriní do Pacará ou do Koatinemo)		PA
Avá-Canoeiro		TO, GO
Guajá (Awá)		MA
Guarani	Kaiowá	MS
	Mbya	ES, PA, PR, RJ, RS, SC, SP, TO
	Ñandeva	MS, PR, RS, SC, SP
Ka'apor		MA
Kagwahiva	Amondawa	RO
	Jiahui (Diahói)	AM
	Juma	AM
	Karipuna de Rondônia (Ahé)	RO
	Parintintim	AM
	Tenharim	AM
	Uru-eu-wau-wau	RO
Kaiabi (Kawaiwete)		MT
Kamaiurá		MT
Kambeba (Omaguá)		AM
Kokama		AM
Nheengatu		AM
Tapirapé (Apyãwa)		MT, TO
Tenetehara	Guajajara	MA
	Tembé	MA, PA
Wajãpi		AP, PA
Xetá		PR
Zo'é		PA

A tabela acima merece alguns comentários. Primeiramente, as línguas e dialetos apresentados têm, tanto hoje quanto no período objeto deste levantamento, diferentes situações de vitalidade linguística, número de falantes e dispersão geográfica. Algumas estão praticamente extintas, como o apiaká, que conta apenas com um par de falantes, já em idade muito avançada. Outras, como o guarani e suas variantes dialetais, têm grande vitalidade linguística e são faladas em um vasto território, por diferentes comunidades.

Sobre o *nheengatu*³, este é falado na região do vale do Rio Negro, principalmente em São Gabriel da Cachoeira. É falado atualmente como primeira língua pelos Baré (AM, população: 11.472 indivíduos) e pelos Warekena (AM, população: 1.039 indivíduos). Estes dois povos são oriundos da família linguística aruak, mas adotaram o *nheengatu* em razão do contato com missionários e, atualmente, essa língua é uma marca de sua identidade cultural; vivem principalmente ao longo do Rio Xié e no alto curso do Rio Negro (MEIRA, [s.d.]).

Por fim, ressaltamos que utilizamos o organograma linguístico de Aryon Dall’igna Rodrigues contido na enciclopédia *Povos Indígenas no Brasil* como referência para listagem das línguas Tupi-Guarani. Em setembro de 1997, Rodrigues fez uma revisão especial para a enciclopédia e apresentou uma classificação atualizada das línguas indígenas brasileiras, agrupadas em troncos e famílias.

Fazemos duas observações ao organograma de Rodrigues. O autor lista *aikewara* (ou *suruí* do Tocantins) como língua, mas no verbete “*Aikewara*” contido na enciclopédia – inclusive, de autoria do mesmo autor –, consta que os povos *Suruí* falam a língua *akwáwa*, a mesma dos *Asuriní* do Tocantins e dos *Parakanã*; ou seja, *aikewara* constituiria um dialeto. Sendo assim, optamos por sua classificação como dialeto, seguindo, portanto, o verbete, que é atualizado de forma mais contínua.

O segundo ponto a ser observado é que a língua *kambéba* é classificada no verbete como sendo de origem tupi-guarani, mas não está listada na árvore linguística atual de Rodrigues. Entendemos que isto pode ter ocorrido pelo fato dos *Kambéba* serem classificados entre os povos ditos emergentes, configurando-se como um dos casos de grupos amazônicos que deixaram de se identificar como indígena em razão da violência e discriminação operada

3 O *nheengatu* originou-se do tupi antigo, que foi falado até o final do século XVII, mas transformou-se em língua geral em seus dois principais ramos, no norte e no sul do país. A língua geral no norte transformou-se no *nheengatu* da Amazônia, enquanto a do sul desapareceu por completo no início do século XX (NAVARRO, 2016).

por não-indígenas na região desde meados do século XVIII. Sua reafirmação identitária começou a correr a partir da década de 1980, com o apoio de organizações indígenas e indigenistas e, principalmente, com o reconhecimento dos direitos indígenas pela Constituição de 1988. Essa é a situação de vários povos indígenas emergentes, formados por famílias que, miscigenadas e territorialmente espoliadas ao longo do tempo, reencontram, no presente, contextos políticos e históricos favoráveis à retomada de suas identidades coletivas indígenas. Muitos desses povos falavam línguas de origem tupi-guarani, hoje extintas. Entretanto, por um processo de revitalização linguística, tais povos têm realizado trabalhos de catalogação de mitos e narrativas em sua língua original para uso principalmente em materiais didáticos, algo que tem crescido com o advento da Lei n.º 11.645/2008⁴, que tornou obrigatória a presença das histórias e culturas indígenas e afro-brasileiras no currículo escolar do Ensino Fundamental e do Ensino Médio no Brasil. Por este motivo, decidimos incluir o kambeba na lista de línguas tupi-guarani para fins de levantamento das traduções.

Resumindo, para a construção da tabela, utilizamos como referência o organograma atualizado de Rodrigues de 1997, porém incluímos a língua kambeba e alteramos aikewara de língua para dialeto.

Há ainda o maraguá, língua falada pelo povo Maraguá, que constitui uma mistura de nheengatu com aruak. Apesar de não ter sido listada, também consideramos para fins de levantamento.

1.2. A Pesquisa

Conforme dito na abertura deste trabalho, esta pesquisa propôs-se a realizar um levantamento das traduções para o português de cantos e narrativas tupi-guarani produzidas

4 BRASIL. LEI No 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm> Acesso em 20 set. 2019.

de 1970 até a atualidade. Para tanto, realizou-se primeiramente um levantamento bibliográfico para verificação das publicações que continham traduções que se enquadravam nos parâmetros estabelecidos. O *corpus* construído foi então sistematizado por meio de etiquetas (categorias de análise) e mapeado a partir de uma análise diagnóstica e exploratória.

O levantamento resultou em um *corpus* de 851 traduções, das quais 800 são traduções originais e 51 são retraduições. São 628 narrativas e 223 cantos distribuídos em 48 entradas bibliográficas, divididas em 33 livros, 9 teses e dissertações, 3 artigos de periódicos, 2 materiais didáticos e um documento, produto de projeto de documentação linguística. Foram identificados 31 tradutores indígenas (21 homens e 10 mulheres) e 24 tradutores não indígenas (13 homens e 11 mulheres), além de 13 intérpretes indígenas assistentes que auxiliaram os tradutores e tradutoras durante o processo de tradução dos cantos e narrativas coletados de forma oral. Cabe ressaltar que tradutores e intérpretes estiveram presentes em número maior do o verificado, visto que algumas publicações mencionaram sua presença, porém não especificaram a quantidade de sujeitos nem seu gênero. Os demais resultados estão especificados no capítulo três.

A pesquisa realizada focou em oferecer dados quantitativos cobrindo uma margem de meio século. Observamos, entretanto, que o levantamento apresentado não possui qualquer pretensão de completude, visto que a decisão sobre o que constitui uma tradução tem estrita relação com a subjetividade do/a pesquisador/a. Concordamos com Anthony Pym ao dizer que sempre há uma intenção subjetiva em jogo. Mesmo que um levantamento seja de fato completo, sua delimitação atendeu, em algum momento, a questões consideradas importantes pelo/a próprio/a pesquisador/a, mesmo que não tenham sido declaradas como tal (2014, p. 49). O que oferecemos aqui é uma porta de entrada para um campo de estudos riquíssimo e fascinante, sem precedentes e com uma infinidade de possibilidades de investigação. Esperamos que os dados apresentados possam ser explorados não só por pesquisadoras/es dos Estudos da Tradução, mas por todos aquelas/es que se interessam pelo tema da tradução de artes de expressão ameríndias, aliando expertises rumo à solução de problemas comuns. Que novos caminhos possam ser desenhados, novos desdobramentos, novos questionamentos.

1.3. O Método

O levantamento realizado nesta pesquisa pode ser dividido em três etapas: pesquisa bibliográfica em acervos digitais e físicos e consequente seleção de publicações contendo as traduções de cantos e narrativas Tupi-Guarani; organização e sistematização dos dados no *Zotero*, um programa computacional de gerenciamento de referências bibliográficas; e mapeamento das informações coletadas.

Ainda, obedeceu a três critérios. O primeiro critério é ordem linguística: trata-se de um levantamento de traduções para o português de cantos e narrativas Tupi-Guarani, a maior família linguística do tronco Tupi. Como dito anteriormente, optamos por trabalhar com a família linguística Tupi-Guarani em razão de sua ampla distribuição geográfica e por sua importância histórica no processo de formação do Brasil. O caráter pioneiro desta escolha reside no fato de ainda não existirem levantamentos desta natureza no Brasil e pela possibilidade de construção de uma rica base de dados para futuras pesquisas que tenham relação com o tema.

Em razão do grande volume de línguas e dialetos tupi-guarani e, consequentemente, de traduções existentes, estabelecemos um segundo critério de recorte com base no lapso temporal. O levantamento restringiu-se aos anos de 1970 até 2019, compreendendo um período de 50 anos. A partir da década de 1970, a documentação das tradições orais começa a ser feita de modo mais sistemático e os materiais desenvolvidos passam a ser analisados com uma compreensão mais sofisticada das línguas e de suas configurações rituais e poéticas, revelando uma série de características das artes verbais até então incompreensíveis (CESARINO, 2013). Muitas das traduções feitas neste período, assim, possuem informações complementares, como comentários sobre seu processo de execução e informações sobre o original que serviu de fonte para a tradução, os quais foram de grande auxílio para o estabelecimento dos parâmetros pretendidos nesta pesquisa.

O terceiro critério relaciona-se ao que foi considerado tradução ou não. O recorte baseou-se na existência de textos bilíngues na publicação analisada, referentes ao texto original e à tradução. Já no caso de publicações apenas com textos em português, considerou-se tradução quando houve menção do próprio autor da publicação de que o texto se tratava de uma tradução.

Com relação às edições das publicações, utilizamos a primeira edição em todos os casos em que foi possível encontrá-la para consulta digital ou impressa. Foi necessário utilizar a segunda edição de seis publicações para a realização do levantamento:

- 1) *Araweté: os deuses canibais*, de Eduardo B. Viveiros de Castro, publicada em 1986. Publicado originalmente como tese em 1984 pelo Museu Nacional/UFRJ sob o título *Araweté, uma visão de cosmologia e da pessoa tupi-guarani*. Infelizmente, só está disponível em versão física no Museu Nacional, Rio de Janeiro;
- 2) *Xingu: os índios, seus mitos*, de Cláudio e Orlando Villas-Bôas. Encontrei apenas a segunda edição, de 1972. A primeira edição data de 1970 e foi publicada pela mesma editora (Zahar Editores);
- 3) *Gramática do Kamaiurá: língua tupi-guarani do Alto Xingu*, de Lucy Seki. Apresentado originalmente como a tese de pós-doutoramento da autora pela *Texas University*; infelizmente, não foi possível encontrar a tese ou verificar a data de sua publicação. Por esta razão, esta pesquisa utilizou a versão da tese publicada em formato de livro em 2000 pela editora da Universidade de Campinas – Unicamp;
- 4) *Mitos e outras narrativas Kamayurá*, de Pedro Agostinho. A primeira edição é de 1974, publicada pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Não encontrei a primeira edição; inclusive, o próprio repositório da UFBA só contém a segunda edição. A segunda edição foi publicada em 2009 também pela UFBA e foi a edição utilizada nesta pesquisa;
- 5) *Moroneta Kamayura: mitos e aspectos da realidade social dos índios Kamayura (Alto Xingu)*, de Étienne Samain. Publicado originalmente em 1980 como dissertação⁵.

5 Samain, Étienne. De um caminho para outro. **Mitos e aspectos da realidade social dos índios Kamaiurá (Alto Xingu)**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1980.

Porém, por estar acessível apenas em sua versão física no Museu Nacional (Rio de Janeiro), esta pesquisa utilizou a publicação em livro, de 1991;

6) *Noções de língua geral ou Nheengatú: gramática, lendas e vocabulário*, de Afonso Casanovas. A primeira edição data de 2000. Entretanto, só tive acesso à segunda edição, realizada em 2006.

No caso dessas seis publicações, utilizamos a segunda edição para citações e listagem na bibliografia por ter sido a versão consultada, mas, para fins de levantamento e mapeamento geral das traduções, utilizamos os dados do ano da publicação da primeira edição.

Ressaltamos, por fim, que esta pesquisa focou na realização do levantamento e na apresentação de um mapeamento quantitativo das traduções para o português de cantos e narrativas tupi-guarani realizadas apenas nos últimos 50 anos. Não se propôs a realizar uma análise das traduções ou dos processos tradutórios. Com um *corpus* tão extenso quanto o que foi construído (totaliza 851 traduções), acreditamos que seria mais frutífero apresentar um cenário geral que mostrasse a diversidade de traduções tupi-guarani existentes e a potência que este campo de estudos pode adquirir ao invés de abordar um ou outro texto em específico e tecer construções que não possibilitariam chegar a maiores generalizações de natureza histórica. Para se compreender como se dá a atividade da tradução desses cantos no Brasil, suas especificidades, quem são os sujeitos envolvidos e se desenvolver uma teoria da tradução ameríndia, é preciso primeiramente estar munido/a de um material consistente que possibilite tais análises e desenvolvimentos teóricos. Nossa intenção, assim, foi fornecer a pesquisadores/as uma base de dados substancial para que, em um futuro próximo, seja possível elaborar reflexões e teorizações em maior escala do que simplesmente em estudos de caso pontuais.

1.3.1 Pesquisa bibliográfica e seleção de publicações

Conforme observamos anteriormente, este é um trabalho inédito no campo dos Estudos da Tradução no Brasil. Sem ter como basear-nos em levantamentos precedentes que pudessem servir de ponto de partida, o processo de levantamento de traduções de artes verbais tupi-guarani para o português partiu praticamente do zero. As primeiras referências foram obtidas durante a disciplina *Etnologia, Literatura e Tradução*, oferecida pelo professor Pedro Cesarino na Universidade de São Paulo – USP durante o ano de 2018. Apesar dos Estudos da Tradução terem permeado as discussões ao longo do semestre, apenas uma parte da disciplina focou especificamente na leitura e análise de cantos e narrativas ameríndios e suas respectivas traduções. Desses, apenas um é de origem tupi-guarani; chama-se *O Canto da Castanheira*, traduzido do araweté para o português pelo etnólogo Viveiros de Castro em sua tese de doutorado, que foi posteriormente publicada como livro, intitulado *Araweté: Os Deuses Canibais* (1986). Esse canto, que foi retraduzido por Antônio Risério (1992) e por Álvaro Faleiros (2012), será abordado com mais detalhes nesta dissertação. De qualquer forma, este foi o momento em que foram dados os primeiros passos rumo à estruturação do processo de levantamento, pois foi a partir do acesso a estes textos que passamos a entender quais línguas indígenas foram e continuam sendo objeto de tradução, os pesquisadores e pesquisadoras dedicados a este tipo de pesquisa, os centros acadêmicos e institucionais que publicam traduções desta natureza, entre outras questões. Começamos a desenvolver um olhar mais aprofundado do ponto de vista historiográfico durante a leitura das traduções e a levantar as primeiras classes de análise, como, por exemplo, quem eram os tradutores e tradutoras, como tinha ocorrido o processo de tradução, quando, onde e assim por diante.

Tendo em mente essas variáveis iniciais, demos início à primeira etapa do levantamento, focado especificamente em encontrar as traduções. Dizemos encontrar, pois, considerando que traduções de cantos e narrativas indígenas não fazem parte do universo de leitura comum, diferentemente de traduções de obras literárias reconhecidas, por exemplo, achá-los não foi uma tarefa fácil. Foi, sim, uma verdadeira atividade de escavação. Pouquíssimas das traduções encontradas foram publicadas como textos autônomos de cunho poético e literário. Normalmente, integram pesquisas linguísticas e etnográficas e não são o foco central do trabalho; estão dissolvidas ao longo das publicações e servem de instrumento para compreensão da língua estudada e de aspectos socioculturais da etnia. Em outros casos, fazem parte de materiais didáticos e de alfabetização usados para educação escolar indígena. Ou seja, foi preciso ler muitos materiais para que fosse possível encontrar os textos que

efetivamente nos interessavam em termos de pesquisa, qual seja, as traduções. Algumas vezes, obtivemos sucesso nesta empreitada; em outras, nem tanto.

Considerando essa diversidade de fontes bibliográficas, foi necessário estabelecer etiquetas (filtros) preliminares para testar a aceitação da publicação para fins de integração do *corpus*. Tais etiquetas foram denominadas “etiquetas de admissibilidade”, ou seja, etiquetas que concederam um “status tradutório” [*translational status*] (POUPAUD; PYM; TORRES SIMÓN, 2009) ao material investigado, ou seja, que nos permitiram verificar, sem muito dispêndio de tempo de leitura, que a publicação continha uma tradução ou traduções de uma narrativa ou canto em uma das línguas da família linguística tupi-guarani. Neste sentido, estipulamos três classes de etiquetas de admissibilidade. A primeira classe refere-se à tradução em si, abrangendo o substantivo “tradução” e seu plural “traduções”, bem como o verbo “traduzir” e suas variantes de tempo e pessoa (as variantes mais encontradas estavam no pretérito perfeito do indicativo, como “traduzi”, “traduziu” e “traduzimos”). A segunda classe refere-se ao gênero de arte verbal traduzida: “canto” para cantos e “narrativa” e “mito” para narrativas. A terceira classe é de caráter linguístico e refere-se às línguas da família tupi-guarani, totalizando 38 etiquetas, correspondentes a 21 línguas e a 15 dialetos (vide tabela 1 para listagem de línguas e dialetos tupi-guarani).

As três classes de etiquetas foram utilizadas de forma combinada durante a busca de referências bibliográficas que poderiam conter traduções. Apresentamos, abaixo, um exemplo de busca realizada utilizando as etiquetas “araweté” [classe: língua], “canto” [classe: gênero de arte verbal] e “tradução” [classe: tradução].

PBI PORTAL DE BUSCA INTEGRADA

Tags | Revistas Eletrônicas (eJournals) | Livros Eletrônicos (eBooks) | Bases de Dados | Bibliotecas USP | Ajuda | Idioma: Português ▼

Busca Geral | Acervo Físico | Produção USP

Qualquer contém araweté E
 Qualquer contém canto E
 Qualquer contém tradução

Tipo de material: Todos os itens
 Idioma: Qualquer idioma
 Data de publicação: Qualquer ano
 Data inicial: Dia Mês Ano
 Data final: Dia Mês Ano

Buscar Limpar Busca Simples

Personalize Seus Resultados
 Editar
 RSS
 Enviar página para o Meu Espaço

Expandir Meus Resultados
☐ Expandir meus resultados

1 Resultados para Busca Geral Ordenado por: Relevância ▼

☆ **Emplumando a grande castanheira**
 Álvaro Faleiros Congresso Internacional da ABRAPT (11. 2013 Florianópolis)
 Estudos de tradução e diálogo interdisciplinar Florianópolis: UFSC, 2013
 Florianópolis UFSC 2013
 ● **Localização:** FFLCH - Fac. Fil. Let. e Ciências Humanas (Resumo no registro)
[Localização & Reservas](#) [Detalhes](#) [Resenhas & Tags](#) [Mais Opções](#) [Prateleira Virtual](#)

1 Resultados para Busca Geral Ordenado por: Relevância ▼

Fonte: Portal de Busca Integrada USP

As etiquetas de admissibilidade foram testadas em diferentes repositórios online e obtivemos sucesso considerável na localização de publicações que contivessem traduções de interesse desta pesquisa. Conseguimos otimizar o tempo gasto para o “escaneamento” (leitura rápida) das primeiras publicações encontradas e, assim, pudemos verificar, já neste primeiro momento, se existiam ou não traduções para serem incluídas no *corpus* da pesquisa. Em caso positivo, selecionamos a publicação para integrar o *corpus* de entradas bibliográficas e coletamos as traduções disponíveis. Após obter êxito no teste das etiquetas de admissibilidade, começamos efetivamente o levantamento propriamente dito por meio da pesquisa em bases de dados bibliográficos.

Com relação às bases de dados utilizadas, o próprio objeto de estudo criou a necessidade de que o foco não recaísse em uma biblioteca ou repositório em específico, mas, por outro lado, que fosse feita uma combinação de bases de dados, variando desde catálogos de teses até repositórios institucionais. Cada uma dessas bases revelou tanto vantagens quanto limitações em matéria de mecanismos de busca e acervo, motivo pelo qual falaremos um pouco sobre elas agora.

A principal base de pesquisa utilizada foi o Portal do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo – SIBiUSP. É composto por 67 bibliotecas alocadas em 49 unidades de ensino e pesquisa, institutos especializados, museus e hospitais, distribuídos em campi localizados em cidades do estado de São Paulo. Possui tanto acervo físico quanto digital, totalizando mais de oito milhões de itens que cobrem todas as áreas do conhecimento. Ele dá acesso ao Portal de Busca Integrada – PBi, o qual integra os recursos informacionais da USP e, no campo “busca geral”, pesquisa em todas as coleções, incluindo materiais disponíveis nos acervos físicos, itens digitais disponibilizados pela USP, Portal de Periódicos da Capes ou de acesso aberto. A opção “busca avançada” possibilita a combinação de termos e a especificação por tipo de material, idioma e data de publicação.

A maior parte das publicações disponíveis apenas em acervo físico foram encontradas nas seguintes bibliotecas da Universidade de São Paulo: Biblioteca Florestan Fernandes, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH; Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária;

Biblioteca do Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE; Biblioteca da Escola de Comunicação e Artes – ECA; e Biblioteca da Escola de Aplicação da Faculdade de Educação – EA-FE, onde foi possível encontrar a maioria dos materiais didáticos e paradidáticos.

Utilizamos também o repositório digital do Catálogo de Testes e Dissertações da CAPES, que, apesar de possuir um imenso acervo, não oferece recursos para a combinação de termos de busca e, por isso, não foram tão úteis para esta pesquisa.

Duas bases de dados dedicadas especialmente ao tema indígena foram de fundamental importância. Primeiramente, a Biblioteca Digital Curt Nimuendajú, um repositório de recursos sobre línguas e culturas indígenas sul-americanas, incluindo livros raros, artigos, dissertações e teses, que permite a busca por *tags* [etiquetas]. Já a base de dados virtual do *Summer Linguistics Institute* (SIL) – atualmente, Sociedade Internacional de Linguística – é centrada em pesquisas nas áreas de linguística e afins; seu sistema de busca disponibiliza filtros de pesquisa que auxiliam significativamente na localização de publicações, como “disponibilidade” (online e offline), “domínio” [área do conhecimento], “natureza do trabalho”, “assunto” e “idioma do assunto”.

Dentre os repositórios de instituições indígenas e indigenistas, destacamos o do Instituto Socioambiental (ISA), um dos maiores acervos digitais sobre povos indígenas, populações tradicionais e meio ambiente. O recurso de busca avançada é bem detalhado, além das publicações serem divididas em livros, teses/dissertações, documentos e outros tipos. Como seu centro de documentação está localizado em São Paulo, foi possível consultar pessoalmente as publicações disponíveis apenas no acervo físico. E uma ótima vantagem: todas as suas publicações institucionais estão disponíveis em formato digital.

Durante o processo de busca e localização de publicações, foi de fundamental importância as informações obtidas por meio de comunicação pessoal com pesquisadores especialistas nas línguas e culturas tupi-guarani. A maioria daqueles com quem entramos em contato nos forneceu indicação de publicações contendo traduções de cantos e narrativas, bem como informações de onde encontrá-las. Sem essas contribuições, muito do que foi alcançado por este levantamento não teria sido possível.

Por fim, observamos que encontramos referências bibliográficas sobre publicações em que sabíamos que continham traduções de narrativas e cantos tupi-guarani, mas que,

infelizmente, não foi possível ter acesso ao documento escrito, seja físico ou digitalizado. Grande parte refere-se a materiais de educação escolar indígena, geralmente bilíngues, publicados para serem distribuídos nas aldeias, como livros didáticos e paradidáticos, livros para alfabetização e cartilhas. Esses materiais são normalmente publicados por secretarias estaduais de educação ou por centros de pesquisa e documentação linguística de universidades, mas possuem distribuição específica em escolas. Recebemos de alguns pesquisadores indígenas e indigenistas a foto da capa e a referência bibliográfica de determinadas publicações. Disponibilizamos no Apêndice B desta dissertação uma lista das publicações não encontradas, pois acreditamos que serão de grande valia para futuros pesquisadores e pesquisadoras que pretendam pesquisar o tema.

Após concluir a seleção das publicações e a coleta das traduções disponíveis em cada uma, demos início ao segundo estágio da pesquisa, focado na organização e sistematização de dados para a construção do mapeamento dessas traduções e de seus respectivos sujeitos tradutores.

1.3.2. Organização e sistematização dos dados no *Zotero*

A utilização de programas computacionais no auxílio do gerenciamento de informações bibliográficas tornou-se um fator importante para facilitar o trabalho de usuários que precisam buscar dados na literatura e gerenciar informações de forma eficaz (DUONG, 2010). Quando tratamos especificamente de levantamentos de dados bibliográficos, essas ferramentas têm se mostrado extremamente eficientes em razão das possibilidades que oferecem para busca, compilação e sistematização de grandes quantidades de informações.

Diversos programas computacionais vêm sendo desenvolvidos especificamente para este fim, como, por exemplo, o *Mendeley*, o *EndNote* e o *Zotero*. Atualmente, há uma proliferação de ferramentas de gestão de referência que estão sendo desenvolvidas para serem

utilizadas não apenas para uso em computadores, mas também em dispositivos móveis, como celulares e tablets. São ferramentas que “visam economizar tempo para os pesquisadores e, além disso, servem para agregar valor – independentemente de como estas ferramentas são exploradas” (Zaugg et al. 2011⁶ apud YAMAKAWA et al. 2014, p. 169). Facilitam substancialmente o trabalho de pesquisa do usuário, visto que, ao fazer a busca de uma referência por meio do ISBN, DOI ou outra informação de registro da publicação, caso já esteja cadastrada, disponibilizam todos os seus dados bibliográficos, como o nome completo dos autores, título, ano de publicação, editora, local de edição e outras informações bibliométricas pertinentes. As referências também podem ser inseridas ou corrigidas manualmente.

Neste trabalho, optou-se pelo uso do *Zotero* para a organização e sistematização das entradas bibliográficas. Sua escolha em meio a tantas opções foi feita, primeiramente, com base nos ótimos comentários feitos por diversos pesquisadores e pesquisadoras usuários e na ótima avaliação obtida em pesquisas comparativas de gerenciadores bibliográficos (DUONG, 2010; MUEEN AHMED; AL DHUBAIB, 2011; TRINOSKEY; BRAHMI; GALL, 2009; XAVIER et al., 2010; YAMAKAWA et al., 2014) – Kratochvíl (2017), por exemplo, em um estudo comparativo sobre a precisão de referências bibliográficas geradas pelos gerenciadores *EndNote*, *Mendeley*, *RefWorks* e *Zotero*, mostrou que o *Zotero* e o *Mendeley* possuem a melhor performance em termos de criação e inserção de referências. Segundo, não possui custo de aquisição, diferentemente do *EndNote*; é um gerenciador de código aberto (software livre). E, terceiro, é um software com uma interface de fácil navegação e possui uma documentação de ajuda e suporte disponível online bem completa. O *EndNote*, apesar de ser um programa bem avaliado entre os usuários quanto à sua facilidade de operação para contagem e sistematização de informações, não foi desenvolvido para *Linux*, que foi o sistema operacional utilizado durante o desenvolvimento da pesquisa aqui apresentada.

O *Zotero* foi desenvolvido pela *George Mason University* e foi lançado em 2006. Possui suporte para os sistemas operacionais *Windows*, *Mac* e *Linux*. Permite organizar, armazenar e organizar referências bibliográficas e é compatível com diversas bases de dados, como o *Google Scholar* e bases de dados de outras universidades, sendo que as referências também podem ser inseridas ou corrigidas manualmente. Importa publicações existentes em

6 Zaugg, H. et al. **Mendeley: Creating communities of scholarly inquiry through research collaboration.** TechTrends, v.55, n.1, p.32-36, 2011.

PDF, bem como arquivos de imagem e vídeo. Nos arquivos em PDF, é possível destacar trechos e fazer anotações; as citações podem ser adicionadas ao *Microsoft Word*, *Open Office*, *Látex* e *Google Docs* (há diversos estilos de citação disponíveis no repositório de estilos). Caso seja usado online, o *Zotero* fornece grátis 100MB de espaço de armazenamento, cópia de segurança e sincronização de referências, permitindo que a base de dados seja acessada a partir de computadores diversos. E mais: as referências podem ser compartilhadas por meio de bibliotecas públicas ou privadas (YAMAKAWA et al., 2014).

Em razão dos benefícios destacados, esse gerenciador bibliográfico mostrou-se extremamente útil para a pesquisa ora realizada, pois, além de otimizar substancialmente o processo de mapeamento bibliográfico e permitir analisar muito mais dados do que manualmente, possibilitou compilar as entradas bibliográficas em coleções e sistematizá-las por meio de etiquetas, multiplicando as possibilidades de cruzamentos de variáveis e, conseqüentemente, o alcance quantitativo da pesquisa. Devemos mencionar ainda a possibilidade de enriquecimento permanente da base de dados e a facilidade que proporciona para a publicação dos dados, tanto de forma digital quanto impressa. Como afirmam as historiadoras Eni Samara e Ismênia Tupy sobre uso de ferramentas computacionais na pesquisa histórica: “o uso do computador, além de permitir a criação de bancos de dados, ao ressituar o objeto de estudo em um círculo diversificado de informações e apreender correlações entre vários elementos, torna-se uma poderosa e eficiente ferramenta de trabalho” (2007, p. 119).

A organização das entradas bibliográficas foi feita por coleções, correspondentes às línguas a partir das quais as traduções foram realizadas. Este trabalho utilizou como referência a listagem de línguas e povos mantida pela enciclopédia *Povos Indígenas do Brasil*, uma fonte de informações qualificada sobre o assunto. Ela foi criada em 1997 pelo Instituto Socioambiental (ISA), três anos após a sua fundação, no âmbito do Programa Povos Indígenas no Brasil. O projeto de documentação desenvolvido pela instituição, entretanto, é um trabalho bem mais antigo, realizado desde a década de 1970 por uma de suas organizações predecessoras, o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI). Foi neste período que se consolidou uma imensa rede de colaboradores com o objetivo de “colocar os índios no mapa do Brasil” e apoiar os indígenas em seus projetos.

A enciclopédia é composta por verbetes contendo informações gerais sobre cada povo. Os verbetes são de autoria de especialistas ou da própria equipe de edição da enciclopédia. Ao final dos verbetes, há uma lista de referências das bibliografias utilizadas. Tanto os verbetes quanto as bibliografias indicadas foram essenciais nesta pesquisa para se ter conhecimento de quais línguas ainda estão vivas, quais foram extintas pelo uso do português e quais estão em processo de emergência. Ainda, forneceu uma base geral sobre a situação atual de cada povo.

Concluída a organização das entradas bibliográficas de acordo com a língua nativa de partida das traduções, iniciamos a etapa da sistematização dos dados por meio de etiquetagem.

O tratamento das variáveis produzidas por este estudo, de natureza tão diversas, demandou a adoção de uma tipologia de classificação para organizar as informações em categorias, determinadas segundo sua função e/ou natureza. A etiquetagem, assim, serviu para gerar uma categorização historiográfica dos dados, de forma a viabilizar análises comparativas entre os diversos grupos de dados produzidos.

Como o levantamento realizado por esta pesquisa tem um caráter inaugural no âmbito dos estudos da tradução de artes verbais ameríndias no Brasil, foi necessário investigar informações básicas a respeito das traduções para, então, produzir um mapeamento historiográfico. Neste sentido, segui a orientação do historiador Eduardo França Paiva (PAIVA, 2002), o qual sugere perguntas fundamentais que devem dar início a todo trabalho de exploração de fontes históricas: Quando? Onde? Quem? Para quem? Para quê? Por quê? Como?

Em 2001, Lieven D'hulst realizou a mesma proposta de abordagem de fontes históricas, porém direcionada especificamente aos Estudos da Tradução e à Historiografia da Tradução. Apresento-a agora com o intuito de explicitar como o pensamento de D'hulst contribuiu para a construção das etiquetas utilizadas no mapeamento feito por esta pesquisa.

A proposta de análise historiográfica de Lieven D'hulst

Lieven D'hulst é professor de Literatura Francesa e Estudos da Tradução na Universidade Católica de Lovaina (*KU Leuven*), Bélgica. Dentre suas áreas de pesquisa, estuda a teoria e a prática da historiografia da tradução. Em 2001, publicou o artigo *Why and How to Write Translation Histories?* (2001), no qual discute a recente atenção que os Estudos da Tradução têm dado ao ponto de vista histórico e sugere alguns objetos de pesquisa histórica em Tradução. Esta publicação integrou a edição especial da revista *CROP* intitulada *Emerging Views on Translation History in Brazil* (JOHN MILTON, 2001), que abordou o tema da história da tradução no Brasil.

O mesmo estudo foi publicado por D'hulst quase uma década depois no *Handbook of Translation Studies* (GAMBIER; DOORSLAER, 2010) sob o título *Translation History* (LIEVEN D'HULST, 2010). Nessa nova publicação, D'hulst apresentou a mesma lista de objetos de pesquisa, porém com uma elaboração e uma reflexão mais refinadas, dando um melhor acabamento às ideias desenvolvidas no artigo anterior. Levando isso em consideração e o fato de que esse novo artigo abarca as ideias centrais do primeiro, optamos por utilizá-lo como principal fonte teórica para o desenvolvimento das etiquetas de sistematização do *corpus* compilado, recorrendo ao artigo de 2001 apenas quando necessário.

Cabe observar que a diferença mais notória entre os artigos em termos de conteúdo reside na primeira parte do novo estudo e refere-se às divisões do estudo da história. No artigo de 2001, D'hulst discute que a história, enquanto disciplina e ponto de vista de pesquisa, pode ser dividida em história (propriamente dita) e historiografia. No estudo atualizado de 2010, o autor acrescenta uma terceira categoria à divisão, a meta-historiografia.

A história corresponde à

“própria sequência de fatos, eventos, ideias, discursos etc. (*res gestae*). Por extensão, também pode ser entendida como ‘*historia rerum gestarum*’, ou seja, como uma forma de apresentação oral ou escrita destes fatos, eventos

etc.; uma forte tradição favorece a forma de apresentação narrativa”^{7 8} (D’HULST, 2010, p. 397).

Já a historiografia, em seu sentido tradicional, é definida como a “história das histórias, ou seja, a história das práticas do registro escrito da história” (ibid.; p. 397). É também entendida como a história de outras práticas intelectuais, como a linguística, a filosofia, a literatura, a ciência, entre outras. Neste sentido, a historiografia se desenvolveu como uma forma de atividade acadêmica que combina conceitos e métodos históricos com a competência específica que pertence ao campo intelectual estudado (ibid., p. 397).

A terceira categoria corresponde à meta-historiografia, a qual refere-se à

“reflexão operada sobre os conceitos e métodos utilizados para escrever a história, bem como sobre os problemas epistemológicos e metodológicos relacionados ao uso destes conceitos e métodos”¹⁰ (ibid.; p. 398).

Lida, de forma mais específica, com **pressupostos** (quais são as finalidades da pesquisa histórica, quais são os critérios usados para se alcançar a cientificidade etc.); **tempo** (quais conceitos são utilizados para periodização, como, por exemplo, era, século, geração, entre outros); **espaço** (quais conceitos são utilizados para designar divisão espacial, como nacional, local, ocidental, pós-colonial), **formato** (como o objeto de pesquisa é apresentado, ou seja, como cronograma, crônica, narrativa, descrição, argumentação); e **metalinguagem** (em outras palavras, a linguagem usada para descrever outras linguagens e discursos, incluindo a do historiador). Especificamente sobre esse último ponto, a maioria das questões listadas normalmente contém um aspecto metalinguístico que pode, conseqüentemente, tornar-se objeto de investigação futura (ibid., p. 398).

É com base nesses conceitos e procedimentos, comenta D’hulst, que o/a historiador/a estará munido/a para responder a perguntas mais concretas relacionadas a um *corpora* específico. De qualquer forma, resta saber até que ponto essas três categorias estão representadas na pesquisa histórica em tradução.

7 “[...] the proper sequence of facts, events, ideas, discourses, etc. (*‘res gestae’*). By extension, history is also understood as the *‘historia rerum gestarum’*, an oral or written mode of presentation of these facts, events, etc.; a strong tradition favors a narrative mode of presentation.”

8 Essa e outras traduções presentes nesta dissertação são minhas, a não ser que eu indique o contrário.

9 “[...] the history of histories, i.e., the history of the practices of history-writing”.

10 “[...] the explicit reflection on the concepts and methods to write history and also on epistemological and methodological problems that are related to the use of these concepts and methods.”

Na segunda parte de ambos os artigos, D'hulst concentra-se na discussão dos diversos objetos de pesquisa em história da tradução, marcadamente sobre os objetos formais ou pontos de vista históricos próprios da historiografia (ibid., p. 399). Trata-se de uma visão geral sobre vários objetos, organizada de acordo com o método que Quintiliano, Cícero e outros utilizaram para abordar a oratória por meio da produção de um catálogo de *loci* circunstanciais, relacionados aos atributos referentes à pessoa ou à ação. Com o tempo, esse método tornou-se popular entre oradores e estudiosos de retórica. O autor francês do século XII Mateus de Vendôme, em seu estudo sobre a arte da poesia ou versificação (*Ars versificatoria* 1175, I, 116 apud ibid., p. 399), converteu o método retórico na seguinte fórmula: quem (*quis*); o que (*quid*); onde (*ubi*); por quais meios (*quibus auxiliis*), por que (*cur*); como (*quomodo*); quando (*quando*) (2010, p. 399–403). Esses *loci* circunstanciais passaram a ocupar um papel importantíssimo na cultura medieval, sendo usados, inclusive, como um método exegético para a interpretação de textos.

A fórmula descrita por Mateus de Vendôme tornou-se bem conhecida e passou a ser muito usada em outras áreas do conhecimento, como no jornalismo e no direito criminal, com o objetivo de produzir e agrupar ideias, hipóteses e argumentos (ibid., p. 399). No campo dos Estudos da Tradução, foi utilizada no desenvolvimento da teoria funcionalista¹¹ e forma o ponto de partida do que Anthony Pym denominou como “arqueologia da tradução”¹² (2014, p. 5).

Seguindo, então, a proposta de Mateus de Vendôme, D'hulst sugere possíveis objetos de pesquisa histórica pensando em cada um desses *loci* circunstanciais, mas aplicando-os aos Estudos da Tradução. Ao utilizar a fórmula de Mateus de Vendôme, D'hulst cria um eixo transversal dos estudos históricos da tradução, englobando teoria, processo,

11 Sua aplicabilidade no campo da tradução foi discutida por Reiss, Bühler, Hönig e Nord. Christiane Nord, por exemplo, em *Text Analysis and Translation: Theory, Method, and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis* (1991), faz uso da “Fórmula Q”.

12 “A arqueologia da tradução caracteriza-se por um conjunto de discursos que têm como objetivo responder, no todo ou em parte, a complexa questão: quem traduziu o que, como, onde, quando, para quem e com qual efeito? Pode incluir qualquer coisa desde a compilação de catálogos até a realização de pesquisas biográficas sobre tradutores. O termo ‘arqueologia’ não é utilizado aqui de forma pejorativa, nem implica nenhuma revelação de ordem foucaultiana. Simplesmente denota uma área fascinante, que normalmente envolve um complexo trabalho de detetive, imenso autossacrifício e um grande serviço prestado a outras áreas da história da tradução / *Translation archaeology is a set of discourses concerned with answering all or part of the complex question ‘who translated what, how, where, when, for whom and with what effect?’*. It can include anything from the compiling of catalogues to the carrying out of bibliographical research on translators. The term ‘archaeology’ is not meant to be pejorative here, nor does it imply any particularly Foucauldian revelations. It simply denotes a fascinating field that often involves complex detective work, great-sacrifice and very real service to other areas of translation history” (PYM, 2014, p. 5).

crítica, ensino, entre outros. Neste ponto, diverge do que foi proposto por James Holmes em seu clássico mapa disciplinar (2004 [1972]), criado para descrever e situar as diferentes atividades acadêmicas no âmbito dos Estudos da Tradução.

D'hulst afirma que Holmes insere os estudos relacionados à história da tradução no ramo dos estudos descritivos focados no produto¹³, área de pesquisa que se dedica à descrição de traduções existentes, voltando-se especificamente para o texto em si. Ele critica o enquadramento restrito que Holmes dá à história da tradução em seu mapa e fornece uma nova perspectiva a este campo de estudos:

O famoso modelo criado para os Estudos da Tradução por James Holmes (J. Holmes 1988; veja também G. Toury 1995, p. 9-19), no qual os “Estudos Históricos da Tradução” fazem parte do ramo dos Estudos Descritivos da Tradução focados no produto, é um exemplo da situação de inferioridade da pesquisa histórica: não admite o fato de que pontos de vista históricos podem ser aplicados a todo um conjunto de atividades acadêmicas que lidam com a tradução, incluindo atividades focadas no processo e na função, bem como em teorias da tradução e até em pesquisas aplicadas, como aquelas relacionadas à crítica e à formação de tradutores¹⁴ (2010, p. 398-399).

Neste sentido, D'hulst amplia a noção de história da tradução para além dos estudos descritivos, possibilitando o desenvolvimento de uma série de análises que estão na interação da historiografia com a teoria, a crítica, a didática e assim por diante.

Chamamos a atenção para o fato de que a visão de Holmes sobre os Estudos da Tradução era essencialmente voltada para o texto¹⁵. Outros elementos, como o sujeito tradutor e a própria história da tradução, acabaram por ter uma posição secundária em seu modelo; Pym (1998), por exemplo, aponta para a ausência da pesquisa histórica no mapa. Entretanto, em 1972, época em que Holmes publicou seu mapeamento disciplinar pela primeira vez, a história da tradução ainda não tinha despontado como uma área sólida de estudos e pesquisas

13 “[...] um dos objetivos finais dos Estudos Descritivos da Tradução poderia ser uma história geral da tradução – independentemente de quão ambicioso tal objetivo possa soar neste momento” / “[...] *one of the eventual goals of product-oriented DTS might possibly be a general history of translation – however ambitious such a goal may sound at his time.*” (HOLMES, 2004, p. 177).

14 “*James Holmes’s famous model of Translation Studies (J. Holmes 1998; see also G. Toury 1995:9-19), in which ‘Historical Translation Studies’ was part of product-oriented ‘Descriptive Translation Studies’, is a token of the Cinderella situation of historical research: it does not acknowledge the fact that historical viewpoints may be applied to the entire set of scholarly activities dealing with translation, thus including process and function oriented activities, as well as translation theories and even applied forms of research such as criticism or training.*”

15 Concorde com Andrew Chesterman quando comenta que “isto não é uma surpresa, considerando seu especial interesse em tradução literária e pesquisa literária” / “[...] *this is not surprising, in view of his own special interest in literary translation and research on it*” (2009, p. 19).

– inclusive, não havia consenso nem sobre o nome, o escopo ou a estrutura da disciplina Estudos da Tradução, sendo Holmes o responsável por estabelecer os primeiros passos neste sentido; tal fato deve ser levado em conta.

De qualquer forma, esse novo olhar transversal conferido por Lieven D’hulst ao mapa de Holmes tendo como ponto central a história da tradução é extremamente enriquecedor e abre possibilidades interessantes quanto a objetos de pesquisas, problemáticas e métodos.

Apresentamos, a seguir, um breve resumo das ideias principais de Lieven D’hulst a respeito dos elementos da sua fórmula. Aproveito para estabelecer algumas conexões iniciais entre as ideias de D’hulst e esta pesquisa – lembrando que isso será melhor desenvolvido no próximo tópico, *Etiquetagem*, no qual demonstramos como as sugestões de D’hulst foram aplicadas para a construção das etiquetas de análise do *corpus*.

Quis (quem)

“Abordar esta questão significa direcionar o foco histórico para o tradutor e a tradutora (ou, de igual modo, para o pesquisador e a pesquisadora em tradução), considerados a partir de diversos pontos de vista: contexto social ou intelectual (qualificações, gênero e perfil socioeconômico, ideológico e cultural), produção (tradutória, crítica, autoral etc.), formação e rede de relações”¹⁶ (D’HULST, 2010, p. 399).

Pensando não só no sujeito tradutor mas também nos outros sujeitos que podem estabelecer algum tipo de relação com o trabalho de tradução, como o pesquisador e a pesquisadora, por exemplo, D’hulst menciona a pouca atenção que estudiosos e estudiosas da tradução têm recebido até o momento. Exceto por alguns pesquisadores/as de renome, é escassa a produção de memórias, biografias e trabalhos acadêmicos voltados para estes sujeitos. Ressalta, entretanto, a importância que entrevistas e produções similares podem ter futuramente para descrever o papel desses/as estudiosos/as na evolução dos Estudos da Tradução (ibid., p. 339-400).

16 “To address this question means to direct the historical focus on the translator (or, by the same token, on the translation scholar), envisaged from numerous viewpoints: intellectual and social backgrounds (training, gender, socio-economic, ideological and cultural profile), production (translational, critical, authorial etc.), group formation and network relations”.

Há um campo específico denominado Estudos do Tradutor, que se dedica especificamente ao estudo destes sujeitos ou, melhor dizendo, concebe tais sujeitos como seu foco central, como o ponto de partida do problema de pesquisa. Para este campo, segundo Chesterman (2009, p. 15), “textos são secundários, os tradutores e tradutoras são o principal; esta priorização conduz a problemas de pesquisas bem diferentes”¹⁷.

A circunstância *quis* foi aplicada nessa pesquisa com o objetivo de descobrir quem foram os tradutores e tradutoras responsáveis pelas traduções realizadas, bem como quem foram os/as intérpretes que auxiliaram alguns tradutores e tradutoras no processo de tradução dos cantos e narrativas.

Quid (o que)

“O que foi traduzido? E o que não foi? Em outras palavras, quais foram os critérios de seleção e os procedimentos concretos de seleção que foram aplicados aos textos a serem traduzidos?”¹⁸ (D’HULST, 2010, p. 400). Cabe também perguntar o que foi escrito sobre tradução, ou seja, quais gêneros ou tipos de reflexão foram produzidos. Os tipos mais comuns, segundo D’hulst, são prefácios, críticas, tratados, pesquisas históricas e teorias; porém, nem todos recebem a mesma atenção. Para responder a estas perguntas, faz-se necessário produzir bibliografias de traduções existentes, bem como investigar o que poderia ter sido traduzido, mas não foi. Pensando nas bibliografias, é válido analisar quais parâmetros foram utilizados (linguístico, temporal, entre outros), bem como que tipo de suporte foram abarcados (por exemplo, seleção apenas de materiais impressos ou também de materiais publicados online) (D’HULST, 2001, p. 25-26; 2010, p. 400).

Para a construção do *corpus* desta pesquisa, buscamos verificar o que foi traduzido considerando dois gêneros de artes verbais tupi-guarani: cantos e narrativas. Focamos nos textos traduzidos e consideramos também os paratextos contidos nas publicações em que as traduções estavam inseridas, com vistas a coletar informações relacionadas às categorias utilizadas para construir o mapeamento.

17 “[...] texts are secondary, the translators themselves are primary; this priority leads to quite different kinds of research questions.”

18 “What has been translated? And what not? In other terms: what have been the selection criteria and the concrete selection procedures that have been applied for texts to be translated?”.

Com relação ao suporte de publicação, consideramos tanto materiais impressos quanto publicações online, compreendendo livros, materiais didáticos e paradidáticos, teses, dissertações e artigos científicos. Damos especial atenção aos textos disponíveis em ambiente virtual para que indígenas que se interessem por eles mas que não tenham acesso a bibliotecas físicas possam acessá-los por meio da internet a partir de suas aldeias (obviamente, nos locais que já possuem acesso a este recurso)¹⁹.

Ubi (onde)

Focando especificamente nas traduções, “onde foram escritas, impressas, publicadas e distribuídas?”²⁰ (D’HULST, 2001, p. 26-28; 2010, p. 400-401).

Essa é uma pergunta que, no nosso entendimento, possui várias camadas e não envolve apenas uma questão geográfica, mas também política e sociocultural. Pensemos nas editoras: uma tradução publicada por uma editora universitária tem propósitos e públicos diferentes de uma tradução publicada por uma editora como a Companhia das Letras, que também é diferente de outra publicada pela Rosa dos Tempos, dedicada a obras de gênero e interesse feminino. Isso pode ocorrer, inclusive, com retraduições de um texto em uma mesma língua, diferindo substancialmente em forma e conteúdo dependendo de onde serão distribuídas e o público que visam atender.

D’hulst ressalta que a pergunta “onde” não pode ser respondida referindo-se a uma única tradição nacional isolada. Por exemplo, a partir do século XVI, gramáticas e modelos sobre o ensino de línguas e sobre tradução espalharam-se pela Europa (vide os materiais produzidos pelos Jesuítas no Brasil), bem como por colônias da América do Sul e da Ásia, o que provavelmente ajudou a estabelecer conceitos e métodos básicos para o aprendizado linguístico e técnicas de tradução nestas culturas. Deve-se levar em conta, nesse processo, as

19 Para mais informações sobre a inclusão digital dos povos indígenas nos dias de hoje e a apropriação da internet pelos mais jovens como ferramenta educacional, sugerimos a leitura do texto *O que dizem (e pensam) os índios sobre as políticas de inclusão digital?*, disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/O_que_dizem_\(e_pensam\)_os_%C3%AAdndios_sobre_as_pol%C3%Adticas_de_inclus%C3%A3o_digital%3F](https://pib.socioambiental.org/pt/O_que_dizem_(e_pensam)_os_%C3%AAdndios_sobre_as_pol%C3%Adticas_de_inclus%C3%A3o_digital%3F).

20 “Where have translations been written, printed, published, distributed?”

mudanças por que passam tais métodos e conceitos e como frequentemente se mesclam com aqueles de origem indígena (TALK-HUNG CHAN, 2004²¹ apud D’HULST, 2010, 401).

O autor sugere também que as perguntas focadas no lugar sejam direcionadas aos sujeitos envolvidos no trabalho de tradução. Neste sentido, onde vivem e trabalham os tradutores? Ou ainda onde vivem e trabalham os pesquisadores e os estudantes de tradução? (D’HULST, 2001, p. 27).

Na pesquisa que realizamos, a circunstância *ubi* serviu para investigarmos de quais áreas do conhecimento partiram as iniciativas de tradução. Algumas áreas dominam esse cenário, como a antropologia, a linguística e a literatura, e isso já era esperado, mas outras áreas revelaram-se um terreno fértil e em crescimento, como a educação e a literatura produzida por indígenas, como veremos no capítulo 3.

Quibus auxiliis (por quais meios)

Por quais meios os tradutores e tradutoras desenvolvem seu trabalho? Ou, como formulado por D’hulst: “Quais instâncias oferecem que tipo de suporte aos tradutores e tradutoras?”²² (2010, p. 401). Essa pergunta, segundo D’hulst, está estritamente relacionada à patronagem e a outros mecanismos de controle sobre o ofício do sujeito tradutor, incluindo censura, crenças, mecanismos de subsídio, preços, entre outros (D’HULST, 2001, p. 28; 2010, p. 401). Relaciona-se também às redes de relações que se estabelecem entre editoras, autores/as e tradutores/as, bem como às relações de poder existentes, tema muito pesquisado pelo campo dos estudos da tradução pós-coloniais.

Nesta pesquisa, tal circunstância foi direcionada para a investigação das editoras e instituições responsáveis pelo processo de publicação das traduções, bem como em entender qual sua natureza (quais são editoras universitárias; editoras tradicionais; editoras independentes; entre outros tipos de editoras e formas de edição e publicação, como indivíduo independente, associação indígena local e secretaria educacional governamental).

21 CHANG, Leo Tak-hung. **Twentieth-Century Chinese Translation Theory. Modes, issues and debates.** Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2004.

22 “Which instances offer which sort of support to translators [...]?”.

Cur (por que)

“Por que as traduções ocorrem e por que ocorrem como ocorrem (com suas formas e funções específicas)?”²³ (D’HULST, 2010, p. 401). Traduções estabelecem relações específicas com textos de partida, possuindo formas e funções também específicas. Para D’hulst, essas parecem ser as perguntas de última instância da pesquisa tradutológica. Entretanto, deveriam ser descartadas por parecerem utópicas? Segundo ele, não se deve subestimar o valor heurístico de afirmações explicativas hipotéticas que formulam respostas iniciais para perguntas, pois possuem o potencial de apontar direções possíveis para pesquisas futuras (D’HULST, 2001, p. 28-29; 2010. p. 401-402).

Essa é uma pergunta de cunho subjetivo, que busca investigar razões, intenções e motivações. Relaciona-se, assim, a aspectos qualitativos da tradução. E, como esta pesquisa focou apenas em dados de ordem quantitativa, não foi considerada para fins de análise do material coletado para não fugir do tipo de análise pretendida.

Quomodo (como)

Como foi o processo de criação e desenvolvimento das traduções? Como se modificaram no tempo e no espaço? D’hulst afirma que a história da comunicação tradutória e, especialmente, das normas que guiam o processo tradutório, é, de longe, a área mais desenvolvida da pesquisa em história da tradução. Já o estudo da produção e da evolução de meta-historiografias tem sido feito em escala muito menor (2010, p. 402).

Este é o elemento “como” das circunstâncias apresentadas e pode ser pensado de muitas maneiras, tanto a partir das traduções em si, como a partir dos/as tradutores/as, dos/as pesquisadores/as em tradução ou das instituições envolvidas, por exemplo. Abre um leque extenso de possibilidades. Vê-se, assim, como é possível fazer uma combinação dos elementos da fórmula e estabelecer objetos de pesquisas de fato transversais, como almejou D’hulst.

23 “*Why do translations occur and why do they occur the way they are (with their specific forms and functions)?*”.

Quando (quando)

“De forma bem geral: historicamente, quando as traduções ocorreram?”²⁴ (2001, p. 29). D’hulst comenta que essa pergunta cobre uma série de questões, como, por exemplo, o momento de origem da tradução, suas variações em certos períodos e as formas de categorização temporal possíveis. E, para ele, uma verdadeira arqueologia da tradução é ainda incipiente neste aspecto se comparada com as conquistas alcançadas pela história dos contatos linguísticos (2010, p. 403).

Segundo o autor, bibliografias de traduções podem ajudar a entender padrões de ocorrência em determinados períodos, organizadas segundo critérios de distribuição aprimorados (autores, gêneros, línguas etc.) (D’HULST, 2001, p. 30).

Este trabalho buscou preencher minimamente a lacuna temporal existente na história da tradução das artes verbais tupi-guarani no Brasil ao produzir uma bibliografia historiográfica organizada em ordem cronológica. Mesmo sendo um recorte mínimo se comparado aos mais de cinco séculos de história de ocupação do território brasileiro (apenas os últimos 50 anos), representa um primeiro passo para a produção de mais pesquisas nesse sentido. A intenção desta pesquisa foi catalogar a bibliografia de trás pra frente, ou seja, iniciando em 2019 e retrocedendo ano a ano, a fim de cobrir o máximo de anos possível no período de pesquisa dado. Entretanto, logo verificamos que seria interessante estabelecer também um outro parâmetro temporal de recorte, um parâmetro mais amplo, mas não tão amplo a ponto de prejudicar a qualidade da cobertura historiográfica pretendida. Definimos, então, organizar os dados não só por ano, mas também por década. A década de 1970, por ser o período em que houve um boom em termos de publicação e divulgação dessas traduções, pareceu-nos ser a década mais adequada para estabelecermos como marco temporal final da pesquisa (ou inicial, para a apresentação cronológica do *corpus*), opinião reforçada pelo tempo disponível para produzir a dissertação.

Cui bono (qual a função)

24 “Very generally: when in history does translation take place?”.

“Quais os efeitos da tradução, suas funções e usos na sociedade?”²⁵ (2010, p. 403). É uma pergunta central para se investigar o processo de recepção de uma tradução. A Literatura Comparada tem produzido uma quantidade imensa de informações sobre isso, apesar de nem sempre estarem sustentadas por uma visão clara do que este conceito significa, visto que traduções operam em redes complexas e são parte de sistemas e estruturas maiores (2010, p. 403).

Como esta pesquisa não teve como objetivo investigar fatores relacionados à recepção das traduções, a circunstância *cui bono* não foi considerada.

A lista de objetos de estudo apresentados por D’hulst não pretende ser exaustiva nem constituir um programa de pesquisa, segundo o autor (2001, p. 31). A intenção é *mostrar* o que pode ser estudado pela historiografia da tradução, uma disciplina ou subdisciplina que ainda precisa encontrar seu caminho nos Estudos da Tradução (2010, p. 403). Para ele, há poucos exemplos de pesquisas profundas capazes de lidar com várias destas questões.

Cremos que, idealmente, pesquisas desta natureza precisam ser transdisciplinares, precisam ser compartilhadas por pesquisadores/as, centros de pesquisa e universidades para conseguir de fato um aprofundamento, tanto teórico quanto prático.

Pensando na presente pesquisa, por exemplo, o tempo revelou-se escasso para que fosse possível realizar um estudo aprofundado, pois o *corpus* foi construído do zero e não se baseou em nenhum levantamento prévio. É totalmente novo: até o momento, não se tem conhecimento de pesquisas da mesma natureza, que focaram em mapear traduções para o português de artes verbais indígenas. Por outro lado, é exatamente sua absoluta novidade que fez com que se adotasse uma metodologia exploratória mais horizontal e abrangente, ao invés de uma verticalidade sobre um ou outro ponto em específico. Entendemos que sua contribuição reside exatamente no fato de disponibilizar dados variados e possibilidades

25 “What are the effects of translation, their functions and uses in society?”.

múltiplas de pesquisas futuras para aqueles que pretendam aprofundar-se sobre pontos particulares.

Etiquetagem

Como mostramos na seção anterior, D'Hulst oferece vários caminhos para se escrever história(s) da tradução (incluído aqui a historiografia e a meta-historiografia), entendida não apenas como uma parte dos Estudos Descritivos da Tradução, mas como um eixo transversal que perpassa os vários campos do mapa disciplinar de Holmes. Nesse sentido, ela cria uma espécie de mapa das histórias da tradução.

Esta pesquisa, por estabelecer como objetivo a criação de um *corpus* bibliográfico de cantos e narrativas tupi-guarani, parece, à primeira vista, adotar a proposta mais estrita de Holmes de história da tradução do que a proposta mais transversal de Lieven D'hulst. Nossa intenção foi reunir um *corpus* de traduções para então, a partir dele, obter informações sobre os textos em si, mas também além deles, como quem são os/as tradutores/as e intérpretes envolvidos nos projetos de tradução de cantos e narrativas ameríndias nos últimos 50 anos, bem como seu gênero e etnia; quais são as instituições e sujeitos responsáveis pela publicação e circulação destas traduções; entre outras. Entretanto, apesar de analisar questões que vão além do texto, ainda assim é uma pesquisa com um caráter mais descritivo, pois não abordou questões relativas à função e ao processo, nem teoria, crítica ou ensino.

O que utilizamos do referencial teórico-metodológico de D'hulst não foi tanto seu olhar transversal sobre outras disciplinas dos Estudos da Tradução, mas sim suas sugestões de objetos de pesquisa, as quais serviram para pensarmos e elaborarmos nossas próprias questões a serem investigadas a partir do *corpus* bibliográfico construído. Neste sentido, os *loci* circunstanciais sugeridos por Lieven D'hulst para o estudo da história e da historiografia da Tradução serviram de base para a concepção de classes de análise das traduções e dos

paratextos. Cada classe, por sua vez, foi dividida em categorias específicas, designadas por meio de etiquetas. Apresentamos o esquema descrito a seguir:

Classe 1: *Quid* (o que)

Esta classe focou em quais artes verbais foram traduzidas dentre dois gêneros específicos de artes verbais, a narrativa e o canto, bem como no tipo de publicação na qual as traduções estão inseridas. Sendo assim, foram geradas duas subclasses com as seguintes categorias:

1.1. Gênero de arte verbal:

- ✓ *Canto:* este gênero inclui cantos rituais, cantos tradicionais, canções de ninar e outros tipos similares que tenham sido definidos nas publicações pelo termo “canto”, “canção” ou “música”;
- ✓ *Narrativa:* compreende mitos, narrativas cosmogônicas e narrativas que abordem práticas tradicionais e aspectos da vida social.

Não consideramos, para fins de levantamento, outras formas de artes verbais, como falas de chefe, depoimentos, discursos e relatos autobiográficos. Apesar de muito comuns na literatura etnográfica e de constituírem fontes de análise interessantíssimas, ampliariam demasiadamente o escopo desta pesquisa.

Observamos ainda a etnologia ameríndia especializada no estudo das artes verbais revela uma grande complexidade envolvida no processo de distinção de categorias ou gêneros de palavras. Cada etnia tem gêneros próprios e suas classificações por etnólogos levam em conta critérios êmicos, epistêmicos e outros. No estudo de Viveiros de Castro sobre os cantos araweté, por exemplo, o etnólogo distingue a ‘música dos deuses’ (*Mai marakã*), cantada pelos deuses através dos xamãs, e a ‘música dos inimigos’ (*awĩ marakã*), cantada pelo matador mas ensinadas por uma vítima inimiga. Guilherme Heurich, por sua vez, retomando essa distinção, propõe outra oposição, ‘cantos que dançam’ e ‘cantos que cantam’, a qual estabelece como critério de diferenciação a forma poética ou de “execução” dos cantos

(AVERY, 2019, p. 42-43). Dito isso, a estratégia de classificação adotada nesta pesquisa tentou simplificar essas nuances (apesar de extremamente fundamentais para a contextualização das narrativas e cantos coletados) fazendo uso do equivalente ocidental de canto e narrativa, visto que o objetivo central foi realizar um levantamento quantitativo das traduções e uma descrição historiográfica resumida sobre cada uma delas, sem realizar uma análise pormenorizada de uma ou outra em específico.

1.2. *Tipo de publicação:*

- ✓ *Livro:* esta categoria considera qualquer publicação no formato livro e não foi diferenciada quanto ao perfil dos leitores (juvenil, infanto-juvenil e adulto);
- ✓ *Tese:* engloba teses, dissertações e monografias;
- ✓ *Artigo de periódico;*
- ✓ *Material didático:* refere-se tanto a materiais didáticos quanto paradidáticos;
- ✓ *Outro:* refere-se a produtos de consultoria, relatórios e outros tipos de documentos que não se enquadram em nenhuma das categorias acima.

Classe 2. *Quis* (quem)

Esta classe tem como foco o sujeito tradutor, bem como o/a autor/a das publicações nas quais as traduções estão inseridas. As etiquetas relacionadas a esta classe dividem-se em quatro subclasses:

2.1. *Autor/a da publicação:*

- ✓ *Autor/a:* refere-se ao sujeito responsável pela criação do conteúdo intelectual ou artístico da publicação, pela escrita do texto a ser editado, mas que não executou a tradução do(s) canto(s) e/ou narrativa(s) presente(s) na obra;

- ✓ *Autor/a-tradutor/a*: sujeito que foi o autor da publicação e que também realizou as traduções nela presente, seja de forma autônoma ou com assistência de um/a tradutor/a ou intérprete indígena;
- ✓ *Organizador/a*: sujeito que reuniu na publicação textos e traduções de outros/as autores/as e tradutores/as;
- ✓ *Organizador/a-assistente*: sujeito que reuniu na publicação textos e traduções de outros autores/as e tradutores/as e que também auxiliou no processo de tradução.

2.2. *Área do/a tradutor/a*: em diversos casos mapeados, as traduções foram realizadas por pessoas como antropólogos/as, linguistas, etnomusicólogos/as, educadores/as, entre outros. Apenas em alguns casos pontuais foram realizadas por tradutores/as que reconhecem a tradução como primeiro ofício ou profissão. Por isso, as categorias dessa subclasse variaram de acordo com o ofício ou profissão dos sujeitos criadores das traduções.

- ✓ *[Ofício ou profissão do/a tradutor/a]*

2.3. *Gênero do/a tradutor/a*: esta subclasse teve como objetivo principal verificar a distribuição da tarefa da tradução entre gêneros. Não inclui a categoria “não-binário” (a qual abarca a multiplicidade de gênero, a ausência de gênero e a parcialidade de gênero, entre outros), pois, em nenhum dos casos investigados, foi possível verificar tradutores/as que pertencessem a essa categoria. Por isso, esta subclasse se restringiu às categorias:

- ✓ *Mulher*
- ✓ *Homem*

2.4. *Etnia do/a tradutor/a*: o objetivo aqui não foi verificar a distribuição de traduções entre diferentes etnias existentes, mas sim entender a presença de indígenas no universo dos/as tradutores/as de artes verbais no Brasil. Tendo isso em mente, adotamos duas categorias:

- ✓ *Indígena*

- ✓ *Não indígena*

Classe 3. *Ubi* (onde)

Na listagem desta classe, conforme dito na seção anterior, o foco não recaiu sobre a distribuição geográfica das publicações (ou, como propôs Lieven D'hulst, onde foram escritas, impressas, publicadas e distribuídas), mas sim sobre as áreas do conhecimento de onde partiram as traduções. Sendo assim, as categorias de etiquetas foram estabelecidas de acordo com as áreas do conhecimento onde foram produzidas (exemplo: antropologia, linguística, literatura, educação etc.).

- ✓ *[Área do conhecimento]*

Classe 4. *Quibus auxiliis* (por quais meios)

Esta classe se refere especificamente às instituições responsáveis pela publicação das obras nas quais as traduções estão inseridas. As etiquetas escolhidas foram:

- ✓ *Editora*: utilizada quando a publicação foi feita por editora tradicional ou comercial;
- ✓ *Universidade*: trata das publicações feitas especificamente em âmbito universitário, seja em nível de qualificação acadêmica e tornadas disponíveis em repositório institucional, como teses e dissertações, ou publicações propriamente ditas realizadas por editora universitária;
- ✓ *Organização indígena ou indigenista*: diversas organizações indígenas e indigenistas realizam publicações próprias decorrentes de pesquisas e trabalhos realizados junto a povos indígenas;
- ✓ *Museu do Índio*: O Museu do índio, da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, mereceu uma etiqueta específica em razão da sua importância como instituição de preservação e promoção do patrimônio cultural indígena. Possui um trabalho antigo e significativo de divulgação da diversidade histórica e cultural desses povos, principalmente por meio de publicações;

- ✓ *Independente*: corresponde às publicações feitas de maneira independente por pessoas físicas e jurídicas.

Classe 5. Quando (quando)

As etiquetas são de duas subclasses e variam de acordo com o dado obtido.

- ✓ *[Ano da publicação]*
- ✓ *[Década da publicação]*

A divisão entre ano e década foi estabelecida para que fosse possível pensar os períodos históricos a partir de dois referenciais temporais distintos.

Classe 6. Quomodo (como)

A classe *quomodo* trata de aspectos relacionados à forma de execução das traduções. Sendo assim, o material foi classificado em duas subclasses, *tipo de tradução* e *apresentação do texto*.

6.1. Tipo de Tradução:

6.1.1. Quanto ao texto de partida:

- ✓ *Tradução Original*²⁶: também designada como primeira tradução, referente aos casos em que esta foi feita a partir do texto original;
- ✓ *Retradução*: para esta categoria, assumo os quatro primeiros sentidos apresentados por Álvaro Faleiros em seu artigo *A noção de retradução nos estudos da tradução: um percurso teórico* (2014, p. 38–39), no qual retoma definições propostas por Ladmiral

26 Observamos que, quando o termo “tradução” for utilizado de forma genérica, será uma referência tanto a textos traduzidos como retraduzidos. Porém, quando for utilizado em comparação ao termo “retradução”, será uma referência apenas à primeira tradução de um texto.

(2012)²⁷, Chevrel (2010)²⁸ e Gambier (2012)²⁹. Retradução como nova tradução de um mesmo texto de partida; revisão de uma tradução já realizada; retrotradução (retraduzir, na mesma língua do “original”, uma tradução desse “original”; e tradução de uma tradução (uma tradução intermediária é tomada como texto de partida). Não considere apenas o quinto sentido, segundo o qual retradução pode ser toda e qualquer tradução, na medida em que é possível que toda tradução seja por si só uma retradução, pois conflitaria com a primeira categoria e, conseqüentemente, com a divisão proposta por esta classe.

6.1.2. *Quanto à língua de partida:*

- ✓ *Direta:* quando a tradução é feita a partir do texto original;
- ✓ *Indireta:* quando a tradução é feita a partir de outra tradução em língua intermediária, ou seja, a tradução intermediária é utilizada como texto-fonte.

✓ 6.1.3. *Quanto à assistência recebida para execução da tradução:*

- ✓ *Autônoma:* quando a tradução foi feita sem o auxílio de um intérprete indígena;
- ✓ *Assistida:* quando a tradução foi feita com o auxílio de um intérprete indígena.

✓ 6.1.4. *Quanto à existência de comentários:*

- ✓ *Comentada:* quando a tradução é acompanhada de comentários ou notas a respeito do processo de tradução;
- ✓ *Não comentada:* quando não há comentários feitos sobre a tradução.

27 LADMIRAL, Jean-René. Nous autres traductions, nous savons maintenant que nous sommes mortelles. In: MONTI, E.; SCHNYDER, P. (orgs.). **Autour de la retraduction**. Paris: Orizons, 2012, p. 29-49.

28 CHEVREL, Yves. Introduction: la retraduction – und kein Ende. In: KAHN, Robert; SETH, Catriona. **La retraduction**. Rouen: Publications des Universités de Rouen et du Havre, 2010, p. 11-21.

29 GAMBIER, Yves. La retraduction: ambiguïtés et défis. In: MONTI, E.; SCHNYDER, P. (orgs.) **Autour de la retraduction**. Paris: Orizons, 2012, p. 49-67.

6.2. Apresentação do texto:

- ✓ *Monolíngue*: texto apresentado apenas em português;
- ✓ *Bilíngue*: quando há dois textos, o original na língua de partida e a tradução para o português;
- ✓ *Monolíngue e bilíngue*: caso a publicação contenha traduções nos dois formatos anteriores.

Como já explicitado anteriormente, não trabalhamos com as circunstâncias *cur* (por qual motivo as traduções ocorrem) e *cui bono* (quais os efeitos da tradução, suas funções e usos na sociedade) por entender que fugiriam do escopo do mapeamento realizado.

1.3.3. Mapeamento e análise de dados

Os dados passaram por uma análise exploratória com o objetivo de mapear aspectos gerais relacionados às traduções e aos sujeitos tradutores de cantos e narrativas tupi-guarani. A partir do cruzamento das etiquetas (categorias de análise) apresentadas acima no gerenciador bibliográfico *Zotero*, foi possível extrair dados quantitativos e aplicá-los para a construção de gráficos e tabelas. Esses gráficos e tabelas foram úteis para a verificação da distribuição dos dados relativos à cada categoria, bem como para avaliar essa distribuição ao longo das cinco décadas estudadas, possibilitando a realização de um mapeamento historiográfico dos cantos e narrativas pesquisados. Os resultados dessa análise estão dispostos no capítulo 3.

CAPÍTULO 2. O *CORPUS* DE TRADUÇÕES

Durante o processo de levantamento, foi possível coletar 851 traduções para o português de cantos e narrativas em 11 línguas Tupi-Guarani. Essas traduções estão distribuídas em 48 publicações.

Neste capítulo, apresentaremos o *corpus* construído de forma cronológica, segundo a data de publicação das traduções selecionadas. Apesar do cronológico ser um viés mais comum e já esperado, acreditamos ser a forma mais didática de descrever um material tão extenso como o que resultou desta pesquisa, possibilitando enxergar como se deu a evolução do cenário da tradução de cantos e narrativas Tupi-Guarani nas últimas cinco décadas. Segue, então, um resumo de cada publicação, com foco nas informações relacionadas aos cantos e narrativas traduzidos.

2.1. Década de 1970

Na primeira metade da década 1970, surgem três importantíssimas publicações sobre mitologia kamaiurá, referência até os dias de hoje para aqueles que estudam o assunto. Os Kamaiurá são um dos povos mais estudados do Alto Xingu, Parque Indígena do Xingu (PIX)³⁰, Mato Grosso. São, também, um dos únicos povos integrantes do Parque que jamais se afastaram de sua área de ocupação, localizada na região de confluência dos rios Kuluene e Kuliseu, próxima à grande lagoa de Ipavu.

30 Atualmente, os xinguanos adotam o termo “Terra Indígena do Xingu (TIX)”.

As três publicações seguintes são as únicas que contêm traduções em línguas tupi-guarani localizadas para o período referente à década de 1970:

2.1.1. *Xingu: os índios, seus mitos* (1970)

A famosa obra dos irmãos Cláudio e Orlando Villas Bôas³¹ abre o *corpus* deste levantamento. Publicada pela primeira vez em 1970 pela Zahar Editores³², é uma das principais coletâneas de mitos e narrativas de povos xinguanos já publicada, abrangendo 31 mitos transcritos apenas em português, dos quais 23 estavam originalmente em Kamaiurá, única das línguas tupi-guarani que integram a coletânea. As narrativas míticas coletadas nessa publicação, com exceção das quatro últimas obtidas entre os Juruna, são comuns a todos os grupos abordados, com pequenas variantes que não chegam a mudar o sentido e o desenvolvimento do enredo. Tratam da maneira como os xinguanos concebem e explicam o mundo, bem como sobre questões materiais, morais e espirituais de sua cultura.

Segundo os Villas Bôas, houve uma preocupação em registrar várias versões de um mesmo mito entre um mesmo povo, pois uma história nunca é contada da mesma maneira, bem como em registrar as narrativas assim como lhes foram contadas.

“Queremos frisar que, uma mesma história, quase sempre, foi colhida por mais de uma vez, e sempre com a utilização de narradores diferentes. Não houve preocupação de tempo neste registro. Houve, isto sim, um grande interesse em transmitir, o mais fielmente possível, tudo aquilo que foi ouvido e compreendido, através de longo tempo, vinte e cinco anos de convivência diária, de todos os minutos, com os índios” (1972, p. 50).

31 Os irmãos Orlando, Cláudio e Leonardo Villas Bôas, por meio da Expedição Roncador-Xingu, foram os responsáveis pelo contato com a maior parte dos índios xinguanos e por auxiliá-los a sobreviver como povos autônomos, com a posse sobre parte de suas terras originais. Juntaram-se em expedição em 1945 e, a partir de 1946, iniciaram contato com os povos xinguanos. Foram os principais idealizadores do Parque do Xingu e contaram com o apoio de algumas personalidades, como o Marechal Cândido Rondon; o antropólogo Darcy Ribeiro; o diretor do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) – antiga FUNAI, José Maria da Gama Malcher; o médico sanitaria Noel Nutels; entre outros. Em 1961, o parque foi criado e Orlando assumiu sua direção, cargo no qual ficou por 17 anos. Sua gestão tornou viável a implementação de um programa sistemático de saúde pública e assistência médica, o que favoreceu substancialmente o crescimento populacional na região (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (BRASIL), 2011, p. 44–45).

32 Encontrei disponível para consulta apenas a segunda edição, de 1972, a qual também foi publicada pela mesma editora.

2.1.2. *Kwarup: mito e ritual no Alto Xingu (1974)*

Essa obra, de autoria do antropólogo Pedro Agostinho, foi publicada pela Editora da Universidade de São Paulo – USP, em 1974. É uma etnografia sobre os Kamaiurá, a qual apresenta uma coletânea de dez mitos traduzidos sobre o ritual *kuarup*³³, apresentados no final do livro em português apenas. Os mitos foram coletados pelo autor por meio de entrevista em campo, feita com a utilização de um narrador, um narrador-intérprete e um intérprete. O primeiro deles é Twapì, o narrador mais velho de todos, respeitado como o maior sabedor da mitologia e dos rituais. Foi ele quem narrou os mitos mais importantes referentes ao *kuarup* publicados na obra. O segundo é Yanu(n)makakuma(n), mais conhecido como Sapain, narrador e intérprete, à época com cerca de 30 anos. A ele também se devem os mitos narrados. E, por fim, Tuvule, o intérprete principal, o qual era um pouco mais novo que Sapain na época da pesquisa. A respeito do trabalho de Tuvule, Agostinho afirmou que “(...) sua boa disposição e paciência revelaram-se inapreciáveis na revisão e correção do material e na busca de informações que ainda faltavam ou que estavam pouco claras” (1974, p. 2).

Segundo Agostinho, os intérpretes indígenas foram imprescindíveis para traduzir boa parcela dos relatos míticos e para estabelecer entendimentos com os indivíduos de mais idade, (1974, p. 1).

2.1.3. *Mitos e outras narrativas Kamayurá (1974)*

No mesmo ano, Agostinho publica outro material relacionado aos Kamaiurá, dessa vez pela Universidade Federal da Bahia – UFBA³⁴ e um pouco mais abrangente. Enquanto o primeiro continha mitos especificamente sobre o *kuarup*, este contém mitos e narrativas tradicionais de vários tipos. O total de traduções selecionadas nessa publicação foram sete.

O autor não especifica quais mitos e narrativas foram coletados em kamaiurá e traduzidos para o português. A tabela 3 (2009, p. 24), referente aos mitos e narrativas

33 O *kuarup* é a festa dos mortos e reúne a maior parte dos povos do Alto Xingu durante a estação da seca para homenagear os mortos recentes de cada aldeia. Seu simbolismo tem origem no mito de criação dos gêmeos Sol e Lua, que realizaram o primeiro *kuarup* para celebrar a morte de sua mãe. Nessa cerimônia, os adolescentes em reclusão pubertária são apresentados à comunidade e ocorre o *huka huka*, uma luta intertribal que envolve os lutadores e lutadoras de todas as aldeias.

34 Como já explicitado na Introdução desta pesquisa, não encontrei a primeira edição para consulta. Utilizei a segunda edição, publicada em 2009 também pela UFBA.

coletados, informa que, do total de 39 mitos, sete foram coletados em língua kamaiurá. Sendo assim, depreende-se que apenas estes sete foram traduzidos por intérprete, enquanto o restante foi narrado diretamente em português – e, por essa razão, desconsiderados para fins de constituição do *corpus* desta pesquisa. Entretanto, cabe ressaltar que os mitos foram apresentados apenas em português, sem o original em kamaiurá.

Agostinho afirma que, até 1970, havia pouca informação sobre mitos kamaiurá; por outro lado, era um dos grupos sobre os quais mais se sabia em termos de mitologia. Ocupava o terceiro lugar na lista dos povos indígenas mais estudados do Brasil, mas com a coletânea dos irmãos Villas Bôas, passaram a ocupar o segundo lugar. Na visão do autor, os números provavelmente aumentariam se os mitos fossem agrupados pela filiação linguística (2009, p. 16).

Com relação ao processo de transcrição das traduções feitas por intérpretes e das narrativas contadas em português, o autor afirma que os mitos e narrativas passaram por diferentes níveis de “repadronização”, “indicando da fidelidade a esperar dele, em relação à língua portuguesa do informante ou do tradutor, numa escala crescente de distanciamento do padrão original” (2009, p. 28).

Nota-se que os pesquisadores dessa época que trabalhavam com mitos e narrativas ainda não se preocupavam tanto em transferir para a escrita as especificidades orais das expressões verbais ameríndias. Dava-se importância central ao conteúdo e, por isso, era muito comum transcrever as narrativas em português corrente, silenciando as marcas de oralidade presentes na fala dos informantes nativos. Agostinho, por exemplo, assume isso:

“Preocupados, como dissemos, com o mito e não com os aspectos formais do português do índio, houve, ao escrever as traduções, uma inevitável e mesmo inconsciente ‘re-padronização’ dele em termos de nosso próprio padrão, que se faz sentir sobretudo no uso dos pronomes complemento. Poder-se-ia, mesmo, falar de um fenômeno de interferência linguística” (2009, p. 27).

2.2. Década de 1980

Nessa década, as traduções kamaiurá continuam destacando-se no universo das línguas tupi-guarani, com duas publicações. Realiza-se a tradução do canto araweté “O Canto da Castanheira”, que será motivo de duas retraduições nas décadas seguintes. E, por fim, vemos chegar ao Brasil o “Apopocúva”, com seus mitos cosmogônicos guarani ñandeva.

2.2.1. *Moroneta Kamayurá: mitos e aspectos da realidade social dos índios Kamayurá (Alto Xingu) (1980)*

Essa obra, de autoria de Étienne Samain, foi publicada originalmente em 1980 sob o título *De um caminho para outro: mitos e aspectos da realidade social dos índios Kamaiurá (Alto Xingu)* como dissertação de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ³⁵. A publicação apresenta 26 mitos traduzidos apenas em sua versão em português (sem o original em kamaiurá), dos quais 22 são mitos autônomos e quatro são versões diferentes de um mesmo mito, narrados por diferentes informantes. A coleta foi feita na aldeia kamaiurá em 1977. Segundo o autor, por razões editoriais, não foi possível apresentar todas as versões dos mitos reunidos (Samain conseguiu reunir de duas a quatro versões de cada mito).

Samain acredita ser importante coletar diversas versões de um mesmo mito, pois mitos dizem muito sobre as transformações por que passam as sociedades nativas, bem como sobre a forma como enxergam o mundo.

“(…) nenhuma versão de um mito é melhor que outra, e sim que todas, em circunstâncias diferenciadas, participam de um mesmo esforço: o de transmitir, lembrar e reforçar, por meio da palavra e junto à comunidade, o

35 Por estar acessível apenas em sua versão física no Museu Nacional, esta pesquisa utilizou a publicação em livro, de 1991, pela editora Lidador.

que são seus valores, suas normas de conduta, individuais e coletivas; o de definir, ainda, nutrir e reorganizar constantemente as condutas e os comportamentos, as idéias e os ideais desta sociedade. São, também, para essas sociedades que não conhecem a escrita os meios e os canais de que se utilizam para poder incorporar, absorver, justificar e até consagrar – embora sempre paulatinamente – suas exigências de transformação cultural interna ou, mais frequentemente, as razões de uma dinâmica cultural imposta de fora. Assim sendo, os mitos não olham somente para os homens; são os homens que, sem parar, dialogam com eles” (1991, p. 115).

Com relação às traduções, Samain destaca-se dentre os autores previamente apresentados, pois tem o cuidado de acrescentar informações relativas ao contexto em que as coletas das narrativas e as traduções foram feitas. Antecede todos os mitos com uma descrição sobre quem fez a narração em língua kamaiurá e quando (dia, mês e ano) foi feita, sobre quem a traduziu para o português e quando (dia, mês e ano) o fez, e sobre a forma de gravação executada. Mostra, inclusive, o tempo de escuta e interrupção da narrativa gravada para tradução pelo intérprete.

O antropólogo trabalha com três intérpretes: Tacumã, Tatap e Kotok (filho de Tacumã), todos importantes lideranças kamaiurá.

2.2.2. *Araweté: os deuses canibais* (1984)

Publicado originalmente como tese de doutorado do antropólogo Eduardo Batalha Viveiros de Castro pelo Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ sob o título *Araweté, uma visão de cosmologia e da pessoa tupi-guarani*³⁶.

Esta obra é uma etnografia sobre os Araweté, focada na descrição e na interpretação da cosmologia araweté. Os Araweté são um povo de caçadores e agricultores que tiveram uma longa história de guerras, fugas e mortes, bem como experimentaram uma catástrofe demográfica em razão do contato com os brancos (VIVEIROS DE CASTRO, [s.d.]). Apesar de possuírem uma cultura material relativamente simples quando comparados a outros povos tupi-guarani, apresentam, em contrapartida, um discurso cosmológico complexo. Nas palavras de Viveiros de Castro, “o imaginário Araweté prolifera na palavra e no canto” (1986, p. 23).

36 Por estar acessível apenas em sua versão física no Museu Nacional, esta pesquisa utilizou a publicação em livro, de 1986, pela J. Zahar Editor: Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.

Com vistas a entender os traços centrais dos cantos xamanísticos desse povo, Viveiros de Castro traduz “*O Canto da Castanheira*”, coletado e traduzido por ele durante sua pesquisa de campo entre os Araweté. O canto é apresentado em formato bilíngue. Segundo o próprio autor, produz uma tradução livre do canto (VIVEIROS DE CASTRO, 1986, p. 550 – 564) e a intercala com notas etnográficas e de tradução, as quais auxiliam significativamente a compreensão do canto, que está estruturado no formato pergunta-resposta e possui uma complexa situação enunciativa.

2.2.3. *A linguagem dos pássaros: mito dos índios Kamaiurá (1986)*

Livro infanto-juvenil, de autoria de Ciça Fittipaldi, publicado pela Editora Melhoramentos, em que a autora faz a retradução do mito *A linguagem dos pássaros*, publicado em 1970 pelos irmãos Villas Bôas diretamente a partir dos relatos feitos pelos Kamaiurá em *Xingu: os índios, seus mitos* (primeira publicação descrita neste levantamento). O mito é apresentado apenas em português.

2.2.4. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani (1987)*

Etnografia sobre os Guarani Ñandeva, de autoria de Curt Nimunendaju, publicada originalmente em alemão em 1914, na *Zeitschrift für Ethnologie* [Revista de Etnologia] de Berlim. Mais de 70 anos depois, exatamente em 1987, foi publicada em português, com tradução da linguista Charlotte Emmerich e revisão do antropólogo Eduardo B. Viveiros de Castro. Ela apresenta duas narrativas cosmogônicas guarani, ambas apresentadas em ñandeva e em português, referentes aos conhecidos mitos dos Gêmeos e do Dilúvio.

Os Guarani Ñandeva, assim como os outros dois subgrupos guarani localizados no Brasil, os Mbya e os Kaiowá, mantêm a língua guarani e seus dialetos ainda muito vivos e nada indica seu enfraquecimento, mesmo em situações de alto grau de escolarização e de manutenção de relações interétnicas. Para eles, a língua – ou a *palavra* – assume relevância cosmológica e religiosa, representando um elemento de suma importância para a construção da identidade guarani (ALMEIDA; MURA, [s.d.]).

Tendo em vista a enorme relevância de Nimuendaju para o indigenismo brasileiro e para as pesquisas etnográficas junto a povos indígenas, apresento rapidamente sua biografia.

Curt Unkel, seu nome de nascimento, nasceu em 1883 em Jena, Alemanha, e mudou-se para o Brasil em 1903. De forma totalmente autodidata, passou a dedicar-se ao estudo dos povos indígenas a partir de 1905 e, mesmo sem qualquer formação acadêmica, tornou-se a maior autoridade da primeira metade do século em etnologia das terras baixas. O primeiro povo com que trabalhou foi os Guaraní da região Sudeste, pelos quais foi adotado em 1906 com o nome Nimuendaju (“aquele que constrói seu próprio lugar no mundo”), nome que se tornou oficial por ocasião de sua naturalização como brasileiro em 1922. Ao longo de sua vida, realizou 38 expedições etnográficas e arqueológicas por todo o Brasil e entre diversos grupos indígenas, alguns desses praticamente desconhecidos até então. Faleceu em 1945 em uma aldeia tuyuka (NIMUENDAJÚ, 1987, contracapa). Publicou mais de 50 títulos em várias línguas e ficou famoso especialmente por suas monografias, entre elas, a publicação mencionada.

A tradução do “Apopocúva” – como esta obra é conhecida – para o português passou por algumas etapas. Por muito tempo, circulou entre os especialistas uma versão em português assinada por F. W. Sommer, da qual existe uma cópia manuscrita sem data no Museu Nacional, bem como uma cópia datilografada e mimeografada no Museu do Índio. Ao que parece, ela esteve para ser impressa várias vezes. Segundo relata Viveiros de Castro, a edição do “Apopocúva” em português “era notícia que corria todo ano entre os antropólogos” (NIMUENDAJÚ, 1987, p. xl). Em princípio, essa era a versão que Emmerich e Viveiros de Castro iriam publicar após uma revisão do texto com cotejo com o original. Entretanto, a tarefa se mostrou improdutiva e decidiram, então, realizar uma tradução totalmente nova, utilizando a versão de Sommer como suporte.

A tradução castelhana, por sua vez, foi realizada por J. Barnadas e editada por Juergen Riester, com publicação pelo *Centro Amazónico de Antropología y Aplicación Práctica de Lima*, Peru. Apesar dessa edição apresentar inúmeros problemas, a tradução é, em geral, de boa qualidade, segundo Viveiros de Castro. O texto de Nimuendaju foi modernizado deliberadamente em alguns pontos, tendo sofrido uma tradução “fortemente interpretativa, quase livre em certos trechos, de modo a facilitar a compreensão de passagens intrincadas ou obscuras” (NIMUENDAJÚ, 1987, p. xl). Ainda assim, a versão peruana tem o mérito do

pioneirismo e de possuir leitura agradável. Viveiros de Castro relata que foi útil para o trabalho de tradução que realizou com Emmerich, pois aproveitaram algumas soluções dadas em castelhano.

Especificamente sobre a tradução para o português, Emmerich e Viveiros de Castro buscaram uma versão “maximamente literal – nos limites do português”, “de modo a preservar a própria tradução de Nimuendaju dos textos Guarani” (NIMUENDAJÚ, 1987, p. xli). Isto foi feito com o objetivo de oferecer aos guaraniólogos condições de controle da versão proposta, uma vez que não foi feita uma tradução interlinear pelo autor. Com relação à grafia, mantiveram a convenção ortográfica de Nimuendaju para toda a terminologia em língua guarani, tanto para o apapovúca (guarani ñandeva) quanto para o guarani clássico.

2.3. Década de 1990

A terceira década analisada nesta pesquisa observa não só um aumento de publicações comparativamente à década anterior, mas também um direcionamento do olhar dos tradutores para os cantos, o que não havia ocorrido até então. É publicado o primeiro grande trabalho de etnomusicologia com traduções de cantos kamaiurá, a língua guarani mbya ganha três publicações de traduções de cantos e o *Canto da Castanheira*, dos Araweté, é retraduzido. Os Kaiabi e os Tapirapé, por sua vez, passam a integrar o repertório de traduções tupi-guarani.

2.3.1. A festa da jaguatirica: uma partitura crítico-interpretativa (1990)

Obra seminal do etnomusicólogo Rafael José de Menezes Bastos publicada como tese em 1990 e mais de 20 anos depois como livro³⁷, no qual traduziu 65 cantos (essa é a publicação coletada nesta pesquisa contendo o maior número de cantos traduzidos). É um trabalho de extrema importância para o estudo da música nas terras baixas sul-americanas, sendo considerado o primeiro exercício de descrição, transcrição e tradução da integralidade de um ritual musical ameríndio, o *Yawari* (“jaguaririca” em kamaiurá), que foi realizado em 1981 na aldeia dos índios kamaiurá (MENEZES BASTOS, 2019, p. 26).

Menezes Bastos realizou a transcrição das letras das canções e, posteriormente, das músicas a partir do seu aprendizado do *Yawari* e das exegeses nativas feitas ainda em campo. Vários informantes, tanto da etnia Kamaiurá como Yawalapiti (com quem trabalhou posteriormente), auxiliaram-no na compreensão dos cantos, alguns desses informantes sendo monolíngues (como Wahu e Awmari) e outros bilíngues (Takumã e Aritana, por exemplo).

A tradução das letras foi feita pelo etnomusicólogo com o auxílio de colegas e professores (Carl Harrison, Márcio Silva e Aurore Monod-Becquelin). O único comentário que faz a respeito do processo de tradução é curioso: “Traduzi as letras com muito medo: sou péssimo em linguística, pior em teoria literária e não sou poeta. (...) Há algumas traduções, entretanto, completamente tentativas. Na tradução das músicas, senti-me muito mais confortável” (ibid., p. 27). Como afirma o próprio autor, “o estudo das letras, incluindo sua tradução, é linguisticamente precário” (ibid., p. 231). Entretanto, esse não era seu objeto principal, mas sim as músicas em si, e este simples fato torna seu esforço de tradução de praticamente todas as canções que coletou algo louvável (das 68 canções, apenas três não foram traduzidas), visto que forneceu a futuros pesquisadores um ritual xinguano integralmente em português, contendo, além da letra (traduzida de forma bem literal), marcas de oralidade e de performatividade, como vocalização e repetições.

É um material de pesquisa riquíssimo para aqueles que se interessam por tradução intersemiótica, principalmente pela possibilidade de diálogo com a própria tese desenvolvida por Menezes Bastos. De acordo com o etnomusicólogo, a música transforma verbo em corpo; ela é o pivô da cadeia intersemiótica do ritual, que entrelaça sistemas verbais, visuais e

37 Esta pesquisa utilizou a publicação em livro, de 2019 (1ª reimpressão), pela Editora UFC.

corporais. O ritual, por sua vez, é a máquina de transformar verbo em corpo. O ritual é o “tradutor”.

2.3.2. *A fala sagrada: mitos e cantos sagrados dos índios Guaraní (1990)*

Essa obra, de autoria do antropólogo Pierre Clastres, foi publicada originalmente em francês sob o título *Le grand parler – Mythes et chants sacrés des Indiens Guaraní* (Editions du Seuil) no ano de 1974. A tradução para o português foi feita pela tradutora Nícia Adan Bonatti, com publicação em 1990, sem a apresentação de comentários ou notas à tradução.

O etnógrafo francês afirma que a obra trata-se de uma antologia (CLASTRES, 1990, p. 16) que contém dois textos em guarani ñandeva e 20 em guarani mbya. Os mitos ñandeva correspondem ao mito dos Gêmeos e ao mito do Dilúvio, ambos retraduzidos a partir das versões em alemão de Nimuendaju. Com relação ao textos em mbya, distribuem-se da seguinte forma: três cantos-poemas referentes aos três primeiros capítulos do gênesis guarani *Ayvu Rapyta*, retraduzidos a partir das versões em castelhano feitas por León Cadogan; outros sete cantos também retraduzidos a partir de Cadogan; três narrativas retraduzidas a partir de Cadogan referentes ao mito dos Gêmeos, ao mito do Dilúvio e ao mito do Fogo; e, por fim, oito traduções originais de Clastres feitas a partir de coleta própria entre grupos Mbya, realizada no decorrer de uma pesquisa que durou vários meses em 1965.

Nós mesmos estivemos em aldeias guarani durante vários meses, no decorrer de uma pesquisa, em 1965, tanto entre os mbya quanto entre seus vizinhos bem próximos, os chiripa. Todos os nossos textos foram gravados em guarani, pois os índios só falam sua própria língua. Reproduzimos aqui todos os que oferecem, em relação aos de León Cadogan, uma originalidade suficiente (CLASTRES, 1990, p. 16).

Clastres apresenta ainda uma versão tupinambá do mito dos Gêmeos, retraduzido a partir da versão coletada por André Thevet em meados do século XVI, bem como outra versão do mito do fogo, obtida diretamente por ele entre os Guaraní Chiripá. Essas traduções não foram consideradas no levantamento da presente pesquisa por fugirem ao recorte linguístico estabelecido.

A antologia de Clastres, assim, abarca um total de 22 traduções, todas monolíngues, acompanhadas por notas etnográficas e de tradução apresentadas em colunas à direita da

página. Sua justificativa para o uso dessas notas é que o texto em versos busca uma “fidelidade à palavra” e precisa ser dissecado para que seja compreendido pelo leitor que não tem familiaridade com o pensamento guarani.

Clastres demonstra sua preocupação em traduzir não apenas no nível linguístico, mas em alcançar, em suas traduções, a metafísica subjacente ao pensamento guarani.

Traduzir é, seguramente, tentar fazer passar para um universo cultural e lingüístico determinado a palavra e o espírito de textos saídos de um sistema cultural diferente, produzidos por um pensamento próprio. Quando, como nos mitos, o texto é uma narrativa de aventuras, a tradução não coloca problemas. O espírito cola-se, se assim podemos dizer, à palavra, o enigma é relativamente excluído na narração. Mais árduo, e por isso mesmo mais apaixonante, foi o trabalho de tradução dos textos religiosos. De maneira nenhuma por causa do uso constante que as Belas Palavras fazem da metáfora: basta saber que, quando o texto fala do "esqueleto da bruma", ele nomeia o cachimbo de barro onde os sábios fumam seu tabaco; que a "flor do arco" designa a flecha; que o nascimento de uma criança se diz "uma palavra se provê de um assento"; o embaraço do tradutor provém mais da dificuldade de dominar o espírito que corre secretamente sob a tranquilidade da palavra, de captar a embriaguez desse espírito que marca com seu selo todo discurso enigmático (1990, p. 17).

Antes de prosseguir para a próxima publicação, apresento brevemente o *Ayvu Rapyta*, considerando que foi o objeto central da pesquisa de Clastres e que foi retraduzido por outros tradutores, como será visto ao longo deste capítulo. O *Ayvu Rapyta* é um conjunto de textos cosmogônicos e de ensinamentos religiosos dos Guaraní Mbya do Paraguai. Estes mitos são mantidos em segredo e, inclusive, são narrados em uma linguagem secreta de domínio apenas dos pajés, em que muitas vezes não há correspondência com a linguagem cotidiana. O pesquisador paraguaio León Cadogan, um exímio conhecedor da língua e do pensamento guarani, foi o primeiro a conseguir coletá-los e traduzi-los, graças à relação amistosa de vários anos que estabeleceu com os Mbya paraguaios e como retribuição por ter conseguido a libertação de um membro da comunidade que estava preso (CADOGAN, 1953, p. 36). Cadogan publicou esses textos pela primeira vez em 1946 na *Revista de La Sociedad Científica del Paraguai* sob o título *Las tradiciones religiosas de los indios Jeguaká Tenondé Porángue del Guairá, comúnmente llamados Mbyá, Mbyá-Apyteré o K'yinguá*, e continuou a publicar excertos e resumos de seu manuscrito em diversas revistas. A divulgação desse trabalho no Brasil teve início em 1953 por meio de uma iniciativa da Universidade de São Paulo – USP, a qual publicou os três primeiros capítulos – de um total de vinte – na Revista de

Antropologia, num artigo intitulado *Ayvu Rapyta: Textos míticos de los Mbyá-Guarani del Guairá* (CADOGAN, 1953).

Como a produção do *Ayvu Rapyta* tem relação intrínseca com o tipo de relacionamento estabelecido entre Cadogan e os Guarani, é importante entender a trajetória de vida do pesquisador e a construção do seu relacionamento com a língua e a cultura guarani.

A infância de Cadogan foi marcada pelo convívio direto com os povos indígenas e populações camponesas paraguaias, momento em que aprendeu o guarani e o inglês, mas muito pouco o castelhano, língua com que veio a ter contato efetivamente somente na escola primária. Sua formação educacional se deu, basicamente, de forma autodidata. Sua inquietude intelectual e suas investigações etnológicas e linguísticas resultaram em trabalhos intelectuais muito sistemáticos, baseados em coleta de dados quase obsessiva (RATTES, 2014, p. 26). Como filho de imigrantes socialistas, teve uma formação secular de um “livre-pensador”, como se definia a si próprio (RATTES, 2014, p. 29). Após anos atuando com trabalhos diversos, aos 50 anos foi nomeado tutor indígena pelo governo paraguaio e pôde dedicar-se totalmente ao indigenismo, à antropologia e à linguística (*Ayvu Rapyta* já havia sido finalizado nessa época, embora ainda inédito). Foi a partir do exercício desse cargo que conseguiu aprofundar uma relação de confiança com os Guarani, os quais o visitavam constantemente em sua casa.

A elaboração do *Ayvu Rapyta*, bem como de diversos materiais produzidos por Cadogan, deu-se a partir dessa relação próxima estabelecida com os Guarani, não apenas em termos de convivência, mas de produção intelectual conjunta. A transcrição de cantos e narrativas contava com a ajuda de indígenas, que repetiam os conteúdos do material coletado anteriormente e esclareciam expressões e conceitos desconhecidos. A primeira versão em papel era geralmente lida para especialistas, os xamãs mbya, que comentavam, corrigiam e acrescentavam informações ao que havia sido registrado. Segundo o antropólogo Kleiton Rattes, foi um trabalho efetivo de co-criação.

“[...] como se vê em seus manuscritos, boa parte daquilo que L.Cadogan editou e publicou, foi posteriormente reformulada, por ele próprio, com novos dados, outras transcrições e diferentes caminhos tradutivos a partir de novas pesquisas e novos momentos de revisão dos dados em parceria com os índios. Uma oficina poética, um ateliê da palavra, cuja pena de L.Cadogan foi guiada por ele, pela boca dos intelectuais mbya, como também pela astúcia, destreza e disposição de outros indígenas que lidavam com a

materialidade dos dados linguísticos, míticos e metafísicos dos mbya. A presença nativa era entendida como presença de intelectuais co-criadores de seus trabalhos, pois os índios não eram somente vistos como informantes, insulados em um tempo e um espaço dados (*o* outrora lá *naquele* alhures do campo), mas como pensadores ativos na criação do conhecimento de modo *multissituado*, temporal e espacialmente. Quero dizer, agentes que estiveram presentes no momento inicial da primeira coleta, escuta das palavras indígenas proferidas pelos *mburuvicha*, mas que retornaram em outros momentos e em espaços diferentes para corrigir, acrescentar, repetir, esclarecer a respeito dos materiais disponíveis. Índios, com nomes próprios e lugares, que repetiam para L.Cadogan conceitos e orações que outrora havia coletado, esclareciam noções e expressões desconhecidas, ajudavam na morfologia do trabalho de transcrever. Este é o caso dos célebres textos de *Ayvu Rapyta*, cujo corpus é devedor dos saberes do xamã Pablo Vera, mas que foi retrabalhado, em um segundo (terceiro, quarto...) momento, com a ajuda de outros Mbya, na transcri(a)ção, na explicação, na tradução e nos acréscimos” (RATTES, 2014, p. 60).

2.3.3. *Palavras Canibais* (1992)

O escritor e tradutor Antônio Risério retraduz “*O Canto da Castanheira*” em 1992, em seu artigo *Palavras Canibais*, publicado na Revista USP. Como já vimos, a tradução original foi feita por Viveiros de Castro em 1984. Esse mesmo artigo foi republicado um ano depois como capítulo do livro *Textos e tribos: poéticas extraocidentais nos trópicos brasileiros* (RISÉRIO, 1993).

Já na introdução do artigo, Risério faz uma crítica incisiva: “não só os poetas precisam abrir os olhos e o coração para a poesia indígena (e africana), como os etnógrafos precisam nos mostrar mais sistematicamente a colheita poética de suas expedições” (RISÉRIO, 1992, p. 2), como uma forma de ressaltar a necessidade do trabalho interdisciplinar quando se trata de textos extraocidentais. Após oferecer uma explicação sobre o que significa linguagem e palavra – ou palavra-canto, nos termos do autor – entre os Araweté e discorrer sobre seus dois gêneros “poemusicais”, baseado na etnografia de Viveiros de Castro, Risério trata especificamente do *Canto da Castanheira* e apresenta sua versão do canto.

Basicamente, o autor faz apenas algumas alterações na versão de Viveiros de Castro³⁸, “abrasileirando os nomes das personagens (em função tanto do ‘estranhamento’ quanto do estrato sonoro do texto), enxugando algumas frases, procurando acumular

38 Segundo o próprio Risério, “o que o leitor vai ler é, fundamentalmente, a versão de Viveiros” (1992, p. 41).

determinados grupos fonéticos (nasais, por exemplo) etc., mas sem arriscar muito no jogo” (1992, p. 41), visto que Viveiros apresenta uma versão etnográfica bem detalhada. Faz comentários rápidos sobre suas escolhas tradutórias antes de apresentar a tradução ao final do texto.

A meu ver, o texto se destaca não tanto pela tradução apresentada, mas pela reflexão produzida por Risério sobre a atualidade das poéticas indígenas e sobre as especificidades que permeiam esse tipo de texto, como a *performatividade*, a parataxe, entre outros aspectos, tanto em nível linguístico quanto metafísico.

2.3.4. *Histórias do Xingu: Coletânea de depoimentos dos índios Suyá, Kayabi, Juruna, Trumai, Txucarramãe e Txicão (1994)*

Coletânea de autoria de Maria Kawall Leal Ferreira, publicada pela NHII – USP/FAPESP, que contém duas narrativas kaiabi, apenas em português. Das 72 histórias apresentadas, 64 foram produzidas oralmente por iniciativa dos índios. Destas, apenas seis foram narradas nas línguas suyá, kaiabi e txicão [ikpeng] e posteriormente traduzidas para o português por índios fluentes em ambos os idiomas (FERREIRA, 1994, p. 11). Interessam a esta pesquisa somente as duas traduções de narrativas kaiabi, por ser esta a única língua tupi-guarani de toda a coletânea.

Antes da apresentação de cada narrativa, a autora informa o título desta, o nome do tradutor, o local e a data da coleta. Em ambas as narrativas kaiabi transcritas, o tradutor Yefuká Kaiabi traduziu o informante Domingos Kaiabi.

Os Kaiabi são habitantes do Parque do Xingu e possuem uma cosmologia rica, habitada por uma infinidade de seres, que povoam os mitos e narrativas por meio dos quais compreendem e experimentam o mundo em que vivem. Por ser um povo tradicionalmente guerreiro, a temática das guerras está muito presente em suas narrativas (SENRA, [s.d.]).

2.3.5. *Neblina vivificante: Poesia e mito Mbyá-Guarani (1996)*

Nesse livro, que constitui o volume 1 da série *Cadernos da Ameríndia*, publicada pela Tipografia de Fundo de Ouro Preto, as autoras e tradutoras Josely Vianna Baptista e Luli Miranda apresentam a tradução de dois mitos coletados pelo escritor argentino Carlos Martínez Gamba entre um grupo mbya assentado na província argentina de Misiones. A obra de Gamba, chamada *El canto resplandeciente – Ayvu rendy vera* (compilação, prólogo e notas de C. M. Gamba, Buenos Aires, Ediciones del Sol, 1984) reúne mitos mbya.

O primeiro mito, *Mba'e ã'ã: plegária dos Mbyá-Guarani de Misiones* (p. 10 e 11), foi traduzido apenas por Baptista, enquanto o segundo, *Ñe'ëng: a palavra-alma dos Mbyá-Guarani* (p. 16-20), foi traduzido por Baptista e Miranda. Nos dois casos, as traduções foram realizadas a partir do texto em mbya e cotejadas com as versões para o guarani paraguaio e o castelhano, integrantes da edição de Gamba. Os textos são apresentados em formato bilíngue e acompanham um glossário para a explicação dos termos centrais.

2.3.6. *Soninho com pios de periquitos ao fundo (1996)*

Este é o segundo volume da série *Cadernos da Ameríndia*, também de autoria de Josely Vianna Baptista e Luli Miranda. É um livro infantil, no qual as autoras traduzem uma canção de ninar gravada por estudantes da Faculdade de Antropologia da *Universidad Nacional de Misiones*, Argentina, nas noites de 21 e 22 de setembro de 1979. O escritor Carlos Gamba relata ter ouvido essa canção em suas andanças pelo deserto do Chaco paraguaio para conversar com indígenas. Segundo as tradutoras, Gamba afirma que essa canção foi ouvida e anotada por Cadogan no Paraguai antes de ele morrer. Baptista e Miranda declaram que há apenas uma pequena diferença entre uma canção e outra, mais especificamente nos dois primeiros versos. A canção é apresentada em formato bilíngue, seguindo o padrão do volume 1 da série.

Sobre a preservação da história indígena na memória oral coletiva, afirmam: “É por isso que se diz que os indígenas não precisam nem de lápis nem de papel, pois eles ‘escrevem’ sua história e suas fábulas na memória e guardam sua palavra e sua poesia na ponta da língua” (1996, p. 19).

2.3.7. *Xanetawa Marageta: histórias das nossas aldeias (1996)*

Livro didático produzido pela comunidade tapirapé e publicado pelo MARI/MEC/PNUD, cedida gentilmente pela pesquisadora Eunice Dias de Paula por meio de comunicação pessoal. É uma coletânea de 15 narrativas bilíngues que se propõe como material didático para ser usado nas escolas tapirapé.

As histórias reunidas correspondem, em sua maioria, a um período que vai de 1850 a 1970, e dizem respeito à implantação dos Tapirapé na serra do Urubu Branco, liderados por Xowawi'i. Trata-se das primeiras aldeias na região. Segundo os organizadores do livro, são narrativas mais recentes, e os fatos relatados receberam um tratamento mais histórico que mitológico, ou seja, os personagens que aparecem pertencem à história recente. São funcionários do SPI, missionários, Karajá vizinhos, e não os seres mitológicos. Tratam do contato recente estabelecido com outros povos e da saída, ou expulsão, dos Tapirapé, do fundo de suas florestas para o beiradão do Araguaia. O primeiro texto, entretanto, refere-se a um mito de origem tapirapé chamado *Xakarepera Parageta* [História do Xakarepera], o qual foi traduzido por Renilde Xe'akawyga.

O material é resultado de pesquisas realizadas em 1992 pelos alunos da Escola Estadual de Primeiro Grau Tapirapé. As narrativas foram extraídas dos parentes mais velhos dos alunos e, após a coleta das diversas versões, os alunos se reuniram para sistematizar as versões individuais em uma só, mais completa. Algumas das histórias, como *Xakarepera Parageta* e *Mana/caro Parageta*, depois de gravadas, foram transcritas e traduzidas para o português por Renilde Xe'akawyga. Outras histórias foram traduzidas por outros indivíduos tapirapé, que não foram nomeados na publicação, mas atuaram como tradutores, segundo me informou Eunice Dias de Paula (informação pessoal)³⁹. Posteriormente, as histórias foram enviadas para São Paulo para digitalização e edição. A primeira versão produzida foi levada de volta aos Tapirapé para correções em novembro de 1995 e em setembro de 1996. Os ex-alunos fizeram uma revisão cuidadosa e corrigiram vários pontos. Feitas as correções, chegou-se à versão final do livro. A pesquisadora Eunice Dias de Paula, que participou ativamente da produção do material, afirma que “[...] para o público mais amplo, esse trabalho relaciona história e território de uma maneira clara. Mostra como esse tímido povo de

39 Mensagem recebida por xeretyma@uol.com.br, em 10 set. 2019.

agricultores da mata alta envolveu com poesia o local onde viveram” (COMUNIDADE TAPIRAPÉ, 1996, p. 20).

O motivo pelo qual os Tapirapé decidiram produzir o material mencionado chamou minha atenção e revelou como os indígenas atuais estão ressignificando a escrita e o livro com o registro de suas tradições orais em uma busca de oferecer alternativas ao predomínio do ensino do português em suas aldeias. Segundo um indígena, “[...] os brancos não perdem sua língua nem as coisas de sua tradição porque fazem muitos livros. É por isso que nós temos que fazer nossos próprios livros, na nossa língua e não ficar usando o livro do branco!” (Kamoriwa'i, professor tapirapé, durante o Encontro de Professores Indígenas realizado em Merure, MT, em setembro de 1993).

2.4. Década de 2000

Após três décadas, a atividade de tradução de cantos e narrativas tupi-guarani tornou-se mais variada em termos de línguas-fonte, de áreas do conhecimento de onde partem as iniciativas e de tradutores, com tradutores indígenas passando a publicar suas traduções como autores. Verifica-se a realização de publicações em quase todos os anos, com traduções de cantos e narrativas em cinco línguas diferentes e, especificamente, em guarani, nos seus três dialetos, mbya, kaiowá e ñandeva. Surgem publicações na área da linguística (as duas primeiras gramáticas do levantamento), antropologia, educação e literatura, esta última de autoria de escritores indígenas. Pode-se dizer, assim, que a tradução para o português de artes verbais tupi-guarani finalmente começa a se firmar como um campo de atividade e pesquisa mais sólido.

2.4.1. *Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*⁴⁰ (2000)

Esta gramática kamaiurá, de autoria da linguista Lucy Seki e publicada pela editora da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, reuniu mais de 40 textos gravados, transcritos e, em sua quase totalidade, analisados. São “textos mitológicos, procedurais, relatos de viagem, relatos sobre usos e costumes, sobre animais, fatos da história do grupo, fala do chefe, diálogos” (SEKI, 2000, p. 47). Entretanto, de todos esses materiais, apenas três narrativas foram apresentadas integralmente pela autora, as quais foram selecionadas para integrar a pesquisa ora realizada.

Para a tradução dos textos, Seki contou com a assistência do intérprete Tatap, que, na época da elaboração da gramática, estava com 37 anos. Tatap foi seu assistente na transcrição e tradução dos textos fornecidos por pessoas não falantes do português e que serviram de base para a coleta de novas informações sobre a gramática e o léxico. Segundo Seki, Tatap era “dotado de grande acuidade intelectual, fluente em Português e com alguma experiência de escrita e leitura nessa língua” (SEKI, 2000, p. 46). Gostaria de lembrar que ele também trabalhou como intérprete durante as pesquisas de Samain (vide 2.2.1). Outros dois intérpretes, Yanumakakumã (mais conhecido como Sapain) e Yrywaujy (Juca, irmão de Tuvule), também auxiliaram na tradução de alguns textos, porém em menor escala.

2.4.2. *Noções de língua geral ou Nheengatú: gramática, lendas e vocabulário* (2000)

A segunda gramática registrada neste levantamento é de autoria do padre Afonso Casasnovas e foi publicada em 2000⁴¹.

Enquanto a primeira parte do livro versa especificamente sobre a gramática dheengatu, a segunda parte trata especificamente de “lendas e histórias” e apresenta a tradução de 10 narrativas tradicionais (no total, são 12 narrativas, mas duas delas estão apenas em português e, possivelmente, foram coletadas diretamente no vernáculo). Segundo Casasnovas, “entre tantas lendas que foram escritas por diversos autores (Brandão de

40 Publicado originalmente como tese de pós-doutoramento da autora pela *Texas University*; infelizmente, não foi possível encontrar a tese ou a data de sua publicação. Por esta razão, esta pesquisa utilizou a versão da tese publicada em formato de livro em 2000.

41 Encontrei para consulta apenas a 2ª edição, publicada pela Editora da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Amorim, Stradelli, Alcionílio Bruzzi, Couto de Magalhães...) escolhemos aquelas que ainda estão vivas na memória do nosso povo” (2006, p. 15).

O *nheengatu* é falado ainda hoje no Rio Negro, Amazonas. Não foi língua de nenhum grupo indígena antes da chegada dos europeus ao continente americano. Ela começou a se formar no Maranhão e no Pará a partir da língua dos Tupinambás que habitavam a região e que foram aldeados pelos jesuítas juntamente com indígenas de outras etnias, falantes de outras línguas. Até 1877, foi mais utilizada que o português na Amazônia, ano em que o português tornou-se língua oficial.

2.4.3. *Nhande Reembypy: Nossas Origens* (2001)

Esta publicação foi organizada pelo linguista e antropólogo Wilson Galhego Garcia e publicada pela Universidade Estadual de São Paulo – UNESP/Faculdade de Ciências e Letras/Centro de Estudos Indígenas “Miguel A. Menéndez”. É, de longe, a obra com mais traduções de todas as que figuram em nosso levantamento, registrando um total de 305 traduções bilíngues, mais exatamente 31 cantos e 274 narrativas guarani kaiowá.

A coleta dos cantos e narrativas ocorreu durante um longo período de 15 anos (1974 – 1989) entre os Kaiowá de Amambai, Mato Grosso do Sul. A pesquisa de campo inicial tinha como objetivo coletar informações referentes ao universo botânico kaiowá. O pesquisador teve então a ideia de tornar o material acessível aos Kaiowá e a pesquisa etnobotânica inicial transformou-se num projeto de catalogação de tradições orais. Foram dezenas de horas de gravações de assuntos relativos a cantos rituais e profanos, mitos de origem, religião, parentesco, plantas, animais, cores, aspectos da vida cotidiana, entre outros. Todo o material foi gravado e, posteriormente, transcrito e traduzido literalmente para o português pelo tradutor kaiowá Aniceto Ribeiro, o qual foi treinado por Garcia segundo a metodologia do *Summer Institute of Linguistics* (SIL) – atualmente, *Sociedade Internacional de Linguística*. As gravações foram feitas em campo e quase sempre diante da situação objeto do texto, ou seja, um casamento, um nascimento, um enterro, e assim por diante. De acordo com o pesquisador, Aniceto gravou as declarações e as traduziu sem as interpretar; por isso, os dados

seriam, realmente, “neutros”⁴². Para a publicação, foram respeitados a grafia e o estilo originais de Aniceto, tanto em kaiowá quanto em português (GARCIA, 2001, p. 12).

Se a iniciativa de um trabalho dessa grandeza já é louvável por si só, quanto mais o fato de ter sido traduzida integralmente por um tradutor indígena, devidamente treinado. Isto é raro, mas deveria ser a regra – ou, pelo menos, ser mais recorrente no trabalho de tradução de artes verbais indígenas. No prefácio do livro, o jesuíta e antropólogo guaraniólogo Bartolomeu Meliá tece o seguinte comentário sobre Aniceto: “Aniceto é um homem que deve ser retido como etnógrafo dos seus povos” (GARCIA, 2001, prefácio, s.n.).

Faço apenas uma observação com relação à organização geral da obra. Os textos foram listados sem numeração, tanto no prefácio quanto no corpo do texto, o que complicou a verificação do número exato de traduções. Aparentemente, há um erro de listagem no sumário ao compará-lo com os textos correspondentes. Segundo nossa contagem, 20 narrativas não foram listadas no sumário (vide página 108 a 123). Obtivemos o número total de traduções por meio de contagem manual. Por isso, apesar de termos verificado algumas vezes os textos, contrapondo-os ao sumário, recomenda-se a recontagem no caso de pesquisas futuras.

2.4.4. *Tupã tenondé: a criação do universo, da terra e do homem segundo a tradição oral Guarani* (2001)

Neste livro, publicado pelo Instituto Arapoty⁴³ em parceria com a Editora Fundação Peirópolis, o escritor indígena Kaká Werá Jecupé faz uma retradução dos quatro primeiros capítulos do *Ayvu Rapyta* a partir da versão guarani-castelhano de Cadogan. Apresenta os cantos em formato bilíngue, os quais são acompanhados de comentários sobre determinados termos segundo o pensamento e a metafísica guarani.

Kaká Werá (nome pelo qual é conhecido) nasceu em Parelheiros, periferia de São Paulo, local que abriga duas aldeias guarani. Seus pais vieram de Minas Gerais e passaram

42 Aspas minhas. As contínuas discussões nos Estudos da Tradução já mostraram que o ato de traduzir envolve um posicionamento de ordem subjetiva do tradutor, que tem ligação com suas opiniões, visão de mundo, entre outros fatores que influenciam e determinam suas escolhas tradutórias. Então, afirmar que transcrições e traduções são neutras é, de fato, questionável.

43 O Instituto Arapoty é uma organização sem fins lucrativos fundada em 1998 por Kaká Werá com o objetivo de difundir as tradições indígenas para jovens e ajudar aldeias do sul e do sudeste do país a trabalharem de forma sustentável. Sua sede está localizada em Itapeceira da Serra, estado de São Paulo.

pelo processo de negação de sua identidade indígena em razão de preconceito. Assim, Kaká Werá veio a se reconhecer como indígena apenas durante o colegial e, hoje, identifica-se como Txucarramãe (um dos clãs Kayapó). Transformou-se em educador e possui um longo trabalho de difusão das culturas indígenas, seja por meio do trabalho com educação, seja por meio da literatura. Possui diversos livros publicados.

2.4.5. *Através do Mbaraka: música e xamanismo Guarani (2002)*

Publicada originalmente como tese por Deise Lucy Oliveira Montardo, em 2002, esta é uma etnografia que teve como objeto de análise a música guarani executada no ritual cotidiano realizado pelos Guarani, o qual é denominado *jeroky* nos subgrupos Kaiowá e Ñandeva (Mato Grosso do Sul), e *purahéi* nos subgrupos Mbya e Chiripá (sul e sudeste do Brasil). Trata-se de um minucioso trabalho de etnomusicologia, um dos poucos deste levantamento.

Montardo apresenta a tradução bilíngue de 15 cantos, dos quais 13 são kaiowá e dois são ñandeva (cantos 8 e 9). Eles estão descritos no capítulo 2 da tese, chamado “*Descrição da dança e da música nos rituais kaiová* (2002, p. 61 e seguintes). A antropóloga trabalha com as traduções que obteve de intérpretes nativos e as complementa com comentários resultantes de exegeses e de consultas a dicionários, “num esforço analítico que visa a ampliar a compreensão do texto”. Contou também com a ajuda do linguista Wilmar D’Angelis e da guaranióloga Friedl Grünberg (2002, p. 74).

Com relação à apresentação das traduções, cabe destacar que a antropóloga oferece três versões delas: uma literal, baseada em dicionários; uma feita pelos informantes indígenas, chamada de “Tradução baseada nas exegeses nativas”, e uma feita por ela e que denominou de “Interpretações e traduções exploratórias”. Veja o exemplo abaixo (MONTARDO, 2002, p. 79):

Tradução baseada em dicionários	Tradução baseada nas exegeses nativas	Tradução e interpretação Exploratórias
Amondo ko ñe’ë A/característica da 1 a .p.s. dos verbos transitivos e muitos intransitivos + mondo/mandar, enviar, converter, metamorfosear;	Eu mando (envio) minha palavra (meu pedido)	Eu envio esta Mensagem

ko 54 /esta; ñe'ë/palavra		
Tupã upe Tupã/ Deus das chuvas, do trovão e dos raios; upe/ = pe/ esse, o	Pai de Jesus Cristo	O Deus das chuvas, do trovão e dos raios

Montardo faz comentários sobre suas escolhas tradutórias, com uma discussão muito interessante sobre a dificuldade de se acessar o valor dos termos nativos segundo a perspectiva ontológica guarani, devido ao tipo de tradução realizada pelos intérpretes, que utiliza os termos aprendidos com os missionários:

“Os Guarani dominam a tradução feita nas fontes históricas e trabalham com elas ao informarem os antropólogos. Não pude obter uma tradução lingüística analítica. Todos os materiais e a ajuda que obtive de lingüistas foram baseados no dicionário de Cadogan, um clássico de inegável valor, mas que, para uma tradução analítica, às vezes não é suficiente. Se me baseio na tradução nativa, estou trabalhando com a tradução da tradução, e para destrinchá-la teria que reler com critério as fontes históricas e pensar em todo o processo de construção da tradução. Trabalho a que se propôs Cristina Pompa (2001), ao fazer uma análise histórico-antropológica do processo de encontro entre indígenas e missionários no Brasil colonial e que fornece muitas pistas para pensar e questionar as traduções do guarani com as quais trabalham a literatura e os próprios Guarani.

A autora explicita que houve uma negociação constante nas traduções feitas no processo das missões, ‘em que os símbolos de um e de outro constituíram uma linguagem de mediação’ (2001:iii). Exemplo destas idas e voltas de traduções é o uso de Tupã para designar Deus ou Jesus Cristo” (2002, p. 28–29).

2.4.6. *A vida do sol na terra - Kuaray'i ywy rupáre oiko'i ague (2003)*

Livro infanto-juvenil de autoria dos escritores guarani mbya Papa Miri Poty e Verá Kanguá, publicado pela Universidade Anhembi Morumbi, que narra o mito de origem dos Gêmeos (ou mito do Sol e da Lua) em formato bilíngue.

2.4.7. *Os Kaiabi do Brasil Central: história e etnografia (2004)*

Essa publicação, de autoria do antropólogo Georg Grünberg, foi realizada originalmente em formato de tese e em língua alemã, em Viena, Áustria, como resultado da

pesquisa realizada por ele durante sua viagem de campo entre os Kaiabi do Rio dos Peixes, noroeste do Mato Grosso, de dezembro de 1965 a novembro 1966, sob orientação do etnólogo Herbert Baldus. Desde então, circularam poucas cópias datilografadas em versão traduzida por Thekla Hartmann (que, inclusive, revisou a tradução da publicação usada nesta dissertação) e Eugênio Wenzel.

A tradução para o português foi publicada em 2004. O texto original foi traduzido integralmente, com exceção do capítulo V (“Cultura Material”), substituído pelo próprio autor por uma versão maior e mais completa, publicada originalmente por Fiedl e Georg Grünberg em 1967 e traduzido para o português por Thekla Hartmann em 1997. Observo que, durante o trabalho de campo na década de 1960, as partes narradas em língua kaiabi foram traduzidas para o português por intérpretes indígenas e Grünberg fez a tradução posterior para o alemão. Quase quatro décadas depois, a obra em alemão foi novamente traduzida para o português. Nessa publicação, há dois tradutores, Eugênio G. Wenzel, responsável pela tradução da etnografia, e o padre João Dornstauder, tradutor dos cantos e narrativas.

Especificamente sobre as narrativas e cantos coletados por Grünberg, uma parte foi narrada por informantes diretamente em português e a outra parte foi narrada pelo cacique Temeoni, em kaiabi, mas gravada e traduzida para o português pelos tradutores kaiabi Piaka e Nawé. Os cantos foram todos traduzidos. Quanto aos mitos, a maioria deles foi narrada em português, e apenas 11 foram narrados em língua nativa e depois traduzidos. Sendo assim, a obra possui um total de 14 traduções, dos quais três são cantos e 11 são narrativas. No caso dos mitos com mais de uma versão, Grünberg apresenta sempre, em primeiro lugar, a versão de Temeoni, traduzida por Piaka ou Nawé, seguida das outras versões narradas em português por outros informantes.

A escolha de Temeoni como o informante em língua kaiabi justifica-se pelo fato de que “talvez fosse o único a ter plena consciência da amplitude da catástrofe sofrida pelos Kaiabi desde seu contato com os brasileiros. Ele se negava até a pronunciar uma única palavra em português”. Grünberg conclui, dizendo estar convencido de que “[...] Temeoni constitui o melhor fornecedor de informações abrangentes sobre a cultura Kaiabi, mas para assim utilizá-lo, o domínio da língua é *conditio sine qua non*” (2004, p. 21).

É interessante mencionar que o etnólogo tem o cuidado não só de datar, mas também de citar o nome de cada informante e de Piaka, o tradutor, em cada um dos cantos e

narrativas apresentados. Exemplo: Narrativa 1 – Maimairi rouba o fogo (narrado por Temeoni em 26 de agosto de 1966, gravação traduzida por Piaka em 28/08/1966) (GRÜNBERG et al., 2004, p. 219).

2.4.8. *Ajuda do saci: kamba'i* (2006)

Outro livro infanto-juvenil do escritor maraguá Olívio Jekupé e ilustrado por Rodrigo Abrahim. Conta uma história autoral de Jekupé, na qual Verá, o personagem principal, vai à cidade para estudar na escola dos brancos (os *juruá*) para aprender a ler e a escrever em português, com o intuito de defender o seu povo. Entretanto, no decorrer da sua estadia na cidade, Verá sofre um acidente que o torna paraplégico. É, assim, uma história sobre as dificuldades por que passam muitos indígenas ao sair de suas aldeias para ir à cidade estudar, ficando sujeitos às violências cotidianas colocadas em razão de sua indianidade.

2.4.9. *Coletânea de narrativas Ka'apor* (2006)

Coletânea organizada pelos professores Fábio Bonfim Duarte e Mário Alexandre Garcia e publicada pelo Literaterras, um núcleo de pesquisas sobre literaturas extra-ocidentais da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. É resultado do Curso de Documentação de Narrativas Indígenas ministrado pelos organizadores na aldeia ka'apor *Xié Pyhún Rená* durante os meses de julho e agosto de 2006 (17/07/2006 a 05/08/2006, mais especificamente). Apresenta 11 narrativas bilíngues.

Não há informações sobre os tradutores ou sobre o processo de tradução, mas como é resultado de um curso de documentação de narrativas, provavelmente as traduções foram todas feitas por alunos do curso, como é de praxe.

A língua ka'apor não é falada por nenhum outro grupo, exceto como segunda língua por alguns Tembé e outros moradores da região do Gurupi, etnicamente não considerados Ka'apor. Variações dialetais são minimamente desenvolvidas (BALÉE, [s.d.]). A educação formal em português é baixa entre os Ka'apor. Há alguns anos, decidiram romper com o sistema educacional importado de fora das aldeias e sua língua foi a base para a criação de um

sistema educacional diferenciado, o que gerou um vínculo ainda maior entre as aldeias e criou condições para o desenvolvimento de novas formas de organização política.

2.4.10. Coletânea de narrativas Tenetehára (2008)

Outra coletânea organizada por Fábio Duarte e publicada pelo núcleo Literaterras, que contém 33 narrativas bilíngues tenetehára, resultado de um trabalho de documentação desenvolvido com os Tenetehára do rio Gurupi/PA, mais conhecidos como Tembé. Os informantes foram velhos tenetehára e todo o processo de transcrição e tradução foi realizado por professores tenetehára, entre 1995 e 2006. Duarte auxiliou no trabalho de coleta, transcrição e correção das narrativas. Afirma que alterou com correções a versão final apresentada pelos professores (2008, p. 8).

Esse povo, assim como os Guajajara, falam a língua tenetehára. Os Tembé que vivem próximos ao rio Guamá já não falam mais a língua nativa. Já outros que se localizam às margens do rio Gurupi, além de sua própria língua e do português, falam também o ka'apor. Com relação à sua mitologia, Maíra é o principal herói mítico e o ciclo de origem do mundo é o mesmo de vários povos tupi-guarani.

2.4.11. Terra madura, yvy araguyje: fundamento da palavra Guarani (2008)

Livro de Graciela Chamorro, publicado pela Editora da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), no qual aborda a relação entre a religião indígena original e o cristianismo entre os Guarani Mbya, Kaiowá e Nandeva. Apresenta nove cantos traduzidos em formato bilíngue, dos quais dois são retraduições. Discute outros tipos de artes verbais, como discursos e relatos, mas não os considerei para o levantamento por fugirem ao escopo da pesquisa.

Os cantos traduzidos por Chamorro são uma reza ou “*jerosy puku* ou *ñembo’e puku*”, “*o longo canto-dança*” ou “*a longa reza*” (CHAMORRO, 2008, p. 243), dois cantos mais melódicos e que mais se aproximam do padrão musical ocidental (CHAMORRO, 2008,

p. 246) e quatro outros cantos sem definição mais específica dada pela autora (CHAMORRO, 2008, p. 267–270).

A antropóloga faz também a retradução de dois cantos apresentados no CD *Memória Viva Guarani*, um registro de cantos e músicas da tradição dos índios Guarani, entoados por 11 corais infanto-juvenis, compostos por mais de 200 crianças e jovens das aldeias *Krukutu*, *Tenondé Porã*, *Tekoa Pyau*, *Sapukai*, Boa Vista, Rio Silveira, Itaoca, Rio Branco, Piaçaguera, *Pindoty* e *Peguaoty*, localizadas em São Paulo e Rio de Janeiro⁴⁴. Chamorro apresenta uma nova versão dos cantos *O sol* e *De onde procedes?* (2008, p. 247), a partir de modificações nas traduções contidas no encarte do CD.

2.5. Década de 2010

Esta é uma década em que as traduções para o português de cantos e narrativas upi-Guarani despontam no cenário das artes verbais ameríndias no Brasil, registrando mais do que o dobro de publicações em comparação à última década. É o período de maior variedade de tipos de publicações (livros, artigos, teses e até um documento resultante de projeto de documentação linguística). Quanto às áreas do conhecimento de onde partem as iniciativas, continuam variadas como na década anterior, com publicações na área da antropologia, linguística, literatura e educação. Os projetos de documentação entram com força nesse cenário (O Grupo LEETRA/UFSCAR lança três publicações e o PRODOCLIN/Museu do Índio lança duas), bem como os tradutores e tradutoras indígenas (cinco no total), marcando presença como autores de publicações. Resumindo: esta foi, sem dúvida, a década mais frutífera.

44 É possível ouvir as músicas no site de venda oficial do CD: <http://www.mcd.com.br/memoria-viva-guarani/>.

2.5.1. *Karawara: a caça e o mundo dos Awá-Guajá (2010)*

Etnografia dos Guajá (MA), realizada por Uirá Felipe Garcia e publicada como tese pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (USP). Segundo o antropólogo, os Guajá [também conhecidos como Awá Guajá ou apenas Awá] são um povo fundamentalmente caçador, e a tese tem como objeto as relações que se estabelecem entre as atividades de caça e outros processos de vida.

Ao todo, Garcia apresenta 14 traduções de três cantos e 11 mitos. Discute ao longo de toda a etnografia sobre escolhas de tradução, seja por parte dos Guajá, seja por ele (e, em alguns momentos, discute inclusive as escolhas terminológicas de outros pesquisadores). Um comentário que faz logo no início da tese é:

“Nos insuficientes nove meses que passei entre os Awá, para me explicarem os fatos de ‘seu mundo’, as pessoas gentilmente se utilizaram de imagens do ‘meu mundo’ (como torneiras, espelhos e motores), para que eu entendesse suas explicações. Boa parte desta tese é baseada em explicações que me foram fornecidas nestas formas *transnominadas*, que em alguns momentos, como agora, eu não poderei escapar de transcrever fielmente. Como a etnologia é fundamentalmente um trabalho de tradução, muitas das que proponho aqui começaram com eles” (2010, p. 40).

Os cantos foram apresentados em formato bilíngue e referem-se “diretamente à presa que o *karawara*, dono do canto, caça. Por isso, são também cantos de caça, entoados pelos Awá quando vão caçar (baixinho para não serem ouvidos) e, principalmente, quando retornam (bem alto para que todos saibam que animal abateram)” (2010, p. 401).

Garcia comenta sobre sua dificuldade de traduzir os cantos por causa das especificidades inerentes a esse tipo de arte verbal guajá. Diz ele que “[...] traduzir esses cantos é uma tarefa ainda por fazer, pois diferente das narrativas, o canto parece falar em um outro idioma, muitas vezes com gemidos e *vocalizes* que ocultavam totalmente as palavras” (p. 401). Afirma que foi algo impossível, principalmente nos contextos do dia a dia, e que as pouquíssimas traduções que realizou foram em forma de “aulas de canto”, que lhes foram ministradas para que pudesse participar dos rituais da *takája*. Em nota, acrescenta:

“As minhas tentativas de tradução com intérpretes sempre foram mal sucedidas. No início, como num rompante etnocêntrico (dentre tantos outros que experimentei no campo) achava que tratava-se de má vontade do tradutor, já que perdíamos por vezes horas e não saíamos do lugar. E pensei que se “pagasse” pelo serviço adiantaria (com meus objetos e coisas que tinha guardados comigo, como facas, cordas, isqueiros e o que mais eu

tivesse). Mas, mesmo "pagando", não houve diferença na (pensava eu) "má vontade" dos tradutores. Foram tantas as confusões semânticas que decidi parar com as traduções formais. Para que eu traduzisse algumas canções, foi necessário realizar traduções internas à língua, do formato musical para o oral, e depois tentar traduzir para o português" (2010, p. 401).

Com relação aos mitos traduzidos, eles foram apresentados somente em português. Garcia afirma que os Guajá contam poucos mitos, embora possam contar um mesmo mito diversas vezes. No conjunto de mitos traduzidos pelo autor, há aqueles sobre as aventuras e desventuras de Maíra e seu irmão Gambá, que são os mais mencionados na mitologia Guajá e que tratam do surgimento dos humanos e de outros seres da terra. Há também um mito sobre a origem das relações de gênero, que lhe foi narrado duas vezes, ambas por mulheres, e outros dois mitos, um sobre a lerdeza dos jabutis e outro sobre a origem do fogo.

2.5.2. *Textos produzidos pelos Kawaiwete (anos 2010 e 2011): poemas/músicas e materiais tradicionais Kawaiwete (2010)*

Coletânea organizada pelo projeto de Documentação de Línguas Indígenas PRODOCLIN/Museu do Índio, coordenado pela linguista Suzi Lima, contendo 15 poemas, duas canções e nove relatos de práticas e objetos tradicionais, todos bilíngues. O material é resultado de atividades de escrita realizadas durante três oficinas (jul/2009; dez/2009; jul/2010) entre os Kaiabi (também conhecidos como Kawaiwete). Contou com a participação de 33 autores, que provavelmente foram também os tradutores. Infelizmente, não há informações quanto ao gênero e ao número de tradutores participantes.

2.5.3. *Jene ramýjwena juru pytsaret =: O que habitava a boca de nossos ancestrais (2010)*

Livro de autoria da linguista Lucy Seki (segundo seu registrado no levantamento) publicado pelo Museu do Índio/Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e composto por 8 narrativas míticas kamaiurá em formato bilíngue, acompanhadas de notas etnográficas. Seki coletou, transcreveu e traduziu todas as narrativas com o auxílio de intérpretes. A coleta foi feita durante pesquisas de campo no Ypavu (aldeia kamaiurá) e durante encontros com informantes em São Paulo.

Além das narrativas, Seki apresenta uma breve etnografia sobre os Kamaiurá e aborda características da língua e da narrativa mítica.

2.5.4. *Roça barroca* (2011)

Livro da escritora e tradutora Josely Vianna Baptista, que retraduziu os três primeiros capítulos do *Ayvu Rapyta*, de Cadogan, dez anos após a retradução de Kaká Werá Jecupé. Foi publicado pela Cosac Naify. A tradução se deu a partir do original em guarani e da leitura da tradução em espanhol feita por Cadogan, utilizando diversas obras de referência para um entendimento das palavras em mbya.

Durante o processo de tradução, Baptista descreve que fez primeiramente uma tradução unilateral dos cantos; depois, atenta aos elementos formais do original, fez uma retradução em busca de “compensações possíveis” para que fosse possível alcançar uma eficácia poética em português. Também, contou com o auxílio de Teodoro Tupã Alves, liderança indígena e professor da aldeia de Ocoy, localizada em São Miguel do Iguaçu, Paraná, o qual entoou os cantos em mbya e Josely os gravou para perceber as modulações e tessituras sonoras (BAPTISTA, 2011, p. 12). A versão de Baptista prezou, acima de tudo, a forma, “num exercício escritural em que tentei infundir no português um pouco do ‘sussurro ancestral’ da língua guarani” (2011, p. 13). Além das traduções, inclui comentários às traduções no capítulo “Breve Elucidário”.

2.5.5. *A arte da palavra cantada na etnia Kaiowá* (2011)

Artigo da antropóloga Graciela Chamorro sobre as formas da palavra cantada kaiowá, publicado pela revista *Société Suisse des Américanistes/Schweizerische Amerikanisten – Gesellschaft*, no qual apresenta três modalidades de cantos: a reza, o canto lamento e o canto de encontro. O tema é apresentado por meio de 13 cantos bilíngues, juntamente com descrições do contexto e das formas em que esses gêneros ocorrem nas comunidades kaiowá, buscando, assim, distingui-los de seus homônimos nas comunidades mbya e ñandeva. Dos 13 cantos bilíngues, 11 são kaiowá e dois são ñandeva.

2.5.6. Fonologia e gramática do Nheengatú: a língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa (2011)

A terceira gramática do levantamento corresponde à dissertação de mestrado de Aline da Cruz, realizada na *Landelijke Onderzoekschool Taalwetenschap* (LOT) [*Netherlands Graduate School of Linguistics*].

A coleta do *corpus* foi feita em 3 viagens, totalizando oito meses de trabalho de campo, período no qual a autora coletou 17 textos orais (seis entre os Baniwa, quatro entre os Warekena e sete entre os Baré), 11 textos escritos, oito canções e três cadernos de elicitación (CRUZ, 2011, p. 29). Entretanto, de todo esse material, apenas duas narrativas (*O Curupira* e *A mulher e a Sucuri*) são apresentadas de forma integral no Anexo III da dissertação, ambas transcritas e traduzidas pela professora Marlene Trindade Ferreira, da etnia Baré. Cruz antecede as duas narrativas com informações sobre o contexto de coleta e tradução, como o nome das narradoras, local e data de coleta, além do nome da tradutora.

2.5.7. A mulher que virou urutau (2011)

Mais uma obra infanto-juvenil de autoria de Olívio Jekupé, desta vez escrito em parceria com sua esposa Maria Kerexu e publicado pela Panda Books. Trata-se do mito guarani sobre o pássaro urutau, apresentado em formato bilíngue. Além do mito, os autores fornecem dados informativos sobre o urutau.

2.5.8. Emplumando a grande castanheira (2012)

Artigo de Álvaro Faleiros, publicado pela Revista de Estudos Avançados. Em 2012, Faleiros, que é poeta, tradutor e professor da Universidade de São Paulo (USP), ofereceu uma segunda tradução do *Canto da Castanheira* nesse artigo, revista à luz do perspectivismo ameríndio. O artigo trata da complexidade do agenciamento enunciativo de que fala Viveiros de Castro em sua tese ao abordar os cantos xamanísticos dos Araweté. Inicialmente, Faleiros detalha essa complexidade enunciativa descrita no *Canto da Castanheira* e, num segundo

momento, comenta as traduções de Antônio Risério e Viveiros de Castro. Especificamente sobre a tradução feita por Risério, diz que “[...] a intenção de Risério é boa, no sentido de ampliar a espectro daquilo que compõe o espaço de uma poética brasílica [...]. A questão é que as consequências de sua postura semiótico-textual produzem uma tradução, a meu ver, discursivamente opaca” (2012, p. 61–62). Sendo assim, apesar de Risério ressaltar as especificidades da poética araweté, na opinião de Faleiros ele opera totalmente dentro da lógica textual das poéticas ocidentais quanto à organização textual proposta – “a ‘forma poema’ é reconhecível, codificável” – e o próprio valor poético de sua tradução fica comprometido, visto que depende de todo um arcabouço etnográfico exterior ao texto (2012, p. 62). Faleiros, então, apresenta sua retradução ao canto araweté, antecedido de alguns comentários relacionados à postura tradutória que assume. Adota três tipos de notas: notas *performativas*, notas relacionadas ao universo simbólico araweté e notas para marcar os movimentos enunciativos do texto; inclui também alguns “epítetos” no corpo do texto para explicitar as relações de parentesco os personagens e ressalta os aspectos poéticos do texto, como os paralelismos, repetições e sonoridades.

Faleiros desenvolve nesse artigo a proposta de uma teoria xamânica da tradução. Traduzir cantos ameríndios, para ele, é concebido como um “jogo de relações entre formações discursivas diferentes”, uma forma discursiva que leva em conta as diferentes ontologias e que “coloque em relação os universos simbólicos e os modos de construção de sentido do que difere” (2012, p. 63).

2.5.9. Eventos de fala entre os Apiãwa (Tapirapé) na perspectiva da etnosintaxe: singularidades em textos orais e escritos (2012)

Nessa tese de doutoramento em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás – UFG, Eunice Dias de Paula apresenta, na parte dos anexos, a tradução bilíngue de três cantos e dois mitos tapirapé⁴⁵, colhidos durante pesquisa de campo realizada em dezembro de 2010.

Os cantos foram traduzidos pela autora e chamam-se *Canto convocatório ritual relacionado à refeição de Espíritos*, *Canto do Ka'orete* e *Canto do Gavião Real*. Os mitos,

45 Eunice apresenta quatro mitos, mas apenas dois foram narrados em tapirapé e traduzidos para o português.

por sua vez, são *Xapakanio Pagaretã – o mito do gavião real*, narrado por Kaorewygi Tapirapé, chefe de cerimoniais do povo Tapirapé, e gravado e traduzido pelo professor e cacique da aldeia Tapi'itãwa Kamajrao (Xario'i Carlos Tapirapé); e *Mito da origem do povo Apiãwa*, narrado por Koraripewi Tapirapé e traduzido por Demilson Makarore Tapirapé.

2.5.10. *A origem do beija-flor: Guanãby muru-gãwa (2012)*

Este quinto livro de autoria indígena do levantamento é de autoria de Yaguarê Yamã, da etnia Maraguá, em parceria com Taisa Borges, como parte da coleção *Peirópolis Mundo*, que busca valorizar línguas minoritárias de todo o mundo. Os autores traduzem para o português o mito de origem do beija-flor, ainda vivo na memória dos pajés do povo Maraguá, habitante do vale do rio Abacaxis, estado do Amazonas. O mito é apresentado em formato bilíngue maraguá-português.

2.5.11. *Fábulas de Terra Preta: uma coletânea bilíngue (2013)*

Coletânea de narrativas bilíngues da comunidade indígena Terra Preta, Rio Negro, Amazonas, organizada pelos linguistas Steven Bird, Isaac McAlister e Katie Gelbart. A publicação é, na verdade, um livreto produzido de forma independente.

A maior parte das histórias (sete de um total de 11) foram coletadas em nheengatu e, posteriormente, transcritas e traduzidas para o português. Segundo os organizadores, “o projeto tinha o propósito de “contribuir para a conservação do patrimônio cultural da comunidade de Terra Preta, fornecer materiais que poderão ser utilizados na instrução lingüística e promover a continuidade do uso da língua Nhengatú” (2013, p. 1). O processo de narração, tradução e transcrição do livro envolveu diversos indígenas. Como todos tiveram seus nomes divulgados pelos organizadores, apresento a relação aqui a título de visibilidade desses sujeitos:

✓*Narração de histórias:* Jonas Bruno Aleixo, Arnaldo Yarumare, Olavo Bruno Aleixo, Clodoaldo Silva Aleixo, Estelane, Raiciane;

✓*Tradução:* Samuel Aleixo, Clodoaldo Silva Aleixo, Arnaldo Yarumare;

✓*Transcrição*: Jeremias da Silva Aleixo, Clodoaldo Silva Aleixo, Arnaldo Yarumare, Jonas Bruno Aleixo, Isaac McAlister, Katie Gelbart, Joel Aleixo Bruno Paulino, Samuel Aleixo.

2.5.12. *Moroneta Kamaiurá: histórias Kamaiurá* (2013)

Coletânea de 84 narrativas traduzidas para o português, de autoria dos pajés kamaiurá Tacumã Kamaiurá e Kanutari Kamaiurá e organizado por Andreia Duarte. É a terceira publicação do grupo *Literaterras* da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG registrada por este levantamento.

Essa publicação é resultado de um trabalho de registro de narrativas contadas por duas importantes lideranças kamaiurá, Tacumã Kamaiurá e Kanutari Kamaiurá, e traduzidas integralmente pelo intérprete Kotok Kamaiurá, também grande liderança do seu povo. As gravações foram feitas em 2002 e começaram exatamente em 10 de abril de 2002, uma semana antes do falecimento do filho do tradutor. Apesar de estar vivendo o período de luto, passando seus dias dentro da oca e limitando suas saídas a uma vez por dia, por motivo de necessidades fisiológicas, o intérprete continuou a participar do projeto e disse que iria traduzir as gravações como pudesse (KAMAIURÁ; KAMAIURÁ, 2013, p. ii). As traduções, assim, foram feitas na oca de Kotok. A organizadora da publicação relata que

“Kotok ficava sentado em sua rede, ouvindo a gravação e traduzindo para a língua portuguesa e eu [Andreia Duarte, a organizadora] escrevia, fazendo uso de dois pequenos bancos, um mais alto, servindo de mesinha, e outro menor para sentar, quando não, no chão.

Abriamos com as mãos o sapé da parede da oca para um pequeno feixe de luz entrar e assim ficávamos dias inteiros sentados dentro e no fundo de sua casa. Kotok não só traduzia as histórias, mas explicava a sua cultura, os significados das palavras tão diferentes para o meu contexto de vida (na época eu tinha 22 anos). Ao mesmo tempo, o trabalho para ele era difícil e, muitas vezes cansativo por ter que expressar todo esse conhecimento em uma segunda língua que ainda não dominava tão bem (KAMAIURÁ(KAMAIURÁ; KAMAIURÁ, 2013, p. ii), 2013, p. ii)”.

De acordo com Duarte, as histórias traduzidas oralmente por Kotok foram transcritas, procurando-se deixar a linguagem escrita mais próxima da linguagem oral e mantendo-se, assim, as marcas da oralidade kamaiurá.

A obra conta ainda com mais seis narrativas que não foram traduzidas; estão transcritas apenas em kamaiurá e foram inseridas no início do livro, visto que são narrativas tradicionais de importância central para o universo cosmogônico kamaiurá. O restante das narrativas é apresentado em formato bilíngue e divide-se em histórias tradicionais (capítulo II), narrativas que relacionam e unem os homens e a natureza (capítulo III) e narrativas que contam as histórias de outros povos e suas relações com os Kamaiurá (capítulo IV).

2.5.14. *Antologia dos Morõguetás: olhares indígenas* (2013)

Essa publicação é uma revista do Laboratório de Linguagens LEETRA da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar e contém textos de diferentes escritores e pensadores indígenas. Porém, só o poema de Lia Minapoty (LABORATÓRIO DE LINGUAGENS LEETRA, 2013, p. 49–50) se enquadra como narrativa tupi-guarani, segundo o recorte proposto por esta pesquisa. No entanto, possui textos com ótima reflexão sobre Literatura Nativa, como, por exemplo, o relato de Olívio Jekupé (LABORATÓRIO DE LINGUAGENS LEETRA, 2013, p. 56).

2.5.15. *O perecível e o imperecível: lógica do sensível e corporalidade no pensamento Guarani-Mbya* (2013)

Dissertação de Daniel Calazans Pierri, defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo – USP, na qual apresenta oito narrativas traduzidas em formato bilíngue e uma retradução do mito do Sol e da Lua feita a partir da versão de Papa Miri Poty e Verá Kanguá em *A Vida do Sol na Terra* (2003) – obra já mencionada neste capítulo.

Para a tradução das narrativas, o antropólogo contou com o protagonismo do jovem pesquisador e cineasta indígena Alexandre Ferreira Wera. “Com ele, pacientemente revisamos todas as transcrições que eu havia feito, permeadas de erros, e realizamos novas traduções, frase por frase, de todas as entrevistas”. Relata ainda que “o interesse, a disposição e o talento de Alexandre para discutir as opções de tradução e aprimorá-las a cada revisão foi fundamental” (PIERRI, 2013, p. 21).

Nesse trabalho, Pierri coleta inúmeros gêneros de artes verbais mbya. Além de narrativas míticas e de práticas tradicionais, transcreve e traduz sonhos, discursos, diálogos, depoimentos e relatos. De forma geral, os textos estão dissolvidos em pequenos pedaços ao longo de sua dissertação e serviram de base para a análise de aspectos cosmológicos guarani mbya, objetivo geral do trabalho. De todos os textos, considereei apenas nove para o levantamento realizado, pelo fato de as narrativas terem sido apresentadas de forma mais completa e não apenas em trechos.

2.5.16. *Caderno de campo Xetá (2013)*

Livro da Coleção *Documentos e História* publicado pela Universidade Estadual de Maringá – UEM que consiste, em parte, das notas de campo de Aryon Dall’Igna Rodrigues, renomado linguista no campo das línguas indígenas, quando pesquisou a língua Xetá. O trabalho de campo foi realizado em um acampamento Xetá, localizado na Serra dos Dourados, entre 1960 e 1962 e em 1967 (RODRIGUES, 2013, p. 7). O livro contém quatro mitos traduzidos e é organizado em fichas, sendo que cada uma trata de um tópico específico da cultura Xetá, com referências linguísticas.

Aryon produziu a tradução em português livre “baseada em narração fragmentária de Tuca [o intérprete], após audição do texto original” (2013, p. 118). Dá a entender que a narração foi feita por um informante Xetá em língua nativa e que Tuca fez a interpretação, enquanto Rodrigues transcreveu o material para o português. O mesmo processo foi realizado em todos os mitos descritos, que são: *Dilúvio* (p. 117-118), *Roubo do fogo* (p. 119-121), *Origem dos ratos* (p. 122) e *Origem da humanidade* (p.123). Ao que parece, todos são partes de uma mesma história, que se dá na sequência dos mitos apresentados.

2.5.16. *Tainãly, uma menina maraguá (2014)*

Livro infanto-juvenil de autoria da escritora maraguá Lia Minapoty, publicado pela Editora Positivo, que conta a história da menina maraguá Tainãly e sua vida na aldeia. O texto é apresentado em formato bilíngue, em língua maraguá e em português.

2.5.17. *Yafu: o retorno do chocalho* (2014)

Mais uma coletânea organizada pelo projeto de Documentação de Línguas Indígenas PRODOCLIN/Museu do Índio, contendo 27 cantos kaiabi em formato bilíngue, produzida a partir da revitalização da festa Yafu:

“A festa foi retomada a partir do sonho do pajé e cacique da aldeia, chamado Gwarujá, Tuiaraiup Kaiabi, sonho no qual ele visualizou os desenhos gráficos, os objetos a serem usados, assim como as músicas que foram gravadas durante a festa realizada na aldeia Gwarujá, em 2011. A festa foi fundamental para que os Kawaiwete retomassem cantos e danças tradicionais. Hoje, as músicas do Yafu são constantemente ouvidas entre os Kawaiwete do Xingu, que, criativamente, usam as suas melodias para compor novas letras que contemplem questões para eles atualmente relevantes, como educação, saúde e direitos” (PRODOCLIN KAWAIWETE - KAIABI, 2014, p. 14).

A transcrição do conteúdo oral em texto foi feita durante uma oficina realizada em 2011 na aldeia Tuiararé como parte das atividades do PRODOCLIN/Kawaiwete. O material foi transcrito e traduzido pela coordenadora Suzi Lima e quatro tradutores kaiabi: Aturi (Jowosipep) Kaiabi e Piruruk Kayabi, professores e principais tradutores, e Tomãiru Kaiabi e Wyrakatu Kaiabi. Segundo informa Lima, as músicas foram traduzidas levando-se em conta as especificidades dos cantos indígenas, como a repetição.

2.5.18. *Música, morte e esquecimento na arte verbal Araweté* (2015)

Tese de Guilherme Orlandini Heurich defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, na qual apresenta uma análise da arte verbal araweté por meio de seus aspectos formais e semânticos.

Heurich traduz 24 cantos araweté, dos quais 14 relacionam-se à festa da cauinagem. Ele foi responsável pela coleta de todos os cantos. Quanto ao processo de tradução, foi acompanhado em boa parte pelos Araweté, mas o material produzido é resultado especificamente do trabalho de Heurich com os intérpretes Jatamaro e Irarũno – principalmente com o segundo, com quem pôde traduzir por mais tempo e,

consequentemente, em maior quantidade (2015, p. 38–39). A partir das traduções, o autor pôde traçar características gerais das artes verbais araweté.

2.5.19. Escola Kariamã conta umbuesá (2015)

Segunda publicação registrada no levantamento de autoria do Laboratório de Linguagens LEETRA da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, na qual são apresentadas dez narrativas bilíngues nheengatu-português.

O projeto de realização do livro teve início com a pesquisa de mestrado de Patrícia Regina Vanetti Veiga, intitulada *Do oral para o escrito: a narratividade em nheengatu do Alto Rio Negro – AM*, que teve como objetivo investigar os processos de escrita das narrativas orais pelos professores indígenas. Foi desenvolvida com o povo Baniwa, localizado no Baixo Rio Içana, Rio Negro, Amazonas, o qual fala nheengatu desde o início do século XX, quando entrou em contato com pessoas de fora e com padres salesianos. Os Baniwa do Alto Rio Içana ainda falam sua língua ancestral, o baniwa (LABORATÓRIO DE LINGUAGENS LEETRA, 2015a, p. 12). Desde então, o nheengatu tornou-se a língua materna na região. Essa língua possui funcionamento de língua geral na região do Alto Rio Negro, sendo que São Gabriel da Cachoeira, principal município da região, possui três línguas co-oficiais: o nheengatu, o tukano e o baniwa.

O processo de coleta começou com a narração oral de professores Baniwa que estavam em São Gabriel e continuou com a pesquisa e escrita dessas histórias por professores da escola Kariamã (p. 12). O primeiro encontro foi em 2014 e envolveu quatro professores da escola Kariamã (Amarildo Castro, Divinória Galdêncio, Maria Bidoca e Miguel Piloto), duas professoras da cidade de São Gabriel da Cachoeira (Celina Menezes da Cruz e Marlene Domingos Trindade, ambas da etnia Baré) e Marivaldo Almeida, momento em que algumas histórias foram narradas e gravadas na maloca da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN).

Posteriormente, professores da escola Kariamã deram continuidade ao processo e se juntaram para escrever as histórias narradas. Surgiram várias versões de uma mesma história

e, por isso, consultaram um pajé da comunidade, o senhor Hermes Domingos Plácido, da etnia Baniwa, de 61 anos de idade, para chegar a uma versão única.

Os professores comentam sobre os desafios da transferência das narrativas orais para a forma escrita e sobre dificuldades experimentadas com o próprio nheengatu. Falam, por exemplo, dos termos em desuso:

“Muitas palavras não são mais usadas e, quando escrevemos coletivamente, aprendemos juntos muitos termos que alguns não conheciam na própria língua que falamos, por exemplo, *iwikuim* (areia/praias) ou *ipawa* (lago). Como o nheengatu não tem uma ortografia unificada, tínhamos que escolher a melhor maneira para escrever e ler as histórias. Por exemplo, nas próprias histórias têm palavras que levam a vogam nasal e que algumas vezes são escritas com o ‘til’ (~) e outras vezes aparecem escritas com /m/ e /n/ para indicar a nasalização. Algumas palavras são escritas às vezes com um /a/, outras com duas letras /a/, por exemplo, *wa/waá* (que); *pá/paá* (contam). Essas abreviações são comuns na fala e na escrita nheengatu” (LABORATÓRIO DE LINGUAGENS LEETRA, 2015a, p. 16).

Os professores comentam ainda que decidiram manter as ênfases dadas pelos narradores, usando o prolongamento da vogal, como no termo *usaaaka* [ardido]. Também, escreveram os sons dos “acontecimentos da história”, como o “do trovão (pááááá), do pássaro cortando a língua do jacaré (tirillá), do japurutu (tsen tsen tsen tum tem rem) e da rã (kuã kuã kuãããã)” (LABORATÓRIO DE LINGUAGENS LEETRA, 2015a, p. 14), com o objetivo de auxiliar o leitor a imaginar melhor a história.

O título das dez narrativas são: 1. *A pessoa-preguiça no dabucuri*; 2. *Preguiça e bodozinho (kaalipa)*; 3. *História dos Matis*; 4. *Guariba e anta*; 5. *História dos Makiritários*; 6. *Makiritários*; 7. *Origem da noite I*; 8. *Origem da noite II*; 9. *Origem do fogo*; 10. *Por que o jacaré não tem língua?*

2.5.20. Nheengatu Tapajoara (2015)

Esta terceira publicação de autoria do Laboratório de Linguagens LEETRA é um material didático, publicado como edição especial da revista LEETRA Indígena, da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Foi construído em conjunto com os professores indígenas de Santarém/PA (LABORATÓRIO DE LINGUAGENS LEETRA,

2015b, p. 7) e reuniu dez cantos e oito narrativas traduzidos, compreendendo narrativas históricas, cantos tradicionais e de composições atuais, poema e receita.

2.5.21. *O presente de Jaxy Jaretê (2017)*

Terceiro livro de autoria do escritor indígena Olívio Jekupé, no qual reconta um dos mitos relacionados a Jaxy Jaretê, uma das principais figuras da mitologia guarani. A narrativa foi escrita por Jekupé e traduzida por Werá Jegakua Mirim (Kunumi MC). O texto é apresentado em formato bilíngue.

2.5.22. *Cantos da Floresta: iniciação ao universo musical indígena (2017)*

Livro voltado à educação musical e organizado por Magda Pucci, etnomusicóloga e musicista do grupo Mawaca, e Berenice Almeida, musicista e educadora musical. Foi publicado pela Editora Peirópolis e contém 27 cantos de vários povos ameríndios, dos quais cinco são de interesse desta pesquisa: dois cantos em guarani kaiowá, um canto em nheengatu e um canto em kambeba. Os cantos estão disponibilizados no *site* de divulgação do livro⁴⁶.

O primeiro canto guarani kaiowá chama-se **Ñande mbaraete'i katu / Vamo-nos fortalecer** e é uma versão do grupo musical guarani *Kyringue Arandu Miri*, da Aldeia Rio Silveira, São Paulo. Sua transcrição e tradução foram extraídas pelas autoras do encarte do CD *Ñande Arandu Pyguá*:

É um canto usado para fortalecer o espírito e o corpo das crianças e assim trazer alegria. Como em várias músicas Guarani Mbya, o *mbaraka* (violão) tem a função percussiva de marcar o pulso junto aos *mbaraka miri* (chocalhos de mão) de forma regular. É interessante observar que o violão se mantém como um pedal, não faz mudanças de acordes, pois sua função é marcar a subdivisão do compasso binário. A introdução é feita pela *ravé* (rabeca) que toca a melodia do canto com pequenas variações. É importante notar que o timbre das vozes das crianças Mbya se destaca pela sonoridade nasalada, aberta e vibrante. Portanto, ao interpretar esses cantos em outros contextos, seria interessante manter essa característica timbrística (PUCCI; ALMEIDA, 2017).

46 O endereço do site é <<http://www.cantosdafloresta.com.br/>>.

O segundo canto kaiowá chama-se *Maimo oimẽ nde rori/Onde está sua alegria?* e foi transcrito e traduzido pela antropóloga Graciela Chamorro. Refere-se ao *tekoha* e faz parte do repertório da comunidade kaiowá de Itay, próximo a Dourados, Mato Grosso do Sul. É um canto criado recentemente, durante o processo de revitalização cultural e resistência que vem marcando a vida dos Kaiowá da região. “Cantada em uníssono, a música tem duas frases que se repetem com um ritmo ‘*swingado*’ impresso pelas antecipações rítmicas” (ibid., 2017).

O canto em nheengatu tem o título *Murukutu/Coruja da noite*. É uma cantiga de ninar que se refere à coruja murukutu, figura simbólica relacionada à cosmogonia dos povos da Amazônia, com uma sonoridade bem específica, marcada por forte nasalidade e exploração da vogal *u*. É de origem arapaso, da Comunidade Taracuá, e foi traduzido pelo tradutor e pesquisador Marcel T. Ávila.

Os dois últimos cantos são de origem kambeba e foram transcritos e traduzidos por Márcia Wayana Kambeba. O primeiro se chama *Ataware tó/Canto da galinha* e é uma brincadeira infantil realizada com a galinha inambu, bem comum na região, que costuma cacarejar de hora em hora. Segundo as autoras, o “*tuxaua* [chefe], os professores e as crianças chamam pela ave, dançando em círculos, de mãos dadas e dando pequenos saltos. O canto é intercalado com “conversas do *tuxaua* com a galinha, perguntando-se onde ela está” (ibid., 2017).

O segundo canto kambeba chama-se *Zana makatipa, Kurupira/Tuxaua, cadê a Curupira?* e, como o próprio nome diz, refere-se àquele ser mitológico. Segundo os Kambeba, o Curupira pode ser um menino ou uma menina pequena de cabelos vermelhos e com os pés virados pra trás, ou ainda apresentar-se na versão de casal, formado por uma figura feminina e outra masculina. Pode, ainda, apresentar-se como vítima ou como um ser ameaçador. Na versão do canto apresentada aqui, Curupira está em sua forma feminina. De acordo com as organizadoras, é interessante observar que “a melodia de Zana Makatipa, Kurupira é semelhante à da canção infantil de origem portuguesa ‘*A machadinha*’, revelando a história dos próprios Kambeba, que tiveram um contato intenso com os colonizadores ibéricos”.

2.5.23. *Viver na língua Guarani Nhandewa (mulher falando) (2018)*

A última publicação do levantamento trata-se da dissertação de Sandra Benites, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, que tem como objetivo analisar as desavenças e conflitos entre a tradução e a educação Guarani imposta nas aldeias como escola formal, utilizando-se do conceito de “bilinguismo” como ferramenta. Apresenta a tradução de dois cantos-danças relacionados à Dança do Tangará, a qual é praticada até hoje pelos Ñandeva e serve para a preparação de corpos saudáveis. Suicídios são comuns em aldeias onde essas danças não são mais praticadas (BENITES, 2018, p. 88).

A primeira tradução foi feita por Maria Kerexu⁴⁷ [possivelmente a esposa do escritor Olívio Jekupé] e transcrita pela autora (2018, p. 87). A segunda foi feita pela própria autora (2018, p. 87-88). Ambas são apresentadas em formato bilíngue.

Ao longo da dissertação, a antropóloga, de origem ñandeva, discute como a tradução não se trata apenas da transposição linguística de uma língua para outra e, como sempre, envolve conflitos de poder:

“Teríamos de estar equipados para dois mundos, mas esses equipamentos teriam de ser algo que chegue próximo, de modo a traduzir conhecimentos entre dois mundos. Até hoje, enfrentamos vários obstáculos para experimentar essa aproximação e essa tradução” (BENITES, 2018, p. 59)

Comenta também sobre a produção de materiais bilíngues e sua eficácia e utilidade comunitária para a alfabetização não só de crianças, mas também de jovens e adultos (2018, p. 60).

Apesar de ter sido possível construir um *corpus* bem amplo em número de línguas tupi-guarani, não consegui encontrar traduções em dez destas línguas e dialetos, seja por não

47 A tradução faz parte do trabalho de conclusão de curso de Maria Kerexu. Referência: KEREXU, Maria Cecília Barbosa. *A vida do pássaro, o canto e a dança do tangará*. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura intercultural indígena em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2015. 30p.

terem mais falantes nativos, por não terem registros textuais publicados de suas formas de expressão oral ou porque, simplesmente, não encontrei publicações que contivessem traduções que obedecessem aos parâmetros buscados por esta pesquisa.

No Apêndice B desta dissertação, há uma lista de publicações que contêm cantos e/ou narrativas traduzidas para o português a partir de algumas das línguas tupi-guarani que listarei abaixo. Referem-se às publicações a que não consegui ter acesso.

Os Amanayé⁴⁸ (PA), por exemplo, não utilizam mais a língua materna, devido ao intenso contato que estabeleceram com a sociedade nacional a partir da 1940, que resultou em casamentos com moradores brancos e negros da região do rio Capim, sendo estes últimos oriundos do antigo quilombo do Badajós. Entretanto, apesar de a língua não ser mais falada, “ela é lembrada pelos mais velhos e por parte dos jovens por meio da articulação de alguns termos nativos mesclados ao português regional” (EQUIPE DE EDIÇÃO DA ENCICLOPÉDIA *POVOS INDÍGENAS NO BRASIL*, [s.d.]).

Os Apiaká (MT, PA), por sua vez, falam praticamente apenas o português nos dias atuais, contando com apenas um par de falantes da língua nativa. Possuem um histórico de contato permeado por massacres, epidemias, catequização e abandono governamental, chegando, inclusive, a ser dados como extintos em meados do século XX pelos etnólogos Darcy Ribeiro e Curt Nimuendaju. Ainda assim, apesar de sua intensa convivência com os Kaiabi e os Munduruku, nunca deixaram de se ver como povo diferenciado. Resistem linguisticamente: não aceitam o ensino da língua kaiabi em suas escolas. Por outro lado, o munduruku é permitido em razão de relações sociopolíticas historicamente construídas com este grupo. Há anos buscam reativar sua língua por meio da escola, principalmente por meio da elaboração de materiais didáticos (exemplo disso é o livro *Palavra Apiaká*), mas, infelizmente, ainda não obtiveram resultados significativos nesse sentido (TEMPESTA, [s.d.]). Tentei encontrar a publicação *Palavra Apiaká*, mas, como foi o caso em relação a vários materiais didáticos, não o consegui, visto que circulam apenas nas próprias aldeias.

A língua Akwáwa é falada por três etnias: os Aikewara ou Suruí, os Asuriní do Tocantins e os Parakanã, todos localizados no estado do Pará. Os Aikewara chegaram à sua localização atual no século XX, quando fugiam dos constantes ataques Xikrin. Entraram em

48 Parte dos membros deste povo assumiram a denominação Ararandeuara, em referência ao igarapé onde habitam.

contato definitivo com os brancos em 1960, após uma grave epidemia de gripe, que matou dois terços da população, reduzindo-a de 126 para 40 pessoas. A partir de então, os Aikewara iniciaram uma vertiginosa recuperação populacional. De acordo com o último censo realizado pela Secretaria de Saúde Indígena – SESAI em 2014, a população aikewara é de 383 indivíduos. Hoje, a maioria dos Aikewara é falante do português (LARAIA, [s.d.]). Segundo minhas pesquisas, a principal pesquisadora deste povo atualmente é Ivânia Neves, a qual, inclusive, possui um *blog* com notícias variadas relacionadas a publicações, pesquisas e eventos chamado *Aikewara: entre histórias, castanhas e estrelas*⁴⁹. As informações disponíveis no *site* foram úteis para encontrar referências de publicações sobre narrativas aikewara. Entretanto, não encontrei nenhum dos materiais para consulta. Tentei contato com a pesquisadora com o objetivo de obter informações sobre as publicações, mas não obtive resposta até a conclusão desta pesquisa.

Quanto aos Asuriní do Tocantins, são também conhecidos como Asuriní do Trocará (nome da terra indígena onde habitam). Em 1962, os membros dessa etnia já falavam português, aprendido com os funcionários do posto da FUNAI e suas famílias, e com os vizinhos do rio Tocantins que os visitavam esporadicamente. Já em 1973, todas as crianças e jovens só falavam português. Atualmente, praticamente todos os Asuriní falam com fluência o português, sendo que os jovens e as crianças comunicam-se quase exclusivamente nesta língua (ANDRADE, [s.d.]). Também não encontrei publicações de cantos e narrativas relacionadas a esse povo.

Os Parakanã ou Awaeté, segundo Carlos Fausto, dividem-se em dois grandes blocos populacionais, Oriental e Ocidental, que tiveram origem em uma cisão ocorrida no final do século XIX. Os orientais foram reduzidos à administração estatal em 1971, durante a construção da Transamazônica. Os grupos ocidentais, por sua vez, passaram por diversos episódios de contato entre 1976 e 1984 (FAUSTO, [s.d.]). Passaram por um processo de intensa educação sistematizada nas escolas implantadas nas aldeias, ocasionando interferências étnico-culturais na comunidade e um afastamento das gerações mais jovens das práticas tradicionais. Com relação a seus mitos e narrativas, encontrei apenas materiais coletados em português.

49 Disponível em: <<http://aikewara.blogspot.com/>>. Aparentemente, o blog foi ativo durante dois anos, de 2012 a 2014.

Já os Anambé (PA), há algumas gerações estabelecem casamentos com não índios, integrando os parceiros e filhos na vida da aldeia. Localizam-se na região do Cariri e reagem a qualquer transferência do grupo de lá. Não foi possível obter informações atualizadas sobre o grupo nem publicações de narrativas e cantos traduzidos para o português, mas, nos anos 80, todos os Anambé com mais de 40 anos eram falantes da língua indígena, enquanto que todos os indivíduos na faixa de 20 a 30 anos a entendiam, mas usavam correntemente o português. Atualmente, vivem como os sertanejos da região, em casas do feitiço regional (EQUIPE DE EDIÇÃO DA ENCICLOPÉDIA POVOS INDÍGENAS NO BRASIL, [s.d.]).

Os Asuriní do Xingu (PA) ainda falam ativamente sua língua e os indivíduos com menos de 40 anos são todos bilíngues, resultado do trabalho de escolarização realizado pelas professoras na escola da aldeia Koatinemo. Infelizmente, não tive sucesso na busca por traduções de cantos e narrativas nessa língua.

Sobre os Avá-Canoeiro (TO, GO), segundo me informou o linguista especialista na língua avá-canoeiro, Ariel Pheula do Couto e Silva⁵⁰, os trabalhos publicados sobre essa língua são extremamente escassos e, quanto ao tema das artes verbais, praticamente inexistentes. O único trabalho de que tem notícia chama-se *Os sons do povo invisível*, de Maria Augusta Calado, da área da etnomusicologia, o qual trata dos cantos de um reduzido grupo de Avá-Canoeiro que fazia parte de uma das últimas aldeias à margem do rio Carneiro, afluente do rio Tocantins, onde ocorreu o tenebroso massacre entre 1967 e 1969, no qual teriam sobrevivido somente 20 índios⁵¹. Entretanto, a fita K7 onde foi feito o registro está desaparecida e os cantos não foram traduzidos. O linguista informou-me ainda que

Em minha pesquisa com a língua Avá-Canoeiro, tenho buscado documentar, ao máximo, situações de diálogo e também narrativas. No entanto, ainda não tivemos a oportunidade de trabalhar mais a fundo questões culturais, devido à especificidade do grupo como sobrevivente de massacres e com redução populacional: a sobrevivência deles passou e passa pelo sagrado, e o que se relaciona a aspecto tende a não ser compartilhado com os não Avá-Canoeiro. No entanto, dada a crescente autonomia dos Avá-Canoeiro na atualidade e a busca deles de registrar e documentar esses aspectos culturais, com vistas à manutenção de sua língua, cultura e identidade, muito provavelmente teremos mais materiais publicados nos próximos anos.

50 Mensagem recebida por ariel.bsaz@gmail.com, em 11 set. 2019.

51 Segundo o último censo realizado pela Secretaria de Saúde Indígena (SESAI) em 2004, a população avá-canoeiro é de 25 indivíduos apenas.

Os Guajajara, um dos povos mais numerosos do Brasil, são habitantes de dez terras indígenas, todas situadas no estado do Maranhão. Falam a língua tenetehára, assim como os Tembé, listados no levantamento. Nas aldeias, o guajajara é falado como primeira língua, enquanto o português opera como língua franca e é entendido pela maioria (SCRÖEDER, [s.d.]). Encontrei quatro publicações, mas não consegui ter acesso a nenhuma delas. Trata-se de uma coletânea de narrativas bilíngues publicada pelo Literaterras/Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e de três materiais didáticos, parte de uma mesma coleção publicada pela SEDUC-MA.

Os povos de língua kagwahiva – Amondawa (RO), Jiahui (AM), Juma (AM), Parintintin (AM) e Tenharim (AM) – possuem uma especial singularidade em relação aos outros tupi-guarani, que é organizarem-se socialmente em metades exogâmicas com nomes de pássaros. Sua mitologia é rica, mas, aparentemente, as narrativas não foram objeto de registro por parte de pesquisadores. Encontrei apenas o livro de Edmundo Antônio Peggion, *Relações em perpétuo desequilíbrio: a organização dualista dos povos Kagwahiva da Amazônia* (2011), etnografia que é referência sobre esse povo, mas as narrativas estavam todas em português e não havia qualquer informação sobre o fato de sua coleta ter sido feita em português ou em língua nativa.

Há também os Kokama, povo emergente habitante do Solimões (AM). Esse povo possui um histórico de negação identitária e de sua reafirmação a partir da década de 1980. Seu contato com a sociedade não indígena data dos primórdios da colonização, com um histórico de aldeamentos e deslocamentos forçados, processo iniciado com as missões e continuado com as frentes extrativistas. Tal condição criou “um contexto tão adverso de reprodução física e cultural desses grupos, que lhes suscitou a negação da identidade indígena por muitas décadas” ([s.d.]). Todavia, a partir dos anos 80, a identidade kokama vem sendo reafirmada e valorizada no contexto dos movimentos indígenas de luta por direitos culturais, sociais e econômicos, assim como tem ocorrido com outros povos indígenas da região do Rio Solimões. Atualmente, poucos indivíduos kokama são fluentes em língua nativa e não há casos de comunidades que usem a língua kokama, nem como segunda língua (Ramos, 2003 apud (EQUIPE DE EDIÇÃO DA ENCICLOPÉDIA *POVOS INDÍGENAS NO BRASIL*, [s.d.])).

Os Wajãpi falam a língua wajãpi e vivem na região delimitada pelos rios Oiapoque, Jari e Araguaia, no Amapá. Possuem pouquíssimos falantes de português, mas esse quadro está mudando bastante, pois, em todas as aldeias, há, geralmente, de cinco a dez homens entre 15 e 35 anos que falam bem o português; as mulheres e as crianças só falam wajãpi, com raras exceções. A antropóloga Dominique T. Gallois é a maior referência no Brasil em pesquisas sobre os Wajãpi. Tentei contato com ela para obter informações sobre a existência de cantos e narrativas nessa língua, traduzidos para o português, mas não obtive resposta.

Para concluirmos a lista de povos sem narrativas e cantos registrados neste levantamento, resta-nos tratar dos Zo'é, que entraram para a história como um dos últimos povos amazônicos sem contato com a sociedade nacional. Mantiveram-se afastados tanto dos povos indígenas vizinhos, que consideram inimigos, quanto dos brancos, com os quais tiveram contato apenas de forma intermitente. Saíram do isolamento apenas em 1987, quando se aproximaram de forma pacífica da Base Esperança, local onde moravam missionários da Missão Novas Tribos do Brasil, em razão do trabalho de evangelização que realizavam na região. A relação entre a FUNAI e a Missão tornou-se conflituosa e, em 1991, a FUNAI assumiu o controle da área, retirando a Missão e implantando uma política assistencial própria (GALLOIS, [s.d.]). Neste sentido, os Zo'é vêm estabelecendo sua convivência com os brancos há menos de três décadas.

CAPÍTULO 3. MAPEANDO O CENÁRIO DA TRADUÇÃO DE CANTOS E NARRATIVAS TUPI-GUARANI (1970 - 2019)

Conforme a metodologia descrita na introdução desta dissertação, as traduções foram selecionadas, organizadas e sistematizadas por meio de etiquetas, que operaram como categorias de análise. O cruzamento das etiquetas no gerenciador bibliográfico *Zotero* permitiu a contagem de ocorrências e, conseqüentemente, a construção de um mapeamento historiográfico de natureza quantitativa. Apresentamos, a seguir, os resultados obtidos, segundo classes de análise.

O Apêndice C desta dissertação contém um relatório extraído do *Zotero* com as informações bibliográficas das publicações e as etiquetas utilizadas para categorização. Assim, pesquisas futuras poderão reproduzir o método utilizado com acuidade, bem como testar e atualizar os dados encontrados por esta pesquisa.

3.1. Tipos de traduções: traduções originais e retraduições

Começaremos apresentando a distribuição das traduções originais (ou primeiras traduções) e das retraduições, de acordo com a língua de partida dos textos. Observamos que as línguas nas quais foi possível encontrar traduções estão destacadas em verde.

A tabela abaixo revela que a quantidade de traduções originais predominou significativamente sobre a quantidade de retraduições. Dentre as línguas de maior destaque nesse sentido, vemos o guarani kaiowá (340 textos traduzidos), seguido do kamaiurá (227) e do kaiabi (69). Essas línguas ocupam as mesmas posições quando o parâmetro de análise são

apenas “traduções originais” (338 traduções guarani kaiowá, 226 kamaiurá e 55 kaiabi). Cabe observar que, do total de 800 traduções originais, 305 estão compiladas em uma mesma publicação, *Nhande Reembypy: Nossas Origens* (GARCIA, 2001).

Com relação às retraduições, foi possível obtê-las apenas em quatro línguas. A língua guarani e suas três variantes dialetais são responsáveis por metade das retraduições registradas (34 retraduições de um total de 51) e, especificamente no dialeto mbya, as retraduições ultrapassaram o número de traduções. A língua kaiabi aparece em segundo lugar, com 14 retraduições.

Tabela 2 – Distribuição de traduções e retraduições por língua tupi-guarani

Língua		Total de textos	Traduções	Retraduções
	Dialeto			
Akwáwa	Aikewara / Suruí	0	0	0
	Asuriní do Tocantins	0	0	0
	Parakanã / Awaeté	0	0	0
Amanayé / Ararandeuá		0	0	0
Anambé		0	0	0
Apiaká		0	0	0
Araweté		27	25	2
Asuriní do Xingu		0	0	0
Avá-Canoeiro		0	0	0
Guajá (Awá)		14	14	0
Guarani	Kaiowá	340	338	2
	Mbyá	43	15	28
	Nhandeva	10	6	4
Ka'apor		11	11	0
Kagwahiva	Amondawa	0	0	0
	Jiahui (Diahói)	0	0	0
	Juma	0	0	0
	Karipuna de Rondônia	0	0	0
	Parintintim	0	0	0
	Uru-eu-wau-wau	0	0	0
Kaiabi / Kawaiwete		69	55	14
Kamaiurá		227	226	1
Kambeba / Omaguá		2	2	0
Kokama		0	0	0
Nheengatu	Padrão	48	48	0
	Maraguá (dialeto misto)	3	3	0
Tapirapé / Apiãwa		20	20	0
Tenetehara	Guajajara	0	0	0
	Tembé/Tenetehara	33	33	0
Wajãpi		0	0	0
Xetá		4	4	0
Zo'é		0	0	0
Total		851	800	51

Gráfico 1 - Proporção entre traduções e retraduições de acordo com o total de textos

Ao analisarmos o número total de 800 textos traduzidos e 51 textos retraduzidos em uma relação proporcional, verifica-se uma absoluta preponderância de traduções sobre retraduições no período de 1970 até 2019. Tal preponderância pode ser explicada pela novidade representada pelos cantos e narrativas Tupi-Guarani como campo de pesquisa e atividade tradutória, ainda com um imenso acervo de tradições orais a ser transposto para a forma escrita e traduzido para o português.

Ao realizarmos a distribuição de traduções e retraduições em termos de publicações e não mais em termos de textos traduzidos, do *corpus* construído com um total de 48 publicações, 38 contêm apenas traduções originais, oito contêm apenas retraduições e duas contêm traduções e retraduições. Como é possível ver no gráfico ao lado, as publicações contendo apenas traduções feitas em primeira prevaleceram significativamente; aquelas contendo retraduições, por sua vez, corresponderam a cerca de apenas 20% desse total.

Gráfico 2 - Proporção entre traduções e retraduições de acordo com o total de publicações

Observamos que os casos de retradução podem ser divididos em retraduições esparsas (ou seja, contidas nas publicações) ou retraduições de obras inteiras, feitas a partir de publicações em línguas intermediárias (ou seja, de publicações traduzidas de forma indireta). Aferiu-se que sete são publicações que contêm retraduições esparsas e três são publicações retraduzidas integralmente a partir de edições em outras línguas.

Ainda, das sete publicações que contêm retraduições esparsas, verificou-se que três referem-se a retraduições diretas, enquanto quatro referem-se a traduções indiretas, feitas a partir de línguas intermediárias.

Quanto às retraduições esparsas feitas de forma direta, temos, primeiramente, Kaká Werá Jecupé, com a retradução dos quatro primeiros capítulos do gênesis guarani, *Ayvu Rapyta*, a partir da versão guarani-castelhana de León Cadogan, apresentados no livro *Tupã tenondé: a criação do universo, da terra e do homem segundo a tradição oral Guarani* (2001). Dez anos após a retradução de Kaká Werá, a escritora e tradutora Josely Vianna Baptista retraduziu os três primeiros capítulos do *Ayvu Rapyta* de Cadogan, publicados em sua obra literária *Roça Barroca* (2011). A tradução foi realizada a partir do original em guarani e da leitura da tradução em espanhol feita por Cadogan.

A terceira retradução esparsa feita de forma direta e registrada neste levantamento também é de origem guarani e refere-se à retradução do mito do Sol e da Lua, apresentada por Daniel Pierri em sua tese *O perecível e o imperecível: lógica do sensível e corporalidade no pensamento Guarani-Mbya* (2013). O livro *A Vida do Sol na Terra* (2003), de Papa Miri Poty e Verá Kanguá, conta com uma versão bilíngue desse mito. A partir dessa narrativa, Pierri constrói uma nova versão (segundo ele, um resumo), “[...] mesclando a versão em guarani e a versão em português, que não coincidem em todos os pontos, dando prioridade à forma de narração da versão original” (2013, p. 35). No nosso entendimento, Pierri produz uma retradução, visto que sua versão é uma revisão de uma tradução anterior.

Com relação às publicações que contêm retraduições esparsas feitas de forma indireta, o levantamento registrou quatro daquelas. As duas primeiras referem-se a retraduições do “Canto da Castanheira”, feitas por Antônio Risério e Álvaro Faleiros. Esse canto é traduzido pela primeira vez em 1984 por Eduardo B. Viveiros de Castro em sua tese de doutorado intitulada *Araweté, uma visão de cosmologia e da pessoa tupi-guarani* (1984). Em

1992, o escritor e tradutor Antônio Risério retraduz o Canto da Castanheira em seu artigo *Palavras Canibais* (1992), publicado pela Revista USP. A versão de Risério apresenta pequenas alterações, se comparada ao texto de Viveiros de Castro. Basicamente, os nomes de alguns personagens são “abrasileirados”, segundo o próprio autor, para evitar o estranhamento causado pela sonoridade específica produzida no canto, e algumas frases são encurtadas com vistas a acumular certos grupos fonéticos.

Dez anos depois, exatamente em 2012, o poeta e também tradutor Álvaro Faleiros ofereceu uma nova tradução do *Canto da Castanheira* em seu artigo *Emplumando a grande castanheira* (2012), revista à luz do perspectivismo ameríndio. Faleiros oferece uma retradução composta por “notas performativas” para contextualização, recurso já utilizado por Viveiros de Castro – inclusive, ele reproduz literalmente algumas dessas notas do tradutor original, mas cria outras também –, bem como por notas para marcação do complexo movimento enunciativo do canto e por epítetos para explicitar o grau de parentesco dos personagens, que é algo inicialmente confuso para o leitor que não está acostumado com este tipo de textualidade. Ainda, destaca a dimensão poética do texto, mantendo os paralelismos, repetições e sonoridades da tradução original.

A terceira publicação registrada por este levantamento e que se trata de retradução indireta é o livro *Terra madura, yvy araguyje: fundamento da palavra Guarani* (2008), de autoria de Graciela Chamorro. A antropóloga faz a retradução dos cantos guarani *O sol* e *De onde procedes?* (2008, p. 247), ambos apresentados no CD *Memória Viva Guarani*, a partir de modificações nas traduções contidas no encarte do CD.

Finalmente, a quarta publicação chama-se *A linguagem dos pássaros: mito dos índios Kamaiurá* (1986), de Ciça Fittipaldi, no qual a autora apresenta uma nova versão do mito registrado pelos irmãos Villas Boas em *Xingu: os índios, seus mitos*.

O outro tipo de retradução verificado neste levantamento corresponde às publicações retraduzidas integralmente a partir de edições em outras línguas. Foram três publicações registradas e todas são obras de suma importância para os estudos etnológicos das terras baixas. Primeiramente, temos *As Lendas de Criação e Destruição do Mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guaraní* (1987), de Curt Nimuendaju, publicado originalmente em alemão em 1914 e retraduzido em 1987 para o português por Charlotte

Emmerich, com revisão de Viveiros de Castro. Apresenta o mito dos Gêmeos Sol e Lua, referente à origem do mundo, e o mito do Dilúvio.

A segunda publicação, intitulada *Os Kaiabi do Brasil Central: história e etnografia* (2004), foi feita em meados da década de 1960 em língua alemã como tese de doutoramento de Georg Grünberg. Sua publicação em português deu-se em 2004 e a tradução ficou a cargo de dois tradutores: Eugênio G. Wenzel, que foi responsável pela tradução da obra como um todo, e o padre João Dornstauder, que traduziu especificamente os cantos e as narrativas.

Por fim, a obra *A fala sagrada: mitos e cantos sagrados dos índios Guarani* (1990), do etnólogo Pierre Clastres, foi publicada originalmente em francês, sob o título *Le grand parler – Mythes et chants sacrés des Indiens Guarani*, no ano de 1974, e a tradução para o português foi feita integralmente pela tradutora Nícia Adan Bonatti, com publicação em 1990.

Observamos, finalmente, que dessas três traduções indiretas realizadas a partir de obras publicadas em outras línguas, apenas o “Apopocúva”, de Nimuendaju, apresenta comentários mais detalhados sobre o processo de tradução feitos por Emmerich e Viveiros de Castro, e destacados no prefácio, intitulado “Nota sobre a edição” (NIMUENDAJÚ, 1987, p. xxxix–xlii).

3.2. Gêneros de artes verbais: cantos e narrativas

Procederemos agora à apresentação da segunda classe de análise, focada nos dois gêneros de artes verbais escolhidos para integrarem o levantamento: cantos e narrativas. Apresentamos, a seguir, a distribuição de cantos e narrativas de acordo com a língua de partida dos textos. Os dados referentes às línguas nas quais foi possível encontrar traduções estão destacados em verde.

Tabela 3 – Distribuição de narrativas e cantos por língua Tupi-Guarani

Língua		Total de textos	Narrativas	Cantos
	Dialeto			
Akwáwa	Aikewara / Suruí	0	0	0
	Asuriní do Tocantins	0	0	0
	Parakanã / Awaeté	0	0	0
Amanayé / Ararandeua		0	0	0
Anambé		0	0	0
Apiaká		0	0	0
Araweté		27	0	27
Asuriní do Xingu		0	0	0
Avá-Canoeiro		0	0	0
Guajá (Awá)		14	11	3
Guarani	Kaiowá	340	274	66
	Mbyá	43	35	8
	Nhandeva	10	4	6
Ka'apor		11	11	0
Kagwahiva	Amondawa	0	0	0
	Jiahui (Diahói)	0	0	0
	Juma	0	0	0
	Karipuna de Rondônia	0	0	0
	Parintintim	0	0	0
	Uru-eu-wau-wau	0	0	0
Kaiabi / Kawaiwete		69	37	32
Kamaiurá		227	162	65
Kambeba / Omaguá		2	0	2
Kokama		0	0	0
Nheengatu	Padrão	48	37	11
	Maraguá (dialeto misto)	3	3	0
Tapirapé / Apiãwa		20	17	3
Tenetehara	Guajajara	0	0	0
	Tembé/Tenetehara	33	33	0
Wajãpi		0	0	0
Xetá		4	4	0
Zo'ê		0	0	0
Total		851	628	223

Das línguas com maior registro de traduções de narrativas, temos em primeiro lugar o guarani kaiowá, com 274 traduções, todas compiladas na publicação *Nhande Reembypy: Nossas Origens* (GARCIA, 2001), mencionada anteriormente.

Em segundo lugar aparece o kamaiurá, com 162 narrativas, distribuídas em oito publicações. Metade dessas traduções está reunida na obra *Moroneta Kamaiurá: histórias Kamaiurá* (KAMAIURÁ; KAMAIURÁ, 2013), uma coletânea de 84 narrativas traduzidas para o português. As obras *Moroneta Kamayurá: mitos e aspectos da realidade social dos índios Kamayurá (Alto Xingu)* (SAMAIN, 1991) e *Xingu: os índios, seus mitos* (VILLAS BÔAS; VILLAS BÔAS, 1972) também contribuíram significativamente para o alto número de narrativas kamaiurá, com 26 e 23 narrativas traduzidas, respectivamente.

Em terceira posição na lista de línguas com mais narrativas traduzidas, aparecem o kaiabi e o nheengatu, ambos com 37 narrativas cada. Em kaiabi, a publicação com mais narrativas são os *Textos produzidos pelos Kawaiwete (anos 2010 e 2011): poemas/músicas e materiais tradicionais Kawaiwete* (PRODOCLIN, 2010), com 24 narrativas. Já em nheengatu, as maiores coletâneas estão em *Noções de língua geral ou Nheengatú: gramática, lendas e vocabulário* (CASASNOVAS, 2006) e *Escola Kariamã conta umbuesá* (LABORATÓRIO DE LINGUAGENS LEETRA, 2015a), cada uma com 10 narrativas.

Quanto às línguas com maior número de cantos, o dialeto guarani kaiowá e a língua kamaiurá continuam em primeira e segunda posição, com 66 e 65 cantos traduzidos, respectivamente. O kaiabi aparece em terceira posição, com um total de 32 cantos.

Em guarani kaiowá, as publicações com mais cantos são *Nhande Reembypy: Nossas Origens* (GARCIA, 2001), com 31 cantos; *Através do Mbaraka: música e xamanismo Guarani* (MONTARDO, 2002), com 13 cantos; e *A arte da palavra cantada na etnia Kaiowá* (CHAMORRO, 2011), com 11 cantos. Em kamaiurá, todos os 65 cantos traduzidos estão reunidos em uma mesma publicação, *A festa da jaguatirica: uma partitura crítico-interpretativa* (MENEZES BASTOS, 1990). Quanto à língua kaiabi, a publicação *Yafu: o retorno do chocalho* (PRODOCLIN KAWAIWETE - KAIABI, 2014) é responsável por quase todos os cantos registrados (27 no total).

Gráfico 3 - Proporção entre cantos e narrativas de acordo com o total de textos

Ao analisarmos a proporção geral de distribuição dos cantos e narrativas em relação ao número total de traduções levantadas, verifica-se que as narrativas traduzidas correspondem a cerca de três quartos dos cantos traduzidos no período analisado.

Considerando-se a distribuição de cantos e narrativas traduzidos em termos de número de publicações e não mais de traduções, das 48 publicações registradas, 28 possuem traduções de narrativas, 14 possuem traduções de cantos e seis possuem traduções tanto de narrativas quanto de cantos. Sendo assim, o número de publicações que contêm traduções de narrativas é duas vezes maior que o de publicações que contêm apenas cantos. As publicações mistas continuam representando uma parcela bem pequena desse total.

Gráfico 4 - Proporção entre cantos e narrativas de acordo com o total de publicações

3.3. Área do conhecimento

A partir de agora, verificaremos a distribuição das publicações levantadas de acordo com as áreas do conhecimento de onde partiram as traduções:

Tabela 4 – Distribuição das publicações de acordo com a área do conhecimento

Área do conhecimento	Número de publicações
Antropologia	18
Literatura	14
Linguística	10
Educação	6
Total	48

Como se pode ver, a antropologia é a área com o maior número de publicações que contêm traduções de cantos e narrativas Tupi-Guarani. Este resultado era esperado, pelo fato de ser a área que tradicionalmente tem como um de seus focos o estudo etnológico de povos nativos e de suas tradições orais. Em seguida, vemos a literatura e a linguística, que, na verdade, correspondem à grande área das Letras, mas que, por possuírem abordagens e propostas distintas, foram estabelecidas como áreas separadas neste levantamento. Por último, aparece a área da educação, com livros didáticos e paradidáticos.

3.4. Traduções comentadas e traduções não comentadas

A distribuição de traduções comentadas e não comentadas com relação ao total de publicações mostrou que a publicação de traduções sem comentários é a regra. Das 48 publicações registradas neste levantamento, 31 não apresentam comentários de qualquer natureza, enquanto 17 possuem comentários apresentados de diversas formas: notas paralelas ao texto traduzido; introdução feita logo antes da apresentação do texto; comentários dispersos ao longo da publicação; comentários em paratextos contidos na obra, ou seja, em prefácio, em nota sobre a edição e afins.

Ao verificarmos a distribuição de publicações com traduções comentadas de acordo com a área do conhecimento, temos:

Tabela 5 – Distribuição das publicações com traduções comentadas, de acordo com a área do conhecimento

Área do conhecimento	Número de publicações comentadas
Antropologia	9
Literatura	6
Linguística	2
Educação	1
Total	17

Ao fazermos a comparação com a tabela 4, vê-se que a proporção de traduções comentadas e não comentadas é de praticamente 50% tanto na área da antropologia quanto na de literatura. Na área da linguística, entretanto, o número de publicações com traduções comentadas foi bem menor (um quinto do total). Nesta pesquisa, esperava-se encontrar mais publicações comentadas na área da linguística, mas o que se verificou foi que as traduções tiveram um papel apenas instrumental para a análise das estruturas linguísticas das línguas estudadas. Pode-se dizer que, na antropologia, as traduções registradas também têm este caráter instrumental, mas, ainda assim, verificou-se que houve uma maior preocupação dos antropólogos do que dos linguistas em explicitar suas escolhas tradutórias.

3.5. Apresentação dos textos: formato monolíngue ou bilíngue

Gráfico 5 - Proporção entre traduções monolíngues e bilíngues de acordo com o número de publicações

Made with infogram

A apresentação das traduções em formato bilíngue predominou com 70% das publicações, como demonstrado no gráfico 5. Das 48 publicações, 34 apresentaram os textos em formato bilíngue (de forma geral, texto original em Tupi-Guarani à esquerda e tradução em português à direita). Em 12 publicações, escolheu-se por apresentar apenas as traduções, sem os textos originais em língua indígena, e apenas duas publicações apresentaram os textos tanto em formato bilíngue quanto monolíngue.

3.6. Tipos de publicação

Gráfico 6 - Distribuição das publicações por tipo de publicação

Analisando-se a distribuição das publicações de acordo com o tipo de publicação, conforme demonstrado no gráfico abaixo, verificamos que o formato livro constituiu a forma predominante de divulgação das traduções de cantos e narrativas Tupi-Guarani nos últimos 50 anos.

O gráfico mostra que as publicações em formato de livro preponderaram substancialmente sobre os outros quatro tipos com um total de 33 publicações,

seguidas das publicações em formato de tese (categoria que engloba teses e dissertações), com 8 publicações. Em menor número, vêm os artigos de periódico, com 3 publicações; os materiais didáticos, com 2 publicações; e apenas uma publicação em formato de documento, resultado de um projeto de documentação linguística.

Com relação à categoria “tese”, sete correspondem a teses de doutoramento, enquanto duas correspondem a dissertações de mestrado. Além disso, seis foram realizadas na área da antropologia e duas na área da linguística. Como já demonstrado anteriormente, a antropologia é a área que mais se dedica à tradução de cantos e narrativas Tupi-Guarani, sobretudo na pós-graduação.

Apesar dos materiais didáticos registrados neste levantamento terem sido publicados no formato de livro, dediquei uma categoria específica a esse tipo de publicação justamente

por causa de sua especificidade quanto a seu uso. Encontrei referências e recebi indicação de inúmeros materiais didáticos e paradidáticos que contêm traduções de cantos e narrativas, mas, infelizmente, não tive acesso à grande maioria deles, visto que circulam praticamente só em escolas indígenas e nas comunidades onde se localizam essas escolas. Por isso, foi possível encontrar somente duas publicações. De qualquer forma, creio que é importante mencionar esse fato, visto que seria importante realizar no futuro uma pesquisa específica sobre os materiais didáticos indígenas com o intuito de levantar cantos e narrativas traduzidos para o português.

Cabe notar que, para a classificação das publicações registradas, considerei apenas a primeira publicação para fins de levantamento e análise. Porém, cito aqueles que foram objeto de republicação posterior em outro formato. Há as teses de Viveiros de Castro (1986), Montardo (2002), Chamorro (2008) e Pierri (2013), que foram publicadas em formato de livro; e há o artigo de Risério (1992), publicado pela primeira vez em 1992 na Revista USP e, um ano depois, como capítulo do livro *Textos e tribos: poéticas extraocidentais nos trópicos brasileiros* (RISÉRIO, 1993).

Gráfico 7 - Distribuição das publicações de acordo com as instituições responsáveis pela publicação

Made with **infogram**

Considerando-se que o formato de livro predominou entre os outros tipos de publicação, decidiu-se verificar como se deu a participação dos diferentes tipos de instituições responsáveis pelas publicações.

As universidades e as editoras tradicionais prevaleceram no quesito número de publicações e ficaram praticamente niveladas, com 15 e 13 publicações, respectivamente. O Museu do Índio aparece na sequência com duas coletâneas de narrativas traduzidas, uma relativa ao povo Kamaiurá e

outra ao povo Kaiabi. Finalmente, temos o Instituto Socioambiental (ISA), com a publicação integral em português da etnografia de Georg Grünberg entre os Kaiabi, e uma publicação independente chamada *Fábulas de Terra Preta: uma coletânea bilíngue* (BIRD; MCALISTER; GELBART, 2013), realizada a partir do Nheengatu pela comunidade indígena local.

O Instituto Socioambiental foi escolhido como uma categoria específica por ser uma instituição responsável pela publicação de materiais didáticos em várias línguas; seu acervo digital conta com 54 publicações próprias de materiais didáticos. Esperava-se encontrar neste acervo mais publicações que obedecessem ao recorte desta pesquisa. No entanto, a grande maioria dos materiais está escrita apenas em língua indígena para alfabetização e ensino em língua nativa ou, quando bilíngues, em outras línguas que não fazem parte da família linguística Tupi-Guarani.

Já era esperado que as universidades se destacassem na publicação de traduções de cantos e narrativas ameríndios, por constituírem o berço das pesquisas sobre este tipo de conteúdo. Porém, no início deste estudo, não se sabia ao certo como se dava essa distribuição. Apresento, a seguir, a distribuição das publicações em formato livro de acordo com as instituições universitárias responsáveis pelas publicações:

Tabela 6 – Distribuição das publicações em formato livro de acordo com as instituições universitárias responsáveis pela publicação

Instituições universitárias	Número de publicações
EDUSP, NHII e HUCITEC / Universidade de São Paulo (USP)	3
Faculdade de Letras (FALE) / Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	3
Grupo LEETRA / Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)	2
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)	1
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)	1
Universidade Federal da Bahia (UFBA)	1
Universidade Estadual Paulista (UNESP)	1
Universidade Estadual de Campinas (UniCAMP)	1
Universidade Estadual de Maringá (UEM)	1
Universidade Anhembi Morumbi (UAM)	1
Total	15

Vê-se, assim, a proporção de uma publicação por universidade, com exceção da USP e da Faculdade de Letras da UFMG, responsáveis por três publicações em livro cada uma, seguidos pela UFSCAR, com duas publicações. Observamos que, das dez universidades listadas, apenas uma é particular, a Universidade Anhembi Morumbi.

Damos especial destaque às publicações feitas pela UFMG e pela UFSCar, pois estão relacionadas a centros de pesquisa que têm como foco de pesquisa a literatura indígena e as tradições orais indígenas. As três publicações da UFMG, por exemplo, são de autoria do Literaterras, um núcleo de pesquisa sobre escrita, leitura e tradução, que também desenvolve projetos editoriais e tradutórios, composto por grupos de pesquisadores e alunos da UFMG e de outras instituições. É um núcleo ativamente interdisciplinar, que envolve pesquisadores de literatura, música, geografia, entre várias outras áreas. As pesquisas focam principalmente em literaturas extra-ocidentais (africanidades e, principalmente, literatura indígena). Por meio do trabalho de tradução desenvolvido pelo núcleo, começou-se um trabalho de tradução de narrativas e conhecimentos orais indígenas para publicação em livros, contando hoje com mais de 150 livros publicados. É um grupo de referência no Brasil no que tange a pesquisas sobre tradições orais.

As duas publicações da UFSCar, por sua vez, são números da Revista LEETRA Indígena, de autoria do Grupo LEETRA, que tem como uma de suas linhas de pesquisa os estudos da literatura ameríndia e é resultado da presença indígena na universidade. É coordenado pela professora e pesquisadora Maria Sílvia Cintra Martins. Possivelmente, é uma das únicas revistas exclusivamente dedicadas ao tema no Brasil.

3.7. Autores/as, tradutores/as e intérpretes

Nesta seção do levantamento, apresentaremos os dados referentes aos sujeitos envolvidos na criação das publicações e na execução das traduções. Será dado um enfoque especial sobre os sujeitos de origem indígena, com vistas a verificar sua presença efetiva no contexto das traduções de cantos e narrativas Tupi-Guarani nas últimas cinco décadas.

Inicialmente, apresento a distribuição total dos/as autores/as das publicações levantadas, categorizados de acordo com o tipo de autoria:

Tabela 7 – Distribuição dos tipos de autores/as

Tipo de autoria	Número de autores/as
Autor/a-tradutor/a	34
Autor/a	9
Organizador/a	8
Organizador/a-assistente	3
Total	54

Como é possível verificar, houve uma prevalência significativa de autores-tradutores (indivíduos ou grupos responsáveis pela criação do conteúdo intelectual ou artístico da publicação, bem como pelas traduções contidas nela). Em seguida, aparecem os autores

(indivíduos ou grupos responsáveis pela criação do conteúdo intelectual ou artístico da publicação, mas que não foram os responsáveis pela execução das traduções contidas nela), com um pouco menos de um terço da representatividade da categoria acima. Em quase igual número, há os organizadores (indivíduos ou grupos responsáveis pela reunião de trabalhos de terceiros), que, no caso do levantamento ora realizado, corresponde às coletâneas de traduções. E, por último, há os organizadores-assistentes (indivíduos ou grupos responsáveis pela reunião de trabalhos de terceiros que auxiliaram na execução das traduções), que correspondem a três casos específicos: um trabalho realizado pelo Laboratório de Linguagens LEETRA/UFSCAR (2015b), referente à documentação de narrativas bilíngues em *nheengatu*-português, e outros dois realizados pelo Projeto de Documentação de Línguas Indígenas PRODOCLIN/Museu do Índio (2010; 2014), ambos são coletâneas de textos bilíngues *kaiabi*-português.

Como vimos acima, este levantamento registrou um total de 34 autores que atuaram também como tradutores. Ao classificarmos essa categoria segundo etnia⁵² e gênero, temos o seguinte quadro:

Tabela 8 – Autores/as-tradutores/as de acordo com etnia e gênero

	Indígenas		Não indígenas	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
Autores/as-tradutores/as	3	6	12	13
Total	9		25	

A quantidade de autores/as-tradutores/as não indígenas mostrou-se quase três vezes maior do que o de autores/as-tradutores/as indígenas. Homens indígenas, por sua vez, constituíram o dobro do número de mulheres indígenas; entretanto, com relação às tradutoras e tradutores não indígenas, homens e mulheres praticamente igualaram-se em representatividade numérica.

⁵² Lembrando que, nessa classe de análise, determinou-se apenas duas etnias, indígena e não indígena, visto que o principal objetivo desta parte do levantamento foi verificar a presença de tradutores e tradutoras indígenas no campo da tradução para o português de cantos e narrativas Tupi-Guarani.

Os autores-tradutores e autoras-tradutoras indígenas identificados neste levantamento foram: Kaká Werá, autor de *Tupã tenondé: a criação do universo, da terra e do homem segundo a tradição oral Guarani* (2001); Verá Kanguá e Papa Miri Poty, autores de *A vida do sol na terra – Kuaray'i ywy rupáre oiko'i ague* (2003); Olívio Jekupé, autor de *Ajuda do saci: kamba'i* (2006), em parceria com o ilustrador Rodrigo Abraham; Olívio Jecupé e Maria Kerexu, autor e autora de *A mulher que virou jurutau* (2011); Yaguarê Yamã, autor de *A origem do beija-flor: Guanãby muru-gãwa* (2012), em parceria com Taisa Borges; Lia Minapoty, autora de *Tainãly, uma menina maraguá* (2014); e Sandra Benites, autora de *Viver na língua Guarani Nhandewa (mulher falando)* (2018).

Passemos, agora, à investigação dos tradutores e tradutoras que não se enquadram na categoria “autor-tradutor”. Segue, abaixo, a distribuição de tradutores/as nas publicações de acordo com etnia e gênero. Consideramos os tradutores e tradutoras presentes em todas as obras de diferentes tipos de autoria. Algumas obras publicadas por autores/as-tradutores/as não indígenas e por autores/as não indígenas contaram com o auxílio de tradutores indígenas. Todas as obras publicadas por organizadores/as tiveram suas traduções feitas por tradutores/as indígenas.

Tabela 9 – Distribuição dos tradutores e tradutoras presentes nas publicações das categorias “autor/a-tradutor/a”, “autor/a” e “organizador/a” de acordo com etnia e gênero

	Indígenas		Não indígena	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
Autor/a-tradutor/a	4	7	12	13
Autor/a	2	3	3	2
Organizador/a	4	8	0	0
Total	10	18	15	15
Total Geral	28		30	

Em comparação com a tabela anterior, que abordava apenas os casos de autores/as-tradutores/as, é possível perceber que, ao se considerarem os/as tradutores/as presentes em obras de todos os tipos de autoria, o total de tradutores e tradutoras indígenas ficou muito próximo ao de tradutores e tradutoras não indígenas. A quantidade tanto de tradutoras

indígenas como de tradutoras não indígenas aumentou de modo geral. No caso não indígena, o número de mulheres chega, inclusive, a se igualar ao de homens.

Os dois tradutores indígenas incluídos na categoria “autor-tradutor” (vide tabela 9 em comparação à tabela 8), além dos seis homens e três mulheres listados anteriormente, foram Marlene Trindade Ferreira, tradutora Baré que trabalhou em parceria com a linguista Aline da Cruz para a tradução de mitos nheengatu em *Fonologia e gramática do Nheengatú: a língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa* (2011); e o jovem tradutor guarani Alexandre Ferreira Wera, que traduziu narrativas mbya com o antropólogo Daniel Pierri em *O perecível e o imperecível: lógica do sensível e corporalidade no pensamento Guarani-Mbya* (2013).

Em contrapartida, os tradutores e tradutoras indígenas identificados na categoria “autor/a” foram Renilde Xe'akawyga, tradutora tapirapé que traduziu narrativas da coletânea publicada por sua comunidade em *Xanetawa Marageta: histórias das nossas aldeias* (COMUNIDADE TAPIRAPÉ, 1996); Tapi'itãwa Kamajrao (Xario'i Carlos Tapirapé) e Demilson Makarore Tapirapé, que traduziram as narrativas tapirapé apresentadas por Eunice Dias de Paula em *Eventos de fala entre os Apiãwa (Tapirapé) na perspectiva da etnosintaxe: singularidades em textos orais e escritos* (2012); Marcia Wayana Kambeba, que traduziu dois cantos kambeba apresentados em *Cantos da Floresta: iniciação ao universo musical indígena* (PUCCI; ALMEIDA, 2017); e Werá Jegakua Mirim, que traduziu o mito a respeito de Jaxy Jaretê a partir da versão de Olívio Jekupé em (2017).

Por fim, os tradutores e tradutoras identificados na categoria “organizador/a” foram Yefuká Kaiabi, que traduziu as duas narrativas kaiabi da coletânea *Histórias do Xingu: Coletânea de depoimentos dos índios Suyá, Kayabi, Juruna, Trumai, Txucarramãe e Txicão* (FERREIRA, 1994); o tradutor kaiowá Aniceto Ribeiro, responsável pela tradução de 305 cantos e narrativas em *Nhande Reembypy: Nossas Origens* (GARCIA, 2001); a escritora maraguá Lia Minapoty, tradutora do poema contido na publicação *Antologia dos Morôguetás: olhares indígenas* (LABORATÓRIO DE LINGUAGENS LEETRA, 2013); Samuel Aleixo, Clodoaldo Silva Aleixo e Arnaldo Yarumare, tradutores de sete narrativas nheengatu contidas em *Fábulas de Terra Preta: uma coletânea bilingue* (BIRD; MCALISTER; GELBART, 2013); e Amarildo Castro, Divinória Galdêncio, Maria Bidoca, Miguel Piloto, Celina Menezes da Cruz, Marlene Domingos Trindade e Marivaldo Almeida, indígenas responsáveis

pela tradução de dez narrativas nheengatu em *Escola Kariamã conta umbuesá* (LABORATÓRIO DE LINGUAGENS LEETRA, 2015a).

Cabe observar que, em quatro publicações que não foram incluídas na tabela acima, não houve especificação do número de tradutores e tradutoras nem do gênero; porém, todas elas informam que as traduções foram feitas por indígenas, identificados como professores/as, alunos/as ou membros/as das comunidades. As publicações são: *Xanetawa Marageta: histórias das nossas aldeias* (COMUNIDADE TAPIRAPÉ, 1996), *Coletânea de narrativas Ka'apor* (DUARTE; GARCIA, 2006), *Coletânea de narrativas Tenetehára* (DUARTE, 2008) e *Cantos da Floresta: iniciação ao universo musical indígena* (PUCCI; ALMEIDA, 2017). Nesta última, apenas o canto guarani não possui identificação dos tradutores e tradutoras, informando-se apenas que estes/as foram indígenas guarani.

Há ainda uma quarta categoria relacionada à autoria da publicação neste levantamento, a de “organizador/a-assistente”, relacionada aos casos em que as traduções contidas nas publicações foram feitas por tradutores e tradutoras indígenas, mas estes/as foram assistidos pelo/a organizador/a da obra. Não foram inseridas na tabela e no gráfico acima, pois as informações referentes às quantidades por etnia e gênero não ficaram claras. Por isso, preferimos expor os casos à parte.

Três publicações enquadram-se na categoria “organizador/a-assistente”. A primeira são os *Textos produzidos pelos Kawaiwete (anos 2010 e 2011): poemas/músicas e materiais tradicionais Kawaiwete*, do PRODOCLIN/Museu do Índio, na qual houve a participação de 33 tradutores/as indígenas, mas não há informação sobre o gênero deles. A segunda publicação também é do PRODOCLIN e contou com o trabalho de quatro tradutores/as indígenas, dos/as quais dois/duas são professores/as, mas não há informação sobre o gênero. Em ambas as publicações, os/as tradutores/as foram assistidos pela coordenadora do projeto, a linguista Suzi Lima. A terceira publicação é *Nheengatu Tapajoara*, do Grupo LEETRA/UFSCar, na qual a tradução foi feita por professores/as indígenas, mas não há informação sobre a quantidade de indivíduos nem sobre o gênero deles. Também não há especificação sobre quem foram as pessoas do LEETRA que auxiliaram os/as tradutores/as no processo de tradução. Assim, apesar de os dados referentes a etnia e gênero não terem ficado claros nessas três publicações, é possível verificar que houve a participação de, pelo menos, 37 tradutores/as indígenas.

Neste sentido, é possível concluir que tradutores e tradutoras não indígenas publicaram mais nesses últimos 50 anos como autores do que indígenas de ambos os gêneros, possivelmente por terem mais acesso à indústria editorial como um todo. As editoras que publicam livros de autores indígenas são normalmente menores e voltadas para públicos mais específicos. Entretanto, percebe-se que, de forma geral, há um número consideravelmente maior de tradutores e tradutoras indígenas (principalmente homens) no campo da tradução de cantos e narrativas Tupi-Guarani do que não indígenas, o que era esperado, apesar da invisibilidade dos sujeitos indígenas nesse cenário.

Além de tradutoras e tradutores, uma segunda categoria de sujeitos teve papel importantíssimo no processo de tradução de alguns cantos e narrativas: os/as intérpretes indígenas. Os/as intérpretes estiveram presentes em diversos casos em que os materiais foram coletados a partir da narração direta de informantes indígenas não falantes do português, prestando assistência a autores/as-tradutores/as não indígenas que não tinham completo domínio da língua nativa ou realizando as traduções sozinhos/as, com posterior transcrição delas por terceiros ou pelos/as autores/as da obra. Os graus de assistência foram variados, mas não exploramos tal questão nesta pesquisa, visto que seu objetivo principal é entender a presença desses/as intérpretes. As traduções feitas dessa forma foram denominadas “traduções assistidas”⁵³.

Das 19 publicações registradas na categoria “autor/a-tradutor/a”, sete contaram com a assistência de intérpretes. Ressaltamos que essa categoria soma um total de 28 publicações; no entanto, excluimos da amostragem as publicações de autores/as-tradutores/as indígenas, que somaram sete e, em nenhum caso levantado, houve a participação de intérpretes, bem como outros dois casos em que os/as autores/as-tradutores/as foram auxiliados por tradutores e tradutoras ao invés de intérpretes. Por isso, o total de publicações realizadas por autores/as-tradutores/as que consideramos para esta distribuição é de apenas 19.

As publicações nas quais os/as autores/as-tradutores/as foram assistidos/as por intérpretes indígenas foram: *Kwarup: mito e ritual no Alto Xingu* (1974), em que o antropólogo Pedro Agostinho trabalhou com os intérpretes kamaiurá Sapain e Tuvule;

53 As “traduções assistidas” contrapõem-se às “traduções autônomas”, que correspondem aos casos em que os tradutores e tradutoras não utilizaram intérpretes para traduzir os cantos e narrativas, no todo ou em parte; entretanto, compreende casos em que os tradutores e tradutoras utilizaram-se de outros recursos e ferramentas, como textos para cotejo e assim por diante.

Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu (2000), em que a linguista Lucy Seki foi auxiliada por Tatap, Sapain e Yrywaujy (Juca, irmão de Tuvule); e *Música, morte e esquecimento na arte verbal Araweté* (2015), em que o antropólogo Guilherme Heurich foi assistido pelos intérpretes araweté Jatomaro e Irarũno.

Nas publicações *Mitos e outras narrativas Kamayurá* (AGOSTINHO, 2009), *Através do Mbaraka: música e xamanismo Guarani* (MONTARDO, 2002), *Karawara: a caça e o mundo dos Awá-Guajá* (GARCIA, 2010) e *Jene ramỹjwena juru pytsaret =: O que habitava a boca de nossos ancestrais* (SEKI, 2010) apenas se menciona que houve a participação de intérpretes, mas estes/as não são identificados.

Quanto às oito publicações registradas na categoria “autor/a”, apenas duas foram assistidas por intérpretes: *Moroneta Kamaiurá: histórias Kamaiurá* (2013), em que Andreia Duarte contou com o trabalho do intérprete kamaiurá Kotok; e *Moroneta Kamayurá: mitos e aspectos da realidade social dos índios Kamayurá (Alto Xingu)* (1991), em que o antropólogo Étienne Samain foi auxiliado pelos intérpretes kamaiurá Tacumã, Tatap e Kotok.

Já nas categorias “organizador/a” e “organizador/a-assistente”, não houve a participação de intérpretes indígenas, mas apenas de tradutores e tradutoras.

Na lista apresentada dos/as intérpretes identificados/as, vemos três deles que estiveram presentes em mais de uma publicação, todas referentes à tradução de narrativas kamaiurá: Sapain, Tatap e Kotok.

A seguir, apresentamos a distribuição de intérpretes de acordo com o gênero apenas, visto que todos os intérpretes identificados no levantamento são indígenas.

Tabela 10 – Distribuição dos/as intérpretes indígenas presentes nas publicações das categorias “autor/a-tradutor/a” e “autor/a” de acordo com gênero

	Mulher	Homem
Autores/as-tradutores/as	0	7
Autor/a	0	6
Total	0	13

Como se vê na tabela acima, não houve registros da participação de intérpretes mulheres. Isso se deve possivelmente ao fato de que a interpretação em comunidades indígenas é, tradicionalmente, um atividade masculina.

É importante observar que, em quatro publicações feitas por autores/as-tradutores/as, não há nenhuma menção sobre a assistência de intérprete. Uma em específico, que chamou nossa atenção, foi a do livro *Xingu: os índios, seus mitos* (1972), dos irmãos Villas Bôas, que apresenta uma coletânea de 31 mitos e narrativas de povos xinguanos, dos quais 23 são relacionados aos Kamaiurá. Em momento nenhum afirmam que as narrativas foram traduzidas por eles. Por outro lado, dizem que **transcreveram** os mitos. E como os mitos são apresentados apenas em português, logo sua transcrição se deu apenas em português.

“Procuramos fazer as **transcrições** numa linguagem corrente, para mais claramente traduzir o pensamento dos índios, sem nada acrescentar como dedução ou conclusão de suas idéias. O incompreensível ou nebuloso às vezes é da própria história que se desenrola entre o real e o irreal.

Finalizando, queremos ainda dizer que uma das coisas mais difíceis na obtenção de dados dessa natureza é encontrar o melhor informante. Aquele que fala bem a nossa língua e que mais prontamente se oferece para narrar as histórias, ou prestar informações, é exatamente o menos indicado para isso. Os verdadeiros informantes não se oferecem, não falam outra língua a não ser a sua própria e até se retraem, quando solicitados. Além disso, o número dos verdadeiros detentores da cultura espiritual nunca vai além de dois em cada aldeia (1972, p. 50–51) (grifo nosso).

Ao que tudo indica, os mitos foram todos coletados a partir de narradores que não falavam o português. Cláudio e Orlando Villas Bôas podem muito bem ter traduzido os mitos, considerando que, após anos de convívio com os povos xinguanos – Orlando, inclusive, foi diretor e morador permanente do Parque Indígena do Xingu, desde sua criação em 1961 até 1970 –, possivelmente entendiam e falavam de forma instrumental diversas línguas locais. Entretanto, sabe-se que os irmãos Villas Bôas tiveram ao seu lado dois intérpretes, reconhecidos como seus grandes intermediadores entre os povos xinguanos durante a fase do contato e pacificação entre os índios. Os intérpretes são Paru Yawalapiti e Nahu Kuikuro, políglotas conhecedores das seis línguas altoxinguanas (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (BRAZIL), 2011, p. 24).

Sabe-se que os intérpretes xinguanos sempre tiveram uma função destacada como mediadores das relações entre brancos e índios e também entre os povos da região. Após a

geração de Paru e Nahu, já nos anos 1960, houve outros intérpretes famosos, como Raoni Kayapó, Kuiusi Kisêdje, Karandini Yudjá e Prepori Kaiabi, importantes na luta pelo reconhecimento do direito dos povos indígenas aos seus territórios originários. A partir dos anos 1980, os Villas Bôas passam a recrutar representantes de quase todas as etnias do Parque do Xingu, que se alternavam no trabalho como assistentes nos postos indígenas. Inclusive, vários deles foram alfabetizados nos postos. Eram índios que adquiriram a habilidade de transitar entre o mundo indígena e o mundo dos brancos. É visível, assim, o esforço dos Villas Bôas em instrumentalizar esses índios por meio do aprendizado do português.

Além disso, os Villas Bôas citam que os índios xinguanos mantinham uma espécie de prática de “formação de intérpretes”. Na verdade, em razão das intensas relações intercomunitárias e interétnicas entre grupos, comentam que era muito comum a prática do “estágio”, que consistia “na longa permanência, às vezes durante anos, de membro de uma aldeia em outra aldeia diferente. Os indivíduos que ‘estagiam’ são quase sempre do sexo masculino, e sempre com a finalidade de aprender a língua da tribo amiga” (1972, p. 19). Sendo assim, a intermediação de relações por meio de intérpretes foi e ainda é algo costumeiro entre os povos xinguanos.

3.8. Evolução no tempo (1970 – 2019)

No capítulo 2 desta dissertação, apresentamos o *corpus* de publicações juntamente com uma breve descrição com vistas a fornecer ao leitor uma noção do desenvolvimento da atividade da tradução de cantos e narrativas de 1970 até hoje com foco nas línguas Tupi-Guarani de partida. Nesta parte final do levantamento, apresentaremos a análise das classes apresentadas nas seções anteriores segundo sua evolução ao longo das cinco últimas décadas.

Vejamos a distribuição de publicações de 1970 até a atualidade:

Gráfico 8 - Distribuição de publicações por década

O gráfico mostra que as publicações vieram numa onda crescente, registrando um disparo de crescimento na última década, quando o número de publicações dobrou. As três primeiras décadas tiveram poucas publicações (três, quatro e sete, respectivamente). Nos anos 2000, verifica-se um crescimento razoável (11 publicações), que continua na década seguinte (23 publicações) numa proporção bem maior em relação aos outros períodos. Esse crescimento é extremamente favorável para o campo da tradução das artes verbais Tupi-

Guarani, pois revela que tem havido um maior interesse sobre este tipo de texto, interesse este que só tem aumentado com o passar do tempo, não apenas do ponto de vista da produção, mas também do consumo.

Essa tendência de crescimento é reforçada pela variedade vivida atualmente pelo mercado editorial, com editoras publicando cada vez mais literatura indígena e outros tipos de textualidades indígenas, como a Editora Peirópolis, bem como pelas novas possibilidades oferecidas pelo mercado editorial online, que abre espaço de atuação para editoras e livrarias que trabalham especificamente com este tipo de produção textual, como a Livraria Maracá, uma livraria online especializada em literatura indígena produzida no Brasil. Aliás, livrarias como a Maracá favorecem grandemente o crescimento do consumo desse tipo de texto, pois reúnem num mesmo ambiente virtual obras de diversos escritores indígenas de todo o Brasil, como Eliane Potiguara, Daniel Munduruku, Graça Graúna, Kaká Werá Jecupé, Yaquarê Yamã e Olívio Jekupé, que encontram em pequenas e médias editoras espaço para publicação.

Especificando-se esta análise de evolução das publicações ao longo das décadas com foco no tipo de publicação, o resultado foi o seguinte:

Gráfico 9 - Distribuição dos tipos de publicação por década

Somente livros estiveram presentes nas cinco décadas estudadas; entretanto, todos os tipos de publicação aumentaram ao longo das décadas. A partir da década de 1990, começa a ocorrer uma variação nos formatos de publicação com a presença não só de livros, mas também de uma tese, um artigo e um material didático. A década de 2010 é a mais significativa em termos de variedade de formatos de publicação, registrando um crescimento especial das publicações de teses e dissertações

relacionadas à tradução de cantos e narrativas Tupi-Guarani.

Vejamos, agora, a distribuição das traduções e retraduições nas últimas cinco décadas:

Gráfico 10 - Distribuição de traduções e retraduições por década

O número de traduções publicadas mostra uma certa oscilação nas três primeiras décadas (1970 – 1990), mas com um saldo final de crescimento (40, 27 traduções e 85 traduções, respectivamente), a partir da década de 2000, nota-se um crescimento substancial (375 traduções). O número de traduções na década seguinte decai (273 traduções), mas continua bem maior do que no período anterior à virada do século. Como se vê, a década de 2000 é um momento de transformação positiva para o campo da tradução de cantos e

narrativas Tupi-Guarani no Brasil.

O crescimento na década de 2000 ocorre principalmente por causa de uma publicação em específico sobre a qual já falamos anteriormente neste capítulo. Trata-se de *Nhande Reembypy: Nossas Origens* (GARCIA, 2001), responsável por 305 traduções. Ainda assim, há outras 101 traduções publicadas na mesma década, que, sozinhas, representam um aumento considerável em comparação à quantidade de traduções publicadas na década anterior. Nesse sentido, percebe-se que a partir da década de 2000 começa a haver um trabalho mais significativo de tradução para o português de cantos e narrativas Tupi-Guarani. Na década de 2010, não há nenhuma publicação que contenha tamanha quantidade de traduções como a de Garcia nos anos 2000, mas, sim, diversas publicações com quantidades menores, o que é um indicativo do aumento do número de publicações. As publicações com mais traduções nessa última década são *Moroneta Kamaiurá: histórias Kamaiurá* (KAMAIURÁ; KAMAIURÁ, 2013), com 84 narrativas traduzidas; *Música, morte e esquecimento na arte verbal Araweté* (HEURICH, 2015), com 24 cantos traduzidos; duas

publicações do programa de documentação linguística do Museu do Índio, o PRODOCLIN, chamadas *Yafu: o retorno do chocalho* (PRODOCLIN KAWAIWETE - KAIABI, 2014) e *Textos produzidos pelos Kawaiwete (anos 2010 e 2011): poemas/músicas e materiais tradicionais Kawaiwete* (PRODOCLIN, 2010), com 27 e 26 traduções, respectivamente; e *Nheengatu Tapajoara* (LABORATÓRIO DE LINGUAGENS LEETRA, 2015b), um material didático que contém 18 traduções de cantos e narrativas de autoria do Laboratório de Linguagens LEETRA, da UFSCAR.

Com relação às retraduições, percebe-se que ocorreram em número muito inferior ao das traduções originais e não registraram grandes variações ao longo das cinco décadas consideradas. A retradução, assim, permaneceu como uma atividade minoritária no campo da tradução de cantos e narrativas Tupi-Guarani. Na década de 1970, não houve retraduições; já a década de 1980 conta com três retraduições registradas, das quais duas são traduções indiretas do alemão, publicadas originalmente por Nimuendaju em *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guaraní* (1987). O pequeno aumento registrado na década de 1990 é devido à tradução integral para o português da obra *A fala sagrada: mitos e cantos sagrados dos índios Guarani* (CLASTRES, 1990), originalmente publicado em francês, que conta com 22 cantos e narrativas. A década de 2000 segue o mesmo padrão da década anterior, totalizando 20 retraduições, das quais 14 são traduções indiretas de textos contidos em *Os Kaiabi do Brasil Central: história e etnografia* (GRÜNBERG et al., 2004). Na década de 2010, o número de retraduições cai e volta ao padrão das primeiras décadas, com apenas cinco retraduições registradas.

Vemos, assim, a preferência de tradutores e tradutoras em realizar traduções originais a partir de materiais coletados em primeira mão. Isso é compreensível ao observamos como as fontes de tradições orais ameríndias foram pouco exploradas até hoje quando se pensa na imensa gama de línguas, culturas e formas de expressão existentes. Ademais, poucos são os textos que ganharam divulgação e circularam suficientemente a ponto de se tornarem objeto de interesse para uma possível retradução, como é o caso do *Ayvu Rapyta* guarani e do *Canto da Castanheira* araweté, por exemplo. Nesta pesquisa, apresentamos uma amostra bem específica das artes verbais no Brasil, com foco apenas em línguas de origem Tupi-Guarani e num recorte temporal de 50 anos, e, mesmo assim, foi possível verificar a presença de 786 traduções. Se considerarmos as possibilidades de

pesquisa e tradução envolvendo outras famílias linguísticas e períodos históricos, a potência que este campo de estudos pode adquirir é inimaginável.

As artes verbais ameríndias ainda estão em processo de reconhecimento como um campo de estudos específico. Na verdade, a discussão sobre o estatuto que devem adquirir as formas de expressão verbal indígenas ainda encontra vozes bem distintas entre aqueles que lutam em defesa da adoção do termo literatura e entre aqueles adotam uma posição contrária ou diferenciada. É uma escolha que tem origem em uma longa discussão sobre opções terminológicas feitas por estudiosos que têm se dedicado à tradução de poéticas ameríndias no Brasil. No artigo *Concepts and Contests in the Translation of Indigenous Poetics in Brazil* (2015), a tradutora e pesquisadora Jamille Pinheiro Dias discorre de forma elucidativa acerca desse tema. Resumidamente, Cláudia Neiva de Matos, seguindo Paul Zumthor, afirma sua preferência pelo termo “arte verbal”, visto que admite usos artísticos tanto da língua oral quanto da língua escrita, sem favorecer a segunda, bem como pelo termo “poesia”, por ser uma arte da linguagem humana, fato da ritualização da linguagem. Lucia Sá, por sua vez, entende que excluir textos nativos da categoria “literatura” pode ter efeitos negativos, uma vez que as “literaturas da floresta” devem ser vistas mais do que apenas material etnográfico, material bruto ou, de forma particularmente depreciativa, como mito. Já Marília Librandi-Rocha, em sua exposição sobre a carta Guarani-Kaiowá, defende a inclusão dos textos indígenas como parte da essência da literatura escrita no Brasil, considerando o direito à literatura como território discursivo acolhedor. Em direção oposta à Librandi-Rocha, Marco Natali defende exatamente o direito de não ser literatura ao criticar a “inevitabilidade” da aplicação do conceito literatura e a forma que ele incorpora práticas discursivas não europeias⁵⁴. Pinheiro Dias afirma sua preferência pelo termo “artes verbais”, ainda que nenhuma terminologia seja completamente adequada “e que sintetizar quais exatamente são os fatores constitutivos do que chamaríamos de ‘artes verbais ameríndias’ de forma mais abrangente seja arriscado” (DIAS, 2017, p. 144-145).

54 Para uma compreensão mais aprofundada da discussão feita por cada autor, os textos de referência são: NEIVA DE MATOS, C. **Escritas indígenas: uma experiência poético-pedagógica**. Boitatá, vol. 12, p. 29-51, 2011; SÁ, L. **Rain Forest Literatures: Amazonian Texts and Latin American Culture**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2004; LIBRANDI-ROCHA, M. **A carta Guarani-Kaiowá e o direito a uma literatura com terra e das gentes**. Estudos da Literatura Brasileira Contemporânea, vol. 44, p. 165-191, 2014; NATALI, M. P. **Beyond the Right to Literature**. Comparative Literature Studies, vol. 46, n.º 1, p. 177-192, 2009.

Em razão da complexidade constitutiva e estrutural que permeiam as tradições orais indígenas é que preferimos a adoção do termo “artes verbais” ao invés de “literatura”. Como afirma Sérgio Medeiros (2009), “[...] diante de um poema indígena, seja ele oral ou escrito, certas concepções tradicionais de literatura e poesia poderão se mostrar tímidas ou limitadas”. A predominância das formas eurocêntricas de conhecimento obscureceram outros modos de significação, que se utilizam de complexos sistemas simbólicos para a construção do pensamento, do corpo, da socialidade. Entretanto, estes modos existem, apesar de ser de conhecimento de alguns poucos leitores mais atentos e interessados nestes tipos de textualidades, fato que é resultado, principalmente, da educação formal brasileira, de base euroamericana. As artes verbais dos povos indígenas entram no pacote dos “conteúdos” desconhecidos, ignorados. E hoje, mesmo estudadas por uma série de pesquisadores mundo afora, estão longe de serem compreendidas em sua profundidade. O caminho a ser trilhado é longo.

Concordamos com Pedro de Niemeyer Cesarino (2018), estudioso brasileiro das poéticas marubo, o qual afirma que deve-se partir do princípio de que há poesia por toda parte. Estas poesias, por sua vez, implicam formas diversas de experiência, criação, linguagem, pensamento, estética. Implicam, também, o entrelaçamento de símbolos, de formas expressivas, do oral e o escrito, da comunicação entre humanos e não-humanos.

Vejamos agora a distribuição das traduções comentadas e das traduções não comentadas de 1970 até a atualidade. A análise será feita com base nas publicações, considerando-se que foi mantido um estilo padrão em todas elas e que não verificamos traduções comentadas e não comentadas em uma mesma publicação.

Gráfico 11 - Distribuição de publicações contendo traduções comentadas e não comentadas por década

Mesmo havendo um crescimento de ambos os tipos ao longo do período estudado, verifica-se que há uma preferência pela produção de traduções não comentadas por parte dos tradutores de cantos e narrativas Tupi-Guarani. A década de 1970 foi o único momento em que as traduções comentadas se sobrepuseram às não comentadas (duas e uma, respectivamente). Igualaram-se na década seguinte (duas e duas, respectivamente) e, nas duas décadas seguintes, a produção de traduções não comentadas aumentou gradualmente, evoluindo para quatro e oito publicações. Na

década de 2010, os dois tipos registraram crescimento, mas, ao final de cinco décadas, o total de traduções não comentadas preponderou sobre o de traduções comentadas; enquanto foram publicadas 31 traduções não comentadas, as comentadas totalizaram apenas 17. Ao que os dados indicam, as traduções comentadas estão situadas em áreas especializadas de pesquisa e de produção do conhecimento (vide tabela 5), conforme já era esperado.

É compreensível que comentários à tradução façam mais sentido apenas em publicações de cunho acadêmico e naquelas relacionadas à pesquisa de modo geral. Entretanto, o universo poético ameríndio, muitas vezes, necessita de elucidações que extrapolam o conteúdo linguístico, posto que perpassam questões de ordem metafísica e ontológica. As notas e comentários, assim, são uma forma de aproximar o leitor não familiarizado com este tipo de pensamento e repertório criativo. As traduções produzidas na área da antropologia revelam essa preocupação – não à toa, foi a área do conhecimento que registrou o maior número de traduções comentadas no levantamento. Clastres, por exemplo, ao traduzir cantos sagrados guarani, afirma que suas notas servem essencialmente para

auxiliar o leitor que não tem familiaridade com o pensamento guarani. A compreensão da linguagem, assim, demanda a compreensão da visão de mundo guarani; a primeira resulta diretamente da segunda.

Acreditamos que essa preocupação visível na área da antropologia em produzir traduções comentadas que contemplem os aspectos metafísicos e ontológicos relacionados às tradições orais ameríndias é extremamente enriquecedora, pois permite ao leitor acessar o conteúdo de forma mais profunda e diminuir a estranheza causada por algumas dessas textualidades.

Com relação ao formato de apresentação dos textos, registraram-se neste levantamento apresentações em formato monolíngue (apenas a tradução em português), bilíngue (texto original em língua nativa de partida e tradução em português) e em ambos os formatos. A distribuição de publicações nesta categoria, por décadas, segue abaixo:

Gráfico 12 - Distribuição de publicações contendo textos em formato monolíngue e bilíngue por década

Made with infogram

O formato monolíngue foi o padrão na década de 1970. Já nas duas décadas seguintes, registraram-se publicações com textos tanto monolíngues quanto bilíngues (dois de cada tipo na década de 1980, enquanto na década de 1990 foram registradas três publicações monolíngues e sete bilíngues). Na década de 2000, verifica-se um predomínio de publicações com textos bilíngues (10 bilíngues e um monolíngue), tendência que se verifica também na última década, com 18 publicações bilíngues e três monolíngues. Publicações que contêm ambos os formatos só aparecem a partir de 2010, mas são

ainda raras se comparadas com o total de publicações registradas nos outros dois formatos. O

levantamento, assim, aferiu um total de 34 publicações bilíngues em contraposição a 12 monolíngues e apenas duas com textos em formato monolíngue e bilíngue. A predominância cada vez maior de publicações bilíngues em diversas áreas é um indicativo de que tem havido um esforço de divulgação das línguas ameríndias, as quais têm ganhado visibilidade e interesse não só por parte do leitorado especializado da academia, como antropólogos e linguistas (vide gráfico 15), mas também do leitor comum que se interessa pelo tema, sejam adultos ou jovens e crianças. Isso é extremamente positivo, pois aproxima o leitor dessas línguas e de suas especificidades estilísticas. A exposição à diferentes repertórios linguísticos favorece o desenvolvimento de um interesse em conhecer mais sobre a língua na qual se lê, tanto entre crianças e jovens quanto entre adultos. Pensando especificamente nos materiais didáticos bilíngues utilizados na educação indígena, constituem uma ferramenta importante para o resgate identitário de povos com línguas extintas ou com poucos falantes.

Consideremos, a seguir, a evolução da atividade de publicação de cantos e narrativas Tupi-Guarani traduzidos para o português, de 1970 até hoje:

Gráfico 13 - Distribuição de publicações contendo cantos e narrativas por década

Made with **infogram**

Embora todos os tipos de publicação tenham aumentado no decorrer das décadas, a publicação de narrativas predominou em todas elas, com exceção da década de 1990, quando os números foram iguais (três publicações para cada tipo). Na primeira década analisada, publicaram-se apenas narrativas (três publicações). A quantidade de publicações de narrativas permaneceu a mesma nas duas décadas seguintes, enquanto a de cantos cresceu (uma publicação na década de 1980 e três publicações na

década de 1990) e a de cantos e narrativas teve seu primeiro registro na década de 1990. Já em 2000, os três tipos de publicação aumentam (seis de narrativas, três de cantos e duas de cantos e narrativas). O crescimento visualizado na década de 2000 dobra na última década no caso das narrativas e dos cantos (28 publicações de narrativas e 13 de cantos); publicações de cantos e narrativas aumentam em menor proporção. Depreende-se deste resultado que há uma preferência pela tradução de narrativas, embora a tradução de cantos tenha aumentado com o decorrer do tempo.

Conforme alguns autores, pode-se dizer que traduzir narrativas é uma atividade de menor complexidade quando comparada à tradução de cantos. Primeiro, pelo fato das narrativas serem normalmente transpostas do oral para o escrito no formato de prosa, enquanto que os cantos, por possuírem uma “expressão formular”⁵⁵, são traduzidos comumente no formato de poema, com versos e estrofes. Também, os cantos envolvem aspectos adicionais que dificultam ainda mais a tradução, como rima, ritmo e vocalização. Atestando este ponto, cito mais uma vez o comentário do antropólogo Uirá Garcia sobre sua dificuldade de traduzir os cantos Guajá: “Traduzir esses cantos é uma tarefa ainda por fazer, pois diferente das narrativas, o canto parece falar em um outro idioma, muitas vezes com gemidos e vocalizes que ocultavam totalmente as palavras” (2010, p. 401). O etnomusicólogo Menezes Bastos, em seu estudo da música kamaiurá (1989, p. 260), fala sobre as transformações da língua falada em *vocalises* que se dão no fluxo do canto, tornando difícil o entendimento das letras das canções, por meio de aspirações, glotações e bilabializações semivocálicas ou consonantais; comenta também sobre variações oriundas da própria rítmica musical, como a diminuição e a aumentação das palavras.

No entanto, apesar da preferência dos tradutores e tradutoras em traduzir narrativas, verificamos um aumento das traduções de cantos ao longo das décadas, principalmente na última década analisada, o que é um indicativo de que estes números possam aumentar ainda mais futuramente.

Quanto à ocorrência de publicações por área do conhecimento, veja o gráfico abaixo:

55 Este é um conceito originado nas análises de Perry e Lord (Lord 1971) sobre poesia homérica, o qual corresponde ao grupo de palavras que segue as mesmas condições métricas para expressar uma ideia central, seguindo o padrão de fórmulas. Os trabalhos desses autores geraram uma série de debates – Finnegan (1977), Foley (1988) e Zumthor (2003; 2010) – e a noção de expressão formular tem sido atualmente aplicada para a análise de cantos ameríndios, como por Cesarino para pensar os cantos marubo (2011; 2013) e por Heurich para os cantos araweté (2015).

Gráfico 14 - Área do conhecimento na qual as publicações se enquadram por década

A distribuição das áreas que se dedicam ao campo da tradução de cantos e narrativas Tupi-Guarani ao longo das décadas é bem variada. Na década de 1970, vemos publicações apenas na área da antropologia (três no total). A literatura surge nesse cenário na década de 1980 (uma publicação comparada a três na área da antropologia) e, na década seguinte, é a vez da educação aparecer em cena (uma publicação comparada a três na antropologia e três na literatura). Na década de 2000, a linguística oferece sua contribuição com quatro

publicações (comparadas a quatro na antropologia e três na literatura). Por fim, na década de 2010, todas as áreas registram seu maior número de publicações (cinco na antropologia, seis na linguística, seis na literatura e seis na educação). Como se vê, a quantidade de publicações obedeceu a uma escala crescente em todas as áreas consideradas. Nesse sentido, é possível inferir de tal resultado que a tradução de cantos e narrativas Tupi-Guarani é uma atividade que tem sido desenvolvida por várias áreas do conhecimento e de forma cada vez mais distribuída.

No entanto, ao que parece, essas áreas ainda trabalham de maneira isolada. O campo das artes verbais ameríndias é essencialmente interdisciplinar. É preciso que essas diferentes áreas aliem esforços em pesquisas comuns, com laboratórios se debruçando sobre um mesmo problema e pesquisadores contribuindo com suas expertises específicas. Os conhecimentos de um antropólogo sobre um determinado povo indígena, por exemplo, devem se somar às expertises de um linguista e de um tradutor para que se produza uma boa tradução (boa no sentido de contemplar as especificidades apresentadas pelas formas de expressão verbal ameríndia). Ao mesmo tempo, caso o texto a ser traduzido refira-se a um canto ritual, a presença de um etnomusicólogo é indispensável. E, se este texto tiver como destino final o

uso em sala de aula, um educador tem muito a contribuir com esta tarefa. Cremos que assim será possível construir um campo de estudos com bases sólidas.

Iniciaremos, a partir deste momento, a análise de evolução temporal relacionada aos sujeitos envolvidos no processo de tradução e publicação. Primeiramente, vejamos a distribuição dos diferentes tipos de autoria registrados por esta pesquisa ao longo das cinco últimas décadas.

Gráfico 15 - Distribuição dos tipos de autoria por década

Made with infogram

O gráfico mostra que o tipo de autoria dominante em todas as décadas foi o de “autor/a-tradutor/a”; exceto na década de 1980, quando este registrou o mesmo número de publicações que a categoria “autor/a” (duas publicações cada), em todas as outras décadas, registrou mais publicações que as outras categorias. A década de 2010 é a de maior destaque em termos de quantidade e variedade de tipos de autoria. Conclui-se que, nas últimas cinco décadas, as publicações sobre tradução de cantos e narrativas Tupi-Guarani

foram predominantemente de autoria dos próprios tradutores e tradutoras, que, em alguns casos, foram auxiliados por tradutores, tradutoras ou intérpretes indígenas, conforme já demonstrado anteriormente. De qualquer forma, publicações em outras categorias de autoria têm ganhado força, como as coletâneas e as obras em que as traduções ficam a cargo especificamente de tradutores ou intérpretes indígenas.

Em seguida, abordaremos a distribuição de tradutores e tradutoras indígenas e não indígenas ao longo das décadas estudadas. Observamos que, para esta análise, os tradutores e tradutoras foram considerados sem distinção do tipo de relação que tiveram com a obra em

termos de autoria (se de autores/as-tradutores/as ou apenas tradutores/as), visto que o objetivo principal é simplesmente verificar a quantidade de tradutores e tradutoras de acordo com etnia e gênero nas décadas estudadas.

Gráfico 16 - Distribuição de tradutores e tradutoras de acordo com etnia e gênero por década

Tradutores não indígenas de ambos os gêneros estão presentes em todas as décadas, exceto na década de 1970, quando só se registrou a presença de tradutores não indígenas (quatro homens, exatamente). Na década de 1980, registra-se um tradutor de cada gênero e, na década de 1990, as mulheres ultrapassam os homens (seis mulheres e dois homens). Na década seguinte, os números são parecidos (dois homens e três mulheres) e, na década de 2010, a proporção entre ambos é equivalente (seis homens e cinco mulheres). No total, o levantamento registrou o

mesmo número de tradutores e tradutoras não indígenas (15 cada).

Quanto aos tradutores e tradutoras indígenas, surgem no cenário da tradução de cantos e narrativas Tupi-Guarani somente a partir da terceira década estudada (um tradutor de cada gênero). Na década de 2000, apenas os homens possuem traduções publicadas e, na década de 2010, ocorre um aumento considerável tanto de homens quanto de mulheres (12 e 11, respectivamente). Assim, apesar da presença de tradutoras indígenas ter crescido significativamente na última década, os homens ainda se sobrepuseram em mais de um terço do total.

Deve-se ressaltar o fato de que um total de 37 tradutores e tradutoras indígenas não tiveram o gênero identificado em certas obras publicadas da década de 1990 à década de 2010. Apesar de não ter sido possível determinar a distribuição entre homens e mulheres nesses casos, é um número significativo, pois revela a presença massiva dos tradutores e tradutoras indígenas nas últimas três décadas no trabalho de tradução de cantos e narrativas Tupi-Guarani.

Sendo assim, o que se verifica é que o número de tradutores/as indígenas foi bem superior ao de tradutores/as não indígenas nas cinco últimas décadas, apesar de sua pouca representatividade como autores/as de publicações.

Finalmente, verificaremos a distribuição de intérpretes entre 1970 até os dias atuais:

Gráfico 17 - Distribuição de intérpretes indígenas por década

Made with **infogram**

Exceto na década de 1990, quando não houve publicações com intérpretes participantes, em todas as outras décadas estes sujeitos estiveram presentes. Entretanto, o número ficou bem abaixo do que era esperado inicialmente, visto que a pesquisa de campo com povos indígenas normalmente demanda o uso da interpretação realizada por indígenas e muitas das traduções partem de cantos e narrativas orais coletados. Conforme já dito anteriormente, em quatro publicações há a menção de que os tradutores e tradutoras de origem não indígena obtiveram a

ajuda de intérpretes indígenas para a realização das traduções e em sete não há qualquer informação sobre o processo de tradução, mas há possibilidade de que intérpretes estiveram envolvidos. Sendo assim, acredita-se que estes intérpretes, possivelmente, estiveram presentes em número bem maior do o verificado. Isto é algo que certamente merece ser investigado.

Ao que parece, os/as intérpretes indígenas possuem menos visibilidade do que os/as tradutores/as indígenas, com exceção de alguns casos históricos de destaque. Um estudo sobre os/as intérpretes indígenas que trabalham ou trabalharam como assistentes nos trabalhos de campo de coleta de mitos e narrativas seria fundamental para se investigar essa questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Motivada pela busca em entender o lugar ocupado pelas artes verbais ameríndias na história da tradução no Brasil, esta dissertação propôs-se a realizar um levantamento de cunho historiográfico das traduções para o português de cantos e narrativas Tupi-Guarani produzidas de 1970 até a atualidade. É um recorte bem específico, considerando-se o imenso campo de pesquisa apresentado pelas artes verbais; porém, a intenção foi de construir um primeiro estudo dessa natureza e abrir caminhos para pesquisas futuras. Se considerarmos as possibilidades de pesquisa e tradução envolvendo outras famílias linguísticas e períodos históricos, a potência que este campo de estudos pode adquirir é enorme.

Retomando os números mais centrais, o levantamento resultou em um *corpus* de 851 traduções, das quais 800 são traduções originais e 51 são retraduições. São 628 narrativas e 223 cantos distribuídos em 48 entradas bibliográficas, divididas em 33 livros, 9 teses e dissertações, 3 artigos de periódicos, 2 materiais didáticos e um documento, produto de projeto de documentação linguística. Foram identificados 31 tradutores e tradutoras indígenas (21 homens e 10 mulheres) e 24 não indígenas (13 homens e 11 mulheres), além de 13 intérpretes indígenas assistentes que auxiliaram os tradutores e tradutoras durante o processo de tradução dos cantos e narrativas coletados de forma oral. Cabe ressaltar que tradutores e intérpretes estiveram presentes em número maior do o verificado, visto que algumas publicações mencionaram sua presença, porém não especificaram a quantidade de sujeitos nem seu gênero.

Por meio do mapeamento realizado, verificamos que há uma tendência de crescimento do número de publicações de traduções, principalmente por causa das possibilidades atuais oferecidas pelo mercado editorial e livreiro, com a presença de editoras e livrarias especializadas que procuram dar visibilidade aos textos relacionados às línguas e culturas indígenas, bem como aos escritores e escritoras indígenas, que, gradativamente, têm ganhado espaço no sistema literário nacional.

As universidades revelaram-se como os grandes polos de produção e publicação destes tipos dessas traduções, principalmente os centros de pesquisa ligados às literaturas e tradições orais indígenas. Ressaltamos que esses centros precisam de incentivo continuado para darem andamento ao trabalho desenvolvido e aprofundarem suas pesquisas.

A atividade da tradução prevaleceu sobre a atividade da retradução nestas cinco décadas e a tendência é continuar dessa forma. Tal fato é compreensível ao observarmos como as fontes de tradições orais ameríndias foram pouco exploradas até hoje. Também verificamos uma preponderância da produção de traduções não comentadas; entretanto, ressaltamos a importância das notas e comentários para aproximar o leitor do pensamento e das especificidades do repertório criativo ameríndio. Apesar da pouca presença de traduções comentadas, houve uma preferência ao longo das décadas pela publicação de traduções bilíngues, o que é um indicativo de que tem havido um esforço de divulgação das línguas ameríndias e suas textualidades, tanto por parte dos tradutores e autores, como por parte das editoras.

As narrativas foram mais traduzidas do que os cantos, o que se justifica pelas dificuldades inerentes à compreensão e tradução deste gênero verbal, conforme exposto por vários tradutores e tradutoras de cantos apresentados nesta pesquisa. Entretanto, mesmo que em menor proporção, os cantos também registraram um crescimento da década de 1970 até hoje, o que é positivo para a divulgação das artes verbais de certas línguas ameríndias, que têm no canto sua principal forma de expressão oral, como a língua araweté, por exemplo.

Quanto aos sujeitos envolvidos no processo de tradução e publicação das traduções, dentre os quatro tipos de autoria listados no levantamento, os/as autores/as-tradutores/as prevaleceram em quantidade de traduções produzidas. Registramos mais autores/as-tradutores/as não indígenas do que indígenas. Especificando-os quanto ao gênero, verificamos que a quantidade de tradutores e tradutoras não indígenas foi equivalente; dentre aqueles de etnia indígena, houve mais homens do que mulheres. Todavia, quando observamos a presença de sujeitos tradutores considerando todas as categorias de autoria, verificou-se uma predominância massiva de tradutores e tradutoras indígenas, apesar de mais da metade destes não terem sido identificados quanto ao seu nome e gênero.

Poucos foram os intérpretes verificados durante o processo de levantamento; porém, acredita-se que há bem mais intérpretes participantes do se verificou, visto que são essenciais para o trabalho de campo de coleta de cantos e narrativas. Possivelmente, não foram identificados por diversos autores e organizadores das publicações.

A tradução de cantos e narrativas Tupi-Guarani, antes restrita aos estudos antropológicos e linguísticos, têm hoje sido objeto também de outras áreas do conhecimento. No entanto, tais áreas ainda trabalham de forma isolada. Apontamos, assim, para a necessidade de se criar um campo de pesquisas e atividade ativamente interdisciplinar, em que diferentes áreas aliem esforços em busca de soluções para problemas comuns. Isso favorecerá o desenvolvimento de um campo de pesquisas específico, de bases sólidas e frutíferas.

Seja de ordem epistemológica, ontológica ou etiológica, ou mesmo em razão de formas enunciativas e construções sintáticas desestabilizadoras, os desafios a respeito do que é possível ou não ser traduzido são diversos quando o assunto é artes verbais ameríndias. Há dificuldades intersemióticas colocadas pela transposição de códigos, como a passagem do oral ao escrito, por exemplo, ou de sons em palavras, entre outras. É um campo sócio-semiótico, em que convivem o contexto sociológico e o contexto estético da palavra, conforme aponta Antônio Risério (1993). Nossa intenção com o mapeamento realizado é que ele sirva como um primeiro passo para a exploração coletiva desses desafios por pesquisadoras/es e tradutoras/es oriundos de diversas áreas (como a Etnologia, a Linguística Antropológica, os Estudos Literários e os Estudos da Tradução) e também por especialistas, mestras/es, professoras/es, escritoras/es e tradutoras/es indígenas, indispensáveis para esta tarefa.

Gostaríamos de ressaltar a relevância da aplicação de gerenciadores bibliográficos para a realização de levantamentos. Nesta pesquisa, utilizamos o *Zotero*, mas existem muitos outros, adaptados para diferentes sistemas operacionais e com recursos dos mais variados. Seu uso em pesquisas que busquem realizar um mapeamento das informações a partir de grandes dados bibliográficos pode ser muito eficaz tendo em vista as múltiplas possibilidades de cruzamento de variáveis por meio do processo de etiquetagem, aumentando significativamente o alcance da pesquisa.

Finalmente, esperamos ter sido possível oferecer ao leitor e leitora um panorama suficientemente abrangente sobre a atividade da tradução de cantos e narrativas Tupi-Guarani

nos últimos 50 anos, bem como sobre os tradutores, tradutoras e outros sujeitos a ela relacionados. Como todo levantamento, sempre haverá lacunas e pontos de atualização. A expectativa é que este trabalho tenha continuidade não apenas no escopo da família linguística Tupi-Guarani, mas também entre outras línguas ameríndias, pois assim será possível obter uma compreensão mais ampla do cenário da tradução das artes verbais ameríndias no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO, P. **Kwarup: mito e ritual no Alto Xingu**. São Paulo: EDUSP, 1974.

AGOSTINHO, P. **Mitos e outras narrativas Kamayurá**. 2ª edição ed. Salvador: Universidade Federal da Bahia. UFBA, 2009.

ALMEIDA, M. I. DE; QUEIROZ, S. **Na captura da voz: as edições da narrativa oral no Brasil**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras : Autêntica, 2004.

ASEFF, M. G. **Poetas-tradutores e o cânone da poesia traduzida no Brasil (1960 - 2009)**. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

AVERY, M. A. **Os caminhos das palavras levadas: Estudo dos processos de tradução das artes verbais amazônicas**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018.

BAPTISTA, J. V. **Roça barroca**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

BENITES, S. **Viver na língua Guarani Nhandewa (mulher falando)**. Dissertação - PPGAS —Rio de Janeiro: UFRJ, MN, 2018.

BIRD, S.; MCALISTER, I.; GELBART, K. (EDS.). **Fábulas de Terra Preta: uma coletânea bilíngue**. Manaus: [s.n.].

CASASNOVAS, A. **Noções de língua geral ou Nheengatú: gramática, lendas e vocabulário**. 2a. ed. Manaus: Faculdade Salesiana Dom Bosco : Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2006.

CHAMORRO, G. **Terra madura, yvy araguyje: fundamento da palavra Guarani**. Dourados, MS: Editora UFGD, 2008.

CHAMORRO, G. A arte da palavra cantada na etnia Kaiowá. **SOCIÉTÉ SUISSE DES AMÉRICANISTES / SCHWEIZERISCHE AMERIKANISTEN – GESELLSCHAFT**, v. 73, 2011.

CHESTERMAN, A. The Name and Nature of Translation Studies. **Hermes – Journal of Language and Communication Studies**, n. 42, p. 13–22, 2009.

CLASTRES, P. **A fala sagrada: mitos e cantos sagrados dos índios Guarani**. Tradução: Nícia Adan Bonatti. Campinas: Papirus, 1990.

COMUNIDADE TAPIRAPÉ. **Xanetawa Marageta: histórias das nossas aldeias**. 1. ed. São Paulo/Brasília: MARI/MEC/PNUD, 1996.

CRUZ, A. DA. **Fonologia e gramática do Nheengatú: a língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa**. Utrecht: LOT, 2011.

- D'HULST, L. Why and How to Write Translation Histories. **Crop - Edição Especial**, v. 6, p. 21-32, 2001.
- D'HULST, L. Translation history. In: GAMBIER, Y.; VAN DOORSLAER, L. **Handbook of translation studies**, v. 1. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Pub. Co, 2010. p. 397–405.
- D'HULST, L. Quels défis pour l'histoire de la traduction et de la traductologie? **Meta: Journal des traducteurs**, v. 60, n. 2, p. 281, 2015.
- DIAS, J. P. Concepts and Contexts in the Translation of Indigenous Poetics in Brazil. **Tusaaji: A Translation Review**, v. 4, n. 4, 2015.
- DUARTE, F. B. (ED.). **Coletânea de narrativas Tenetehára**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008.
- DUARTE, F. B.; GARCIA, M. A. (EDS.). **Coletânea de narrativas Ka'apor**. Belo Horizonte: Editora da Fale/UFMG, 2006.
- DUONG, K. Rolling Out Zotero Across Campus as a Part of a Science Librarian's Outreach Efforts. **Science & Technology Libraries**, v. 29, n. 4, p. 315–324, 6 dez. 2010.
- EQUIPE DE EDIÇÃO DA ENCICLOPÉDIA POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. **Línguas**, [s.d.]. (Nota técnica).
- FALEIROS, Á. Emplumando a grande castanheira. **Estudos Avançados**, v. 26, n. 76, p. 57–74, dez. 2012.
- FALEIROS, ÁLVARO. A noção de retradução nos estudos da tradução: um percurso teórico. **Revista Letras Raras**, v. 3, n. 2, p. 35–57, 2014.
- FERREIRA, M. K. L. **Histórias do Xingu: Coletânea de depoimentos dos índios Suyá, Kayabi, Juruna, Trumai, Txucarramãe e Txicão**. São Paulo: NHII - USP / FAPESP, 1994.
- FITTIPALDI, C. **A linguagem dos pássaros: mito dos índios Kamaiurá**. São Paulo: Melhoramentos, 1986.
- FREIRE, J. R. B. **Da língua geral ao português: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia**. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Rio de Janeiro: Instituto de Letras, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2003.
- GAMBIER, Y.; DOORSLAER, L. VAN (EDS.). **Handbook of translation studies**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Pub. Co, 2010.
- GARCIA, U. F. **Karawara: a caça e o mundo dos Awá-Guajá**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.
- GARCIA, W. G. **Nhande Reembypy: Nossas Origens**. Araraquara: UNESP - Faculdade de Ciências e Letras. Centro de Estudos Indígenas "Miguel A. Menéndez", 2001.

GRÜNBERG, G. et al. **Os Kaiabi do Brasil Central: história e etnografia**. Tradução: Eugênio G. Wenzel; Tradução: João Dornstauder. São Paulo, SP, Brasil: Instituto Socioambiental, 2004.

HEURICH, G. O. **Música, morte e esquecimento na arte verbal Araweté**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Museu Nacional, 2015.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (BRAZIL) (ED.). **Almanaque Socioambiental: Parque Indígena do Xingu: 50 anos**. São Paulo: ISA, 2011.

JECUPÉ, K. W. **Tupã tenondé: a criação do universo, da terra e do homem segundo a tradição oral Guarani**. São Paulo, SP: Instituto Arapoty : Editora Fundação Peirópolis, 2001.

JEKUPÉ, O. **O presente de Jaxy Jaterê**. São Paulo: Panda Books, 2017.

JEKUPÉ, O.; ABRAHIM, R. **Ajuda do saci: kamba'i**. São Paulo, SP: DCL, 2006.

JEKUPÉ, O.; KEREXU, M. **A mulher que virou urutau**. São Paulo: Panda Books, 2011.

JOHN MILTON. Emerging Views on Translation History in Brazil. **Crop - Edição Especial**, v. 6, n. Humanitas FFLCH/USP, 2001.

KAMAIURÁ, T.; KAMAIURÁ, K. **Moroneta Kamaiurá: histórias Kamaiurá**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013.

KANGUÁ, V.; POTY, P. M. **A vida do sol na terra - Kuaray'i ywy rupáre oiko'i ague**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2003.

KRATOCHVÍL, J. Comparison of the Accuracy of Bibliographical References Generated for Medical Citation Styles by EndNote, Mendeley, RefWorks and Zotero. **The Journal of Academic Librarianship**, v. 43, n. 1, p. 57–66, jan. 2017.

LABORATÓRIO DE LINGUAGENS LEETRA. Antologia dos Morõguetás: olhares indígenas. **LEETRA INDÍGENA / UFSCAR**, v. 2, 2013.

LABORATÓRIO DE LINGUAGENS LEETRA. Escola Kariamã conta umbuesá. **LEETRA INDÍGENA / UFSCAR, Edição Especial**, v. 1, 2015a.

LABORATÓRIO DE LINGUAGENS LEETRA. Nheengatu Tapajoara. **LEETRA INDÍGENA / UFSCAR, Edição Especial**, v. 1, 2015b.

MATOS, C. N. Escritas indígenas: uma experiência poético-pedagógica. **Boitatá**, v. 12, n. Londrina, p. 29–51, dez. 2011.

MEIRA, M. **Baré**, [s.d.]. (Nota técnica).

MENEZES BASTOS, R. J. **A Festa da Jaguatirica: uma partitura crítico-interpretativa**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – São Paulo: Universidade de São Paulo, 1989.

MILTON, J. Translated Poetry in Brazil 1965–2004. **Rev. Brasileira de Lingüística Aplicada**, v. 4, p. 173–193, 2004.

MINAPOTY, L. **Tainãly, uma menina maraguá**. São Paulo: Positivo, 2014.

MONTARDO, D. L. O. **Através do Mbaraka: música e xamanismo Guarani**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.

MUEEN AHMED, K.; AL DHUBAIB, B. Zotero: A bibliographic assistant to researcher. **Journal of Pharmacology and Pharmacotherapeutics**, v. 2, n. 4, p. 303, 2011.

NAVARRO, E. DE A. **Curso de língua geral (nheengatu ou tupi moderno): a língua das origens da civilização amazônica**. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016.

NIMUENDAJÚ, C. **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guaraní**. Tradução: Charlotte EmMerich; Tradução: Eduardo B. Viveiros de Castro. São Paulo: Editora HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

PAIVA, E. F. **História & Imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PAULA, E. D. DE. **Eventos de fala entre os Apiãwa (Tapirapé) na perspectiva da etnosintaxe: singularidades em textos orais e escritos**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística)—Goiânia: Universidade Federal do Goiás, 2012.

PIERRI, D. C. **O perecível e o imperecível: lógica do sensível e corporalidade no pensamento Guarani-Mbya**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – São Paulo: Universidade de São Paulo, 27 set. 2013.

POUPAUD, S.; PYM, A.; TORRES SIMÓN, E. Finding Translations. On the Use of Bibliographical Databases in Translation History. **Meta: Journal des traducteurs**, v. 54, n. 2, p. 264, 2009.

PRODOCLIN (ED.). **Textos produzidos pelos Kawaiwete (anos 2010 e 2011): poemas/músicas e materiais tradicionais Kawaiwete** PRODOCLIN/Museu do Índio, , 2010. Disponível em:
<http://prodoclin.museudoindio.gov.br/images/conteudo/Maxakali/produtos_pesquisadores/haliti-paresi/produtos_pesquisadores/kaiabi_kawaiwete/produtos_pesquisadores/Textos_Kawaiwete_ProDocLin.pdf>

PRODOCLIN KAWAIWETE - KAIABI. **Yafu: o retorno do chocalho**. Rio de Janeiro: FUNAI, 2014.

PUCCI, M.; ALMEIDA, B. (EDS.). **Cantos da Floresta: iniciação ao universo musical indígena**. São Paulo: Peirópolis, 2017.

PYM, A. **Method in translation history**. 2. ed. London New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2014.

RISÉRIO, A. Palavras canibais. **Revista USP**, v. 13, p. 26–43, 1992.

RISÉRIO, A. **Textos e tribos: poéticas extraocidentais nos trópicos brasileiros**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1993.

RODRIGUES, A. D. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. 4. ed. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SAMAIN, É. **Moroneta Kamayurá: mitos e aspectos da realidade social dos índios Kamayurá (Alto Xingu)**. Rio de Janeiro: Lidador, 1991.

SAMARA, E. DE M.; TUPY, I. S. S. T. **História & Documento e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SEKI, L. **Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu**. Campinas, SP, Brasil: São Paulo, SP: Editora da Unicamp; Imprensa Oficial SP, 2000.

SEKI, L. **Jene ramÿjwena juru pytsaret =: O que habitava a boca de nossos ancestrais**. Rio de Janeiro: Museu do Índio - Funai, 2010.

SILVA-REIS, D.; BAGNO, M. Os intérpretes e a formação do Brasil: os quatro primeiros séculos de uma história esquecida. **Cadernos de Tradução**, v. 36, n. 3, p. 81, 6 set. 2016.

SILVA-REIS, D.; BAGNO, M. A tradução como política linguística na colonização da Amazônia brasileira. **Revista Letras Raras**, v. 7, n. 2, p. 8–28, 2018.

SILVA-REIS, D.; MILTON, J. História da tradução no Brasil: percursos seculares. **Translatio**, v. 12, dez. 2016.

TRINOSKEY, J.; BRAHMI, F. A.; GALL, C. Zotero: A Product Review. **Journal of Electronic Resources in Medical Libraries**, v. 6, n. 3, p. 224–229, 9 set. 2009.

VILLAS BÔAS, C.; VILLAS BÔAS, O. **Xingu: os índios, seus mitos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

VIVEIROS DE CASTRO, E. B. **Araweté: os deuses canibais**. Rio de Janeiro, RJ: J. Zahar Editor: Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 1986.

XAVIER, R. et al. A pesquisa em televisão digital no Brasil – apontamentos sobre o levantamento bibliográfico realizado de 1995-2008 sobre o assunto. **Verso e Reverso**, v. 24, n. 56, p. 103–111, 2010.

YAMÃ, Y.; BORGES, T. **A origem do beija-flor: Guanãby muru-gãwa**. São Paulo: Peirópolis, 2012.

YAMAKAWA, E. K. et al. Comparativo dos softwares de gerenciamento de referências bibliográficas: Mendeley, EndNote e Zotero. **Transinformação**, v. 26, n. 2, p. 167–176, 2014.

APÊNDICE A – Bibliografia das publicações contendo traduções para o português de artes verbais Tupi-Guarani (1970 – 2019), organizada por língua Tupi-Guarani de partida⁵⁶

Araweté

FALEIROS, Á. Emplumando a grande castanheira. **Estudos Avançados**, v. 26, n. 76, p. 57–74, dez. 2012.

HEURICH, G. O. **Música, Morte e Esquecimento na Arte Verbal Araweté**. p. 293, 2015.

RISÉRIO, A. Palavras canibais. **Revista USP**, v. 0, n. 13, p. 26, 30 maio 1992.

Guajá (Awá)

GARCIA, U. F. **Karawara: a caça e o mundo dos Awá-Guajá**. Tese (Doutorado em Antropologia Social)—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

Guarani Kaiowá

CHAMORRO, G. A arte da palavra cantada na etnia Kaiowá. **SOCIÉTÉ SUISSE DES AMÉRICANISTES / SCHWEIZERISCHE AMERIKANISTEN – GESELLSCHAFT**, v. 73, 2011.

CHAMORRO, G. **Terra madura, yvy araguyje: fundamento da palavra Guarani**. Dourados, MS: Editora UFGD, 2008.

GARCIA, W. G. **Nhande Reembypy: Nossas Origens**. Araraquara: UNESP - Faculdade de Ciências e Letras. Centro de Estudos Indígenas "Miguel A. Menéndez, 2001.

MONTARDO, D. L. O. **Através do Mbaraka: música e xamanismo Guarani**. Tese (Doutorado em Antropologia Social)—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.

PUCCI, M.; ALMEIDA, B. (EDS.). **Cantos da Floresta: iniciação ao universo musical indígena**. São Paulo: Peirópolis, 2017.

Guarani Mbya

BAPTISTA, J. V. **Roça barroca**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

⁵⁶ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023.

BAPTISTA, J. V.; MIRANDA, L. (EDS.). **Neblina vivificante: Poesia e mito mbyá-Guarani**. Ouro Preto: Tipografia de Fundo de Ouro Preto, 1996a. v. 1.

BAPTISTA, J. V.; MIRANDA, L. (EDS.). **Soninho com pios de periquitos ao fundo**. Tradução Josely Vianna Baptista; Luli Miranda. Ouro Preto: Tipografia de Fundo de Ouro Preto, 1996b. v. 2.

CLASTRES, P. **A fala sagrada: mitos e cantos sagrados dos índios Guaraní**. Tradução Nícia Adan Bonatti. Campinas: Papirus, 1990.

JECUPÉ, K. W. **Tupã tenondé: a criação do universo, da terra e do homem segundo a tradição oral Guaraní**. São Paulo, SP: Instituto Arapoty: Editora Fundação Peirópolis, 2001.

JECUPÉ, O. **O presente de Jaxy Jaterê**. São Paulo: Panda Books, 2017.

JEKUPÉ, O.; ABRAHIM, R. **Ajuda do saci: kamba'i**. São Paulo, SP: DCL, 2006.

JECUPÉ, O.; KEREXU, M. **A mulher que virou urutau**. São Paulo: Panda Books, 2011.

KANGUÁ, V.; POTY, P. M. **A vida do sol na terra - Kuaray'i ywy rupäre oiko'i ague**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2003.

PIERRI, D. C. **O perecível e o imperecível: lógica do sensível e corporalidade no pensamento Guaraní-Mbya**. Mestrado em Antropologia Social—São Paulo: Universidade de São Paulo, 27 set. 2013.

Guaraní Nandeva

BENITES, S. **Viver na língua Guaraní Nhandewa (mulher falando)**. Dissertação - PPGAS—Rio de Janeiro: UFRJ, MN, 2018.

CHAMORRO, G. A arte da palavra cantada na etnia Kaiowá. **SOCIÉTÉ SUISSE DES AMÉRICANISTES / SCHWEIZERISCHE AMERIKANISTEN – GESELLSCHAFT**, v. 73, 2011.

CLASTRES, P. **A fala sagrada: mitos e cantos sagrados dos índios Guaraní**. Tradução Nícia Adan Bonatti. Campinas: Papirus, 1990.

MONTARDO, D. L. O. **Através do Mbaraka: música e xamanismo Guaraní**. Tese (Doutorado em Antropologia Social)—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.

NIMUENDAJÚ, C. **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guaraní**. Tradução Charlotte Emmerich; Eduardo B. Viveiros de Castro. São Paulo: Editora HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

Ka'apor

DUARTE, F. B.; GARCIA, M. A. (ed.). **Coletânea de narrativas Ka'apor**. Belo Horizonte: Editora da Fale/UFG, 2006.

Kaiabi / Kawaiwete

FERREIRA, M. K. L. **Histórias do Xingu: Coletânea de depoimentos dos índios Suyá, Kayabi, Juruna, Trumai, Txucarramãe e Txicão**. São Paulo: NHII - USP / FAPESP, 1994.

GRÜNBERG, G. et al. **Os Kaiabi do Brasil Central: história e etnografia**. Tradução Eugênio G. Wenzel; João Dornstauder. São Paulo, SP, Brasil: Instituto Socioambiental, 2004.

PRODOCLIN (ED.). **Textos produzidos pelos Kawaiwete (anos 2010 e 2011): poemas/músicas e materiais tradicionais Kawaiwete** PRODOCLIN/Museu do Índio, 2010. Disponível em:
<http://prodoclin.museudoindio.gov.br/images/conteudo/Maxakali/produtos_pesquisadores/haliti-paresi/produtos_pesquisadores/kaiabi_kawaiwete/produtos_pesquisadores/Textos_Kawaiwete_ProDocLin.pdf>

PRODOCLIN KAWAIWETE - KAIABI. **Yafu: o retorno do chocalho**. Rio de Janeiro: FUNAI, 2014.

Kamaiurá

AGOSTINHO, P. **Kwarup: mito e ritual no Alto Xingu**. São Paulo: EDUSP, 1974.

AGOSTINHO, P. **Mitos e outras narrativas Kamayurá**. 2ª edição ed. Salvador: Universidade Federal da Bahia. UFBA, 2009.

FITTIPALDI, C. **A linguagem dos pássaros: mito dos índios Kamaiurá**. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

KAMAIURÁ, T.; KAMAIURÁ, K. **Moroneta Kamaiurá: histórias Kamaiurá**. Belo Horizonte: FALE/UFG, 2013.

SAMAIN, É. **Moroneta Kamayura: mitos e aspectos da realidade social dos índios Kamayura (Alto Xingu)**. Rio de Janeiro: Lidador, 1991.

SEKI, L. **Gramática do kamaiurá: língua tupi-guarani do Alto Xingu**. Campinas, SP, Brasil: São Paulo, SP: Editora da Unicamp; Imprensa Oficial SP, 2000.

SEKI, L. **Jene ramỹjwena juru pytsaret =: O que habitava a boca de nossos ancestrais**. Rio de Janeiro: Museu do Índio - Funai, 2010.

VILLAS BÔAS, C.; VILLAS BÔAS, O. **Xingu: os índios, seus mitos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

Kambeba

PUCCI, M.; ALMEIDA, B. (EDS.). **Cantos da Floresta: iniciação ao universo musical indígena**. São Paulo: Peirópolis, 2017.

Maraguá

LABORATÓRIO DE LINGUAGENS LEETRA. Antologia dos Morõguetás: olhares indígenas. **LEETRA INDÍGENA / UFSCAR**, v. 2, 2013.

MINAPOTY, L. **Tainãly, uma menina maraguá**. São Paulo: Positivo, 2014.

YAMÃ, Y.; BORGES, T. **A origem do beija-flor: Guanãby muru-gãwa**. São Paulo: Peirópolis, 2012. VIVEIROS DE CASTRO, E. B. **Araweté: os deuses canibais**. Rio de Janeiro, RJ: J. Zahar Editor: Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 1986.

Nheengatu

PUCCI, M.; ALMEIDA, B. (EDS.). **Cantos da Floresta: iniciação ao universo musical indígena**. São Paulo: Peirópolis, 2017.

BIRD, S.; MCALISTER, I.; GELBART, K. (EDS.). **Fábulas de Terra Preta: uma coletânea bilíngue**. Manaus: [s.n.].

CASASNOVAS, A. **Noções de língua geral ou Nheengatú: gramática, lendas e vocabulário**. 2a. ed ed. Manaus: Faculdade Salesiana Dom Bosco: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2006.

CRUZ, A. DA. **Fonologia e gramática do Nheengatú: a língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa**. Utrecht: LOT, 2011.

LABORATÓRIO DE LINGUAGENS LEETRA. Escola Kariamã conta umbuesá. **LEETRA INDÍGENA / UFSCAR, Edição Especial**, v. 1, 2015.

LABORATÓRIO DE LINGUAGENS LEETRA. Nheengatu Tapajoara. **LEETRA INDÍGENA / UFSCAR, Edição Especial**, v. 1, 2015.

Tapirapé

COMUNIDADE TAPIRAPÉ. **Xanetawa Marageta: histórias das nossas aldeias**. 1. ed. São Paulo/Brasília: MARI/MEC/PNUD, 1996.

PAULA, E. D. DE. **Eventos de fala entre os Apiãwa (Tapirapé) na perspectiva da etnosintaxe: singularidades em textos orais e escritos**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística)—Goiânia: Universidade Federal do Goiás, 2012.

Tembé (Tenetehara)

DUARTE, F. B. (ED.). **Coletânea de narrativas Tenetehára**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008.

Xetá

RODRIGUES, A. D. **Caderno de campo Xetá**. Maringá: Eduem, 2013.

APÊNDICE B – Bibliografia das publicações não encontradas para pesquisa futura, organizada por língua Tupi-Guarani de partida

Amondawa

Ex: SAMPAIO, W. B. A.; SILVA, V. & MIOTELLE, Valdemir. **Mitos Amondawa**. Porto Velho, Edufro. 2004.

Guarani Mbya

MOREIRA, G.; KODAMA, I. E. (org). **Oipytyvõ Mbya Katcho Petei kuatchi'a: Ymagua a'e anhente gua – Contribuindo com a revitalização da cultura guarani (Mitos e Lendas, volume 1)**. Florianópolis: FUNAI/ Epagri, 2008.

MOREIRA, G.; KODAMA, I. E. (org). **Mbya Kuery Reki Oiko ipyi gui omamo peve – Rituais e crenças: do nascimento à morte – Contribuindo coma revitalização guarani (Mitos e Lendas, Volume 2)**. Florianópolis: FUNAI/Epagri, 2009.

WHERÁ, A. B. K. et al. (org). **Mbyá Reko–Vida Guarani. Caderno Bilíngue**. Florianópolis: EPAGRI, 2008.

Ka'apor

GARCÉS, C. L. L. (org). **Ka'apor ma'e panu há ke = A palavra dos moradores da mata: Narrativas tradicionais do povo indígena Ka'apor**. Pará: Editora MPEG, 2011.

Tenetehara Guajajara

ALMEIDA, E. R. M.; PANET; R. DE F. (org). **Festa do moqueado**. Coleção livros didáticos indígenas e indigenistas. São Luís: SEDUC-MA.

ALMEIDA, E. R. M.; PANET; R. DE F. (org). **Origem das coisas**. Coleção livros didáticos indígenas e indigenistas. São Luís: SEDUC-MA.

ALMEIDA, E. R. M.; PANET; R. DE F. (org). **Pintura corporal**. Coleção livros didáticos indígenas e indigenistas. São Luís: SEDUC-MA.

DUARTE, F. B. et al. (org). **Coletânea de narrativas Guajajara**. 1. ed. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2018. 122 p.

Tapirapé

FERREIRA, L. L et al. (org.) **Marageta`ieyjete**. Tangará da Serra: Ideias, 2016.

Tenetehara Tembé

NEVS, Ivânia; MAGALHÃES, Lázaro. **O céu dos índios Tembé**. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1999.

APÊNDICE C – Relatório do *Zotero* contendo as informações das publicações e etiquetas utilizadas para categorização

(vide próxima página)

A arte da palavra cantada na etnia Kaiowá

Tipo Artigo de periódico
Autor Graciela Chamorro
Volume 73
Título da publicação SOCIÉTÉ SUISSE DES AMÉRICANISTES / SCHWEIZERISCHE AMERIKANISTEN – GESELLSCHAFT
Data 2011
Data de adição 23/10/2019 14:32:59
Data de modificação 11/11/2019 20:05:24

Etiquetas:

Gênero de arte verbal: canto, Década: 2010, Tipo de publicação: artigo de periódico, Área do tradutor: antropólogo, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Língua: Guarani Kaiowá, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Ano: 2011, Língua: Guarani Nhandeva, Quem publicou: periódico estrangeiro, Raça do tradutor: não-indígena (1), Gênero do tradutor: mulher (1), Autor: autor-tradutor, Tipo de tradução quanto à forma de execução: não menciona, Área do conhecimento: antropologia

A fala sagrada: mitos e cantos sagrados dos índios Guarani

Tipo Livro
Autor Pierre Clastres
Tradutor Nícia Adan Bonatti
Lugar Campinas
Editor Papirus
ISBN 978-85-308-0120-5
Data 1990
Extra OCLC: 63295070
Catálogo de biblioteca Open WorldCat
Idioma Translated from French into Portuguese.
Título curto A fala sagrada
Data de adição 31/05/2019 18:00:41
Data de modificação 05/11/2019 16:11:33

Etiquetas:

comentário à tradução de Cadogan, Década: 1990, Quem publicou: editora, Apresentação do texto: monolíngue, Tipo de publicação: livro, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: retradução, Tipo de tradução quanto à língua de partida: indireta, Tipo de tradução quanto à forma de execução: autônoma, Gênero de arte verbal: canto e narrativa, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Língua: Guarani Mbya, Língua: Guarani Nhandeva, Ano: 1990, Área do tradutor: tradutor, Raça do tradutor: não-indígena (1), Gênero do tradutor: mulher (1), Autor: autor, Área do conhecimento: antropologia

A linguagem dos pássaros: mito dos índios Kamaiurá

Tipo Livro
Autor Cica Fittipaldi
Série Morená
Lugar São Paulo
Editor Melhoramentos
Data 1986

Data de adição 29/10/2019 15:13:46

Data de modificação 29/10/2019 20:04:23

Etiquetas:

Quem publicou: editora, Apresentação do texto: monolíngue, Tipo de publicação: livro, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: retradução, Tipo de tradução quanto à língua de partida: indireta, Década: 1980, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Gênero de arte verbal: narrativa, Língua: Kamaiurá, Raça do tradutor: não-indígena (1), Gênero do tradutor: mulher (1), Autor: autor-tradutor, Tipo de tradução quanto à forma de execução: não menciona, Ano: 1986, Área do tradutor: ilustradora-tradutora, Área do conhecimento: literatura

A mulher que virou urutau

Tipo Livro
Autor Olívio Jekupé
Autor Maria Kerexu
Lugar São Paulo
Editor Panda Books
ISBN 85-7888-146-X
Data 2011

Resumo Esta é a história de uma bela índia que se apaixona por Jaxi, o Lua. Para saber se o sentimento é verdadeiro, Jaxi resolve colocar em prova o amor da jovem. Esta é a lenda guarani sobre o pássaro urutau, ave que possui uma diferente estratégia de camuflagem: ficar imóvel nos troncos das árvores, de olhos fechados, para não chamar a atenção dos predadores. Por meio da lenda é possível discutir a relação entre essência e aparência, valores e virtudes, além da própria cultura indígena. O livro traz o texto em português e em guarani, além de dados informativos sobre o pássaro urutau.

Data de adição 25/10/2019 23:38:25

Data de modificação 22/11/2019 17:15:40

Etiquetas:

Quem publicou: editora, Década: 2010, Tipo de publicação: livro, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à forma de execução: autônoma, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Ano: 2011, Gênero de arte verbal: narrativa, Língua: Guarani Mbya, Raça do tradutor: indígena (2), Autor: autor-tradutor, Gênero do tradutor: homem (1) e mulher (1), Área do tradutor: escritor (2), Área do conhecimento: literatura

A origem do beija-flor: Guanãby muru-gãwa

Tipo Livro

Autor Yaguarê Yamã

Autor Taisa Borges

Lugar São Paulo

Editor Peirópolis

ISBN 978-85-7596-246-6

Data 2012

Resumo Os mitos de origem do mundo e dos seres que nele vivem são uma grande riqueza dos povos indígenas. Neste livro, Yaguarê Yamã registra uma dessas histórias: o mito da origem do beija-flor, que vive na memória dos antigos pajés do povo Maraguá, habitante do vale do rio Abacaxis, no Estado do Amazonas. Esse povo valoriza muito o contador de histórias, personagem sempre requisitado no cotidiano e nos festejos da tribo, e é conhecido como “os índios das histórias de fantasmas”. Neste livro, a delicada história é apresentada em português e em maraguá, dialeto misto de Aruak com Nhengatu, e integra a coleção Peirópolis Mundo, que busca valorizar línguas minoritárias de todas as partes do planeta.

Data de adição 25/10/2019 23:54:56

Data de modificação 26/10/2019 00:00:18

Etiquetas:

Quem publicou: editora, Ano: 2012, Década: 2010, Tipo de publicação: livro, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à forma de execução: autônoma, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Gênero de arte verbal: narrativa, Gênero do tradutor: homem (1), Autor: autor-tradutor, Raça do tradutor: indígena (1), Língua: Maraguá, Área do tradutor: escritor, Área do conhecimento: literatura

A vida do sol na terra - Kuaray'i ywy rupáre oiko'i ague

Tipo Livro

Autor V. Kanguá

Autor P. M. Poty

Lugar São Paulo

Editor Anhembi Morumbi

Data 2003

Data de adição 24/10/2019 13:39:13

Data de modificação 05/11/2019 17:21:49

Etiquetas:

Quem publicou: universidade, Tipo de publicação: livro, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à forma de execução: autônoma, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Gênero de arte verbal: narrativa, Língua: Guarani Mbya, Década: 2000, Gênero do tradutor: homem (2), Raça do tradutor: indígena (2), Autor: autor-tradutor, Ano: 2003, Área do tradutor: poeta/tradutor (2), Área do conhecimento: literatura

Ajuda do saci: kamba'i

Tipo Livro

Autor Olívio Jekupé

Autor Rodrigo Abrahim

Lugar São Paulo, SP

Editor DCL

ISBN 978-85-368-0193-3

Data 2006

Extra OCLC: 319225135
Catálogo de biblioteca Open WorldCat
Idioma Portuguese
Título curto Ajuda do saci
Data de adição 25/10/2019 23:31:04
Data de modificação 05/11/2019 15:51:34

Etiquetas:

Quem publicou: editora, Tipo de publicação: livro, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à forma de execução: autônoma, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Gênero de arte verbal: narrativa, Língua: Guarani Mbya, Década: 2000, Gênero do tradutor: homem (1), Autor: autor-tradutor, Raça do tradutor: indígena (1), Ano: 2006, Área do tradutor: escritor, Área do conhecimento: literatura

Antologia dos Morõguetás: olhares indígenas

Tipo Artigo de revista
Autor LABORATÓRIO DE LINGUAGENS LEETRA
Volume 2
Título da publicação LEETRA INDÍGENA / UFSCAR
Data 2013
Número de chamada 2
Data de adição 14/08/2019 16:39:33
Data de modificação 19/11/2019 19:59:53

Etiquetas:

Quem publicou: universidade, Década: 2010, Tipo de publicação: livro, Área do tradutor: poeta/tradutor, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à forma de execução: autônoma, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Ano: 2013, Gênero de arte verbal: narrativa, Gênero do tradutor: mulher (1), Autor: organizador, Raça do tradutor: indígena (1), Língua: Maraguá, Área do conhecimento: educação

Araweté: os deuses canibais

Tipo Livro
Autor Eduardo Batalha Viveiros de Castro
Série Coleção Antropologia social
Lugar Rio de Janeiro, RJ
Editor J. Zahar Editor : Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais
ISBN 978-85-85061-48-7
Data 1986
Número de chamada F2520.1.A77 C37 1986
Catálogo de biblioteca Library of Congress ISBN
Título curto Araweté
de páginas 744
Data de adição 04/06/2019 13:05:54
Data de modificação 04/11/2019 17:02:07

Etiquetas:

Gênero de arte verbal: canto, Quem publicou: universidade, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: comentada, Área do tradutor: antropólogo, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de publicação: tese, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à forma de execução: autônoma, Ano: 1984, Década: 1980, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Língua: Arawete, Gênero do tradutor: homem (1), Raça do tradutor: não-indígena (1), Autor: autor-tradutor, Área do conhecimento: antropologia

As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guaraní

Tipo Livro
Autor Curt Nimuendajú
Tradutor Charlotte EmMerich
Tradutor Eduardo B. Viveiros de Castro
Lugar São Paulo
Editor Editora HUCITEC : Editora da Universidade de São Paulo
ISBN 978-85-271-0018-2
Data 1987
Extra OCLC: 18223691
Catálogo de biblioteca Open WorldCat
Idioma Portuguese
Data de adição 11/07/2019 15:56:53
Data de modificação 15/11/2019 17:53:36

Etiquetas:

Quem publicou: universidade, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: comentada, Tipo de publicação: livro, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: retradução, Tipo de tradução quanto à língua de partida: indireta, Tipo de tradução quanto à forma de execução: autônoma, Década: 1980, Área do tradutor: linguista, Gênero de arte verbal: narrativa, Ano: 1987, Língua: Guarani Nhandeva, Raça do tradutor: não-indígena (1), Gênero do tradutor: mulher (1), Autor: autor, Área do conhecimento: antropologia

Através do Mbaraka: música e xamanismo Guarani

Tipo Tese

Autor Deise Lucy Oliveira Montardo

Lugar São Paulo

Data 2002

Tipo Tese (Doutorado em Antropologia Social)

Universidade Universidade de São Paulo

Data de adição 22/10/2019 20:07:55

Data de modificação 18/11/2019 17:52:32

Etiquetas:

Gênero de arte verbal: canto, Quem publicou: universidade, Área do tradutor: antropólogo, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de publicação: tese, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Língua: Guarani Kaiowá, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Década: 2000, Língua: Guarani Nhandeva, Ano: 2002, Raça do tradutor: não-indígena (1), Gênero do tradutor: mulher (1), Autor: autor-tradutor, Tipo de tradução quanto à forma de execução: assistida por intérprete (?), Área do conhecimento: antropologia

Caderno de campo Xetá

Tipo Livro

Autor Aryon Dall'Igna Rodrigues

Série Coleção Documentos e História

Lugar Maringá

Editor Eduem

ISBN 978-85-7628-482-6

Data 2013
Número na série 3
Catálogo de biblioteca Library of Congress ISBN
de páginas 188
Data de adição 13/09/2019 17:30:26
Data de modificação 29/10/2019 21:53:42

Etiquetas:

Quem publicou: universidade, Apresentação do texto: monolíngue, Década: 2010, Tipo de publicação: livro, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à forma de execução: autônoma, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Área do tradutor: linguista, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Ano: 2013, Gênero de arte verbal: narrativa, Língua: Xetá, Gênero do tradutor: homem (1), Raça do tradutor: não-indígena (1), Autor: autor-tradutor, Área do conhecimento: linguística

Cantos da Floresta: iniciação ao universo musical indígena

Tipo Livro
Organizador Magda Pucci
Organizador Berenice Almeida
Lugar São Paulo
Editor Peirópolis
Data 2017
Data de adição 21/08/2019 15:05:39
Data de modificação 10/11/2019 17:21:53

Etiquetas:

Gênero de arte verbal: canto, Quem publicou: editora, Década: 2010, Tipo de publicação: livro, Área do tradutor: poeta/tradutor, Área do tradutor: antropólogo, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Língua: Kambeba, Língua: Guarani Kaiowá, Ano: 2017, Língua: Nheengatu, Área do tradutor: linguista, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Gênero do tradutor: mulher (2), homem (1) e não menciona (1), Raça do tradutor: indígena (1), não-indígena (2) e não menciona (1), Tipo de tradução quanto à forma de execução: não menciona, Autor: autor, Área do tradutor: (indígena - ?), Área do conhecimento: educação

Coletânea de narrativas Ka'apor

Tipo Livro
Organizador F. B. Duarte
Organizador M. A. Garcia
URL <http://www.letras.ufmg.br/lali/PDF/ColetaneaNarrativasKaapor.pdf>
Lugar Belo Horizonte
Editor Editora da Fale/UFMG
Data 2006
de páginas 31
Data de adição 04/06/2019 13:23:19
Data de modificação 15/11/2019 22:55:17

Etiquetas:

Quem publicou: universidade, Tipo de publicação: livro, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Gênero de arte verbal: narrativa, Década: 2000, Língua: Ka'apor, Raça do tradutor: indígena (?), Autor: organizador, Tipo de tradução quanto à forma de execução: não menciona, Ano: 2006, Área do tradutor: aluno, Gênero do tradutor: não menciona (?), Área do conhecimento: linguística

Coletânea de narrativas Tenetehára

Tipo Livro
Organizador F. B. Duarte
URL http://www.letras.ufmg.br/lali/PDF/Colet%C3%A2nea_de_Narrativas_Tenetehara.pdf
Lugar Belo Horizonte
Editor FALE/UFMG
Data 2008
Data de adição 04/06/2019 13:33:04
Data de modificação 02/11/2019 14:57:29

Etiquetas:

Quem publicou: universidade, Tipo de publicação: livro, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à forma de execução: autônoma, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Gênero de arte verbal: narrativa, Década: 2000, Raça do tradutor: indígena (?), Língua: Tembé, Ano: 2008, Autor: organizador, Área do tradutor: professor (?), Gênero do tradutor: não menciona (?), Área do conhecimento: linguística

Emplumando a grande castanheira

Tipo Artigo de periódico
Autor Álvaro Faleiros
URL http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142012000300008&lng=pt&tlng=pt
Volume 26
Edição 76
Páginas 57-74
Título da publicação Estudos Avançados
ISSN 0103-4014
Data 12/2012
Abreviatura do periódico Estud. av.
DOI 10.1590/S0103-40142012000300008
Data de acesso 03/06/2019 22:01:22
Catálogo de biblioteca DOI.org (Crossref)
Resumo O intuito deste artigo é apresentar um projeto de retradução de um canto araweté, traduzido e comentado por Viveiros de Castro em Araweté: os deuses canibais. O "canto da castanheira", nome dado por Viveiros de Castro ao canto, é utilizado pelo antropólogo para ilustrar a complexidade enunciativa-citacional dos cantos xamanísticos araweté. Conforme Viveiros de Castro, o canto xamanístico araweté "é uma canção de canções, um discurso de discursos, é polilógico", motivo pelo qual se analisa, primeiro, a complexidade enunciativa do canto, para, em seguida, apresentar sua retradução. , The aim of this paper is to offer a retranslation of a chant of the Araweté, originally translated and annotated by anthropologist Viveiros de Castro in Araweté: the cannibal gods. According to Castro, the "Song of the Chestnut Tree", the name he gave to the chant, illustrates the enunciative-quotational complexity of the shamanistic chants of the Araweté. For Castro, these chants are "a song of songs, a polylogical speech of speeches." That is why we first analyze the chant's enunciative complexity and only afterwards provide a retranslation.
Data de adição 03/06/2019 22:01:22

Data de modificação 24/10/2019 21:36:21

Etiquetas:

Gênero de arte verbal: canto, Quem publicou: universidade, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: comentada, Apresentação do texto: monolíngue, Ano: 2012, Década: 2010, Tipo de publicação: artigo de periódico, Área do tradutor: poeta/tradutor, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: retradução, Tipo de tradução quanto à língua de partida: indireta, Tipo de tradução quanto à forma de execução: autônoma, Língua: Arawete, Gênero do tradutor: homem (1), Raça do tradutor: não-indígena (1), Autor: autor-tradutor, Área do conhecimento: literatura

Anexos

- o Faleiros - 2012 - Emplumando a grande castanheira.pdf

Escola Kariamã conta umbuesá

Tipo Artigo de revista

Autor LABORATÓRIO DE LINGUAGENS LEETRA

Volume 1

Título da publicação LEETRA INDÍGENA / UFSCAR, Edição Especial

Data 2015

Número de chamada 17

Localização no arquivo https://issuu.com/grupo.leetra/docs/escola_kariam__conta_umbues__digi

Data de adição 13/08/2019 17:11:21

Data de modificação 11/11/2019 23:57:14

Etiquetas:

Baniwa, Quem publicou: universidade, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: comentada, Década: 2010, Tipo de publicação: livro, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à forma de execução: autônoma, Ano: 2015, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Língua: Nheengatu, Gênero de arte verbal: narrativa, Área do tradutor: professor, Autor: organizador, Gênero do tradutor: homem (3) e mulher (4), Raça do tradutor: indígena (7), Área do conhecimento: educação

Eventos de fala entre os Apiãwa (Tapirapé) na perspectiva da etnosintaxe: singularidades em textos orais e escritos

Tipo Tese
Autor Eunice Dias de Paula
Lugar Goiânia
Data 2012
Tipo Tese (Doutorado em Letras e Linguística)
Universidade Universidade Federal do Goiás
Data de adição 09/09/2019 13:45:20
Data de modificação 24/10/2019 22:49:34

Etiquetas:

Quem publicou: universidade, Ano: 2012, Década: 2010, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de publicação: tese, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à forma de execução: autônoma, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Gênero de arte verbal: narrativa, Área do tradutor: professor, Língua: Tapirapé, Gênero do tradutor: homem (2), Raça do tradutor: indígena (2), Autor: autor, Área do conhecimento: linguística

Fábulas de Terra Preta: uma coletânea bilíngue

Tipo Livro
Organizador Steven Bird
Organizador Isaac McAlister
Organizador Katie Gelbart
Lugar Manaus
Data 2013
de páginas 31
Data de adição 20/08/2019 19:06:28
Data de modificação 02/11/2019 15:23:59

Etiquetas:

Década: 2010, Tipo de publicação: livro, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à forma de execução: autônoma, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Língua: Nheengatu, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Ano: 2013, Gênero de arte verbal: narrativa, Gênero do tradutor: homem (3), Raça do tradutor: indígena (3), Quem publicou: independente, Autor: organizador, Área do tradutor: não menciona (indígena - ?), Área do conhecimento: educação

Fonologia e gramática do Nheengatú: a língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa

Tipo Livro
Autor Aline da Cruz
Série LOT
Lugar Utrecht
Editor LOT
ISBN 978-94-6093-063-8
Data 2011
Extra OCLC: 772934876
Número na série 280
Catálogo de biblioteca Gemeinsamer Bibliotheksverbund ISBN
Idioma por
Título curto Fonologia e gramática do Nheengatú
de páginas 626
Data de adição 04/06/2019 19:37:38
Data de modificação 18/11/2019 17:56:23

Etiquetas:

Baré, Baniwa, Werekana, Década: 2010, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de publicação: tese, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Língua: Nheengatu, Área do tradutor: linguista, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Ano: 2011, Gênero de arte verbal: narrativa, Raça do tradutor: não-indígena (1), Gênero do tradutor: mulher (1), Autor: autor-tradutor, Quem publicou: universidade estrangeira, Tipo de tradução quanto à forma de execução: assistida por tradutor/a (1), Área do conhecimento: linguística

Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu

Tipo Livro
Autor Lucy Seki
URL <https://amerindias.github.io/referencias/sek00kamaiura.pdf>
Série Pesquisas
Lugar Campinas, SP, Brasil : São Paulo, SP
Editor Editora da Unicamp ; Imprensa Oficial SP
ISBN 978-85-268-0498-2
Data 2000
Número de chamada PM6282 .S45 2000
Catálogo de biblioteca Library of Congress ISBN
Idioma porsai
Título curto Gramática do kamaiurá
de páginas 482
Data de adição 11/06/2019 23:07:36
Data de modificação 18/11/2019 17:58:53

Etiquetas:

Quem publicou: universidade, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: comentada, Tipo de publicação: livro, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Área do tradutor: linguista, Gênero de arte verbal: narrativa, Década: 2000, Língua: Kamaiurá, Raça do tradutor: não-indígena (1), Gênero do tradutor: mulher (1), Autor: autor-tradutor, Ano: 2000, Tipo de tradução quanto à forma de execução: assistida por intérprete (3), Área do conhecimento: linguística

Histórias do Xingu: Coletânea de depoimentos dos índios Suyá, Kayabi, Juruna, Trumai, Txucarramãe e Txicão

Tipo Livro
Autor Mariana Kawall Leal Ferreira
Lugar São Paulo
Editor NHII - USP / FAPESP
Data 1994
de páginas 239
Data de adição 25/07/2019 16:09:22
Data de modificação 31/10/2019 17:25:34

Etiquetas:

Década: 1990, Quem publicou: universidade, Apresentação do texto: monolíngue, Tipo de publicação: livro, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à forma de execução: autônoma, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Gênero de arte verbal: narrativa, Língua: Kaiabi, Gênero do tradutor: homem (1), Autor: organizador, Raça do tradutor: indígena (1), Área do tradutor: intérprete, Ano: 1994, Área do conhecimento: antropologia

Jene ramỹjwena juru pytsaret =: O que habitava a boca de nossos ancestrais

Tipo Livro
Autor Lucy Seki
URL [https://issuu.com/primavera.
/docs/o_que_habitava_a_boca_de_nossos_ancestrais](https://issuu.com/primavera/docs/o_que_habitava_a_boca_de_nossos_ancestrais)
Lugar Rio de Janeiro
Editor Museu do Índio - Funai
ISBN 978-85-85986-33-9
Data 2010
Número de chamada F2520.1.K35 S45 2010
Extra OCLC: ocn820728797
Catálogo de biblioteca Library of Congress ISBN
Idioma por sai
Título curto Jene ramỹjwena juru pytsaret =
de páginas 489
Data de adição 08/06/2019 01:44:20
Data de modificação 18/11/2019 17:52:52

Etiquetas:

Tipo de tradução quanto ao gênero textual: comentada, Década: 2010, Tipo de publicação: livro, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Ano: 2010, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Área do tradutor: linguista, Gênero de arte verbal: narrativa, Língua: Kamaiurá, Raça do tradutor: não-indígena (1), Gênero do tradutor: mulher (1), Autor: autor-tradutor, Quem publicou: Museu do Índio, Tipo de tradução quanto à forma de execução: assistida por intérprete (?), Área do conhecimento: linguística

Karawara: a caça e o mundo dos Awá-Guajá

Tipo Tese
Autor Uirá Fellipe Garcia
Lugar São Paulo
Data 2010
Tipo Tese (Doutorado em Antropologia Social)
Universidade Universidade de São Paulo
Data de adição 10/09/2019 15:45:08
Data de modificação 18/11/2019 17:55:43

Etiquetas:

Quem publicou: universidade, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: comentada, Década: 2010, Área do tradutor: antropólogo, Tipo de publicação: tese, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Ano: 2010, Gênero de arte verbal: canto e narrativa, Apresentação do texto: monolíngue e bilíngue, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Língua: Guajá, Gênero do tradutor: homem (1), Raça do tradutor: não-indígena (1), Autor: autor-tradutor, Tipo de tradução quanto à forma de execução: assistida por intérprete (?), Área do conhecimento: antropologia

Kwarup: mito e ritual no Alto Xingu

Tipo Livro
Autor Pedro Agostinho
Lugar São Paulo
Editor EDUSP
Data 1974
Data de adição 11/06/2019 18:16:36
Data de modificação 18/11/2019 17:53:13

Etiquetas:

Quem publicou: universidade, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: comentada, Apresentação do texto: monolíngue, Tipo de publicação: livro, Área do tradutor: antropólogo, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Gênero de arte verbal: narrativa, Década: 1970, Língua: Kamaiurá, Ano: 1974, Gênero do tradutor: homem (1), Raça do tradutor: não-indígena (1), Autor: autor-tradutor, Tipo de tradução quanto à forma de execução: assistida por intérprete (2), Área do conhecimento: antropologia

Mitos e outras narrativas Kamayurá

Tipo Livro
Autor Pedro Agostinho
Número da edição 2ª edição
Lugar Salvador
Editor Universidade Federal da Bahia. UFBA
ISBN 978-85-232-0590-4
Data 2009
Extra OCLC: 739429751
Catálogo de biblioteca Open WorldCat
Idioma Portuguese
de páginas 210
Data de adição 04/06/2019 18:42:25
Data de modificação 18/11/2019 17:51:25

Etiquetas:

Quem publicou: universidade, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: comentada, Apresentação do texto: monolíngue, Tipo de publicação: livro, Área do tradutor: antropólogo, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Gênero de arte verbal: narrativa, Década: 1970, Língua: Kamaiurá, Ano: 1974, Gênero do tradutor: homem (1), Raça do tradutor: não-indígena (1), Autor: autor-tradutor, Tipo de tradução quanto à forma de execução: assistida por intérprete (?), Área do conhecimento: antropologia

Moroneta Kamaiurá: histórias Kamaiurá

Tipo Livro

Autor Tacumã Kamaiurá
Autor Kanutari Kamaiurá
Organizador Andreia Duarte
Lugar Belo Horizonte
Editor FALE/UFMG
ISBN 978-85-7758-211-2
Data 2013
Data de adição 08/06/2019 01:49:35
Data de modificação 31/10/2019 17:24:31

Etiquetas:

Quem publicou: universidade, Apresentação do texto: monolíngue, Década: 2010, Tipo de publicação: livro, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à forma de execução: autônoma, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Ano: 2013, Gênero de arte verbal: narrativa, Língua: Kamaiurá, Gênero do tradutor: homem (1), Raça do tradutor: indígena (1), Autor: autor, Área do tradutor: intérprete, Área do conhecimento: educação

Moroneta Kamayurá: mitos e aspectos da realidade social dos índios Kamayurá (Alto Xingu).

Tipo Livro
Autor Étienne Samain
Lugar Rio de Janeiro
Editor Lidador
Data 1991
Data de adição 11/06/2019 18:21:21
Data de modificação 17/11/2019 17:49:43

Etiquetas:

Quem publicou: editora, Apresentação do texto: monolíngue, Tipo de publicação: livro, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à forma de execução: autônoma, Década: 1980, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Gênero de arte verbal: narrativa, Língua: Kamaiurá, Gênero do tradutor: homem (3), Raça do tradutor: indígena (3), Autor: autor, Área do tradutor: intérprete, Ano: 1980, Área do conhecimento: antropologia

Música, morte e esquecimento na arte verbal Araweté

Tipo Tese
Autor Guilherme Orlandini Heurich
Lugar Rio de Janeiro
Data 2015
Tipo Tese (Doutorado em Antropologia Social)
Universidade Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Museu Nacional
Data de adição 08/11/2019 23:11:37
Data de modificação 18/11/2019 17:53:57

Etiquetas:

Gênero de arte verbal: canto, Quem publicou: universidade, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: comentada, Década: 2010, Área do tradutor: antropólogo, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de publicação: tese, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Ano: 2015, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Língua: Arawete, Gênero do tradutor: homem (1), Raça do tradutor: não-indígena (1), Autor: autor-tradutor, Tipo de tradução quanto à forma de execução: assistida por intérprete (2), Área do conhecimento: antropologia

Anexos

- Guilherme Heurich_Musica, morte e esquecimento na arte verbal arawete.pdf

Neblina vivificante: Poesia e mito Mbyá-Guarani

Tipo Livro
Organizador Josely Vianna Baptista
Organizador Luli Miranda
Série Cadernos da Ameríndia
Volume 1
Lugar Ouro Preto
Editor Tipografia de Fundo de Ouro Preto
Data 1996
Data de adição 05/09/2019 14:18:36
Data de modificação 12/11/2019 20:50:45

Etiquetas:

Década: 1990, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: comentada, Tipo de publicação: livro, Área do tradutor: poeta/tradutor, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Ano: 1996, Gênero de arte verbal: narrativa, Língua: Guarani Mbya, Autor: autor-tradutor, Raça do tradutor: não-indígena (2), Gênero do tradutor: mulher (2), Tipo de tradução quanto à forma de execução: não menciona, Área do conhecimento: literatura

Nhande Reembypy: Nossas Origens

Tipo Livro
Autor Wilson Galhego Garcia
Lugar Araraquara
Editor UNESP - Faculdade de Ciências e Letras. Centro de Estudos Indígenas
"Miguel A. Menéndez
Data 2001
de páginas 1002
Data de adição 25/07/2019 15:04:06
Data de modificação 31/10/2019 17:24:38

Etiquetas:

Quem publicou: universidade, Tipo de publicação: livro, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à forma de execução: autônoma, Gênero de arte verbal: canto e narrativa, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Língua: Guarani Mbya, Ano: 2001, Década: 2000, Gênero do tradutor: homem (1), Autor: organizador, Raça do tradutor: indígena (1), Área do tradutor: linguista/antropólogo, Área do conhecimento: antropologia

Nheengatu Tapajoara

Tipo Artigo de revista
Autor LABORATÓRIO DE LINGUAGENS LEETRA
Volume 1
Título da publicação LEETRA INDÍGENA / UFSCAR, Edição Especial
Data 2015
Número de chamada 16
Localização no arquivo <https://issuu.com/grupo.leetra/docs/tapajoarafinalsemmarcas>

Data de adição 14/08/2019 15:01:41

Data de modificação 18/11/2019 16:27:31

Etiquetas:

Quem publicou: universidade, Década: 2010, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Ano: 2015, Gênero de arte verbal: canto e narrativa, Apresentação do texto: monolíngue e bilíngue, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Língua: Nheengatu, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Tipo de publicação: material didático, Raça do tradutor: indígena (?), Tipo de tradução quanto à forma de execução: assistida por linguista, Autor: organizador-assistente, Gênero do tradutor: não menciona (?), Área do tradutor: não menciona (?), Área do conhecimento: educação

Noções de língua geral ou Nheengatú: gramática, lendas e vocabulário

Tipo Livro

Autor Afonso Casasnovas

Número da edição 2a. ed

Lugar Manaus

Editor Faculdade Salesiana Dom Bosco : Editora da Universidade Federal do Amazonas

ISBN 978-85-7401-204-9

Data 2006

Número de chamada PM7170.A6 C37 2006

Catálogo de biblioteca Library of Congress ISBN

Título curto Noções de língua geral ou Nheengatú

de páginas 152

Data de adição 20/08/2019 20:01:37

Data de modificação 05/11/2019 16:06:47

Etiquetas:

Quem publicou: universidade, Tipo de publicação: livro, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Língua: Nheengatu, Área do tradutor: linguista, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Gênero de arte verbal: narrativa, Década: 2000, Gênero do tradutor: homem (1), Raça do tradutor: não-indígena (1), Autor: autor-tradutor, Tipo de tradução quanto à forma de execução: não menciona, Ano: 2000, Área do conhecimento: linguística

O perecível e o imperecível: lógica do sensível e corporalidade no pensamento Guarani-Mbya

Tipo Tese
Autor Daniel Calazans Pierri
URL <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-06122013-122942/>
Lugar São Paulo
Data 2013-09-27
Extra DOI: 10.11606/D.8.2013.tde-06122013-122942
Data de acesso 30/05/2019 20:52:06
Catálogo de biblioteca DOI.org (Crossref)
Tipo Mestrado em Antropologia Social
Idioma pt
Universidade Universidade de São Paulo
Resumo This work presents an analysis of aspects of Guarani-mbya cosmology focused on alterity relations among the Guarani, the deities and spirits, animals and white people. A fundamental issue that follows throughout this work is: the link between the theme of the loss of immortality and that of the different choices made in the first land, by Guarani people and white people, which refers to the uses of technology and the relationship with the demiurges. The classic theme of prophetism, or “the pursuit of the land without evil”, is revisited from a new perspective focused on conceptions of the body and its possibilities of transformation. This also includes the role that the sensible opposition between the perishable and imperishable acquires in reflections concerning the relation between the terrestrial worlds and celestial worlds. The argument converges to demonstrate how the reflections of the Guarani-Mbya presented here constitute a shamanic review on the fetishism of commodities and christianity.
Título curto O perecível e o imperecível
Data de adição 30/05/2019 20:52:06
Data de modificação 18/11/2019 17:56:45

Etiquetas:

Quem publicou: universidade, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: comentada, Década: 2010, Área do tradutor: antropólogo, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de publicação: tese, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Ano: 2013, Gênero de arte verbal: narrativa, Língua: Guarani Mbya, Gênero do tradutor: homem (1), Raça do tradutor: não-indígena (1), Autor: autor-tradutor, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original e retradução, Tipo de tradução quanto à forma de execução: assistida por tradutor/a (1), Área do conhecimento: antropologia

O presente de Jaxy Jaterê

Tipo Livro

Autor Olívio Jekupé

Lugar São Paulo

Editor Panda Books

Data 2017

Resumo Kerexu tinha ouvido dos mais velhos várias histórias de Jaxy Jaterê, o protetor da floresta. Por ser poderoso, as pessoas podem fazer pedidos a ele, mas a índia não sabia como chamá-lo. Porém, sua prima conhecia o segredo e o ensinou a Kerexu. Certa noite, a índia adentrou na floresta, realizou o ritual e fez um pedido. Será que Jaxy Jaterê irá atendê-la? Abra as páginas deste livro e descubra o desejo de Kerexu e como termina esta lenda do povo guarani

Data de adição 25/10/2019 23:18:12

Data de modificação 18/11/2019 21:17:58

Etiquetas:

Quem publicou: editora, Década: 2010, Tipo de publicação: livro, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à forma de execução: autônoma, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Ano: 2017, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Gênero de arte verbal: narrativa, Língua: Guarani Mbya, Área do tradutor: tradutor, Gênero do tradutor: homem (1), Raça do tradutor: indígena (1), Autor: autor, Área do conhecimento: literatura

Os Kaiabi do Brasil Central: história e etnografia

Tipo Livro

Autor Georg Grünberg

Autor Klinton V Senra
Autor Geraldo Mosimann da Silva
Autor Simone Ferreira de Athayde
Tradutor Eugênio G. Wenzel
Tradutor João Dornstauder
URL <http://books.google.com/books?id=d9orAAAAYAAJ>
Lugar São Paulo, SP, Brasil
Editor Instituto Socioambiental
Data 2004
Extra OCLC: 948232356
Data de acesso 05/09/2019 12:04:10
Catálogo de biblioteca Open WorldCat
Idioma Portuguese
Título curto Os Kaiabi do Brasil Central
Data de adição 05/09/2019 12:04:10
Data de modificação 13/11/2019 18:21:36

Etiquetas:

Apresentação do texto: monolíngue, Tipo de publicação: livro, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: retradução, Tipo de tradução quanto à língua de partida: indireta, Tipo de tradução quanto à forma de execução: autônoma, Gênero de arte verbal: canto e narrativa, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Década: 2000, Língua: Kaiabi, Quem publicou: ISA, Gênero do tradutor: homem (1), Raça do tradutor: não-indígena (1), Autor: autor, Área do tradutor: padre, Ano: 2004, Área do conhecimento: antropologia

Palavras canibais

Tipo Artigo de periódico
Autor Antonio Risério
Volume 13
Páginas 26-43
Título da publicação Revista USP
Data 1992
DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i13p26-43>
Data de adição 04/11/2019 17:33:05
Data de modificação 10/11/2019 17:05:56

Etiquetas:

Ano: 1992, Década: 1990, Gênero de arte verbal: canto, Quem publicou: universidade, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: comentada, Apresentação do texto: monolíngue, Tipo de publicação: artigo de periódico, Área do tradutor: poeta/tradutor, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: retradução, Tipo de tradução quanto à língua de partida: indireta, Tipo de tradução quanto à forma de execução: autônoma, Língua: Arawete, Gênero do tradutor: homem (1), Raça do tradutor: não-indígena (1), Autor: autor-tradutor, Área do conhecimento: literatura

Roça barroca

Tipo Livro
Autor Josely Vianna Baptista
Lugar São Paulo
Editor Cosac Naify
ISBN 978-85-405-0093-8
Data 2011
Número de chamada PQ9698.12.A574 R63 2011
Extra OCLC: ocn810135003
Catálogo de biblioteca Library of Congress ISBN
de páginas 147
Data de adição 03/06/2019 18:39:19
Data de modificação 06/11/2019 14:11:53

Etiquetas:

Gênero de arte verbal: canto, Quem publicou: editora, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: comentada, Década: 2010, Tipo de publicação: livro, Área do tradutor: poeta/tradutor, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: retradução, Tipo de tradução quanto à forma de execução: autônoma, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Ano: 2011, Língua: Guarani Mbya, Raça do tradutor: não-indígena (1), Gênero do tradutor: mulher (1), Autor: autor-tradutor, Área do conhecimento: literatura

Soninho com pios de periquitos ao fundo

Tipo Livro
Tradutor Josely Vianna Baptista
Tradutor Luli Miranda
Organizador Josely Vianna Baptista

Organizador Luli Miranda

Série Cadernos da Ameríndia

Volume 2

Lugar Ouro Preto

Editor Tipografia de Fundo de Ouro Preto

Data 1996

Data de adição 05/09/2019 14:46:54

Data de modificação 05/11/2019 17:21:40

Etiquetas:

Década: 1990, Gênero de arte verbal: canto, Quem publicou: editora, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: comentada, Tipo de publicação: livro, Área do tradutor: poeta/tradutor, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Ano: 1996, Língua: Guarani Mbya, Autor: autor-tradutor, Raça do tradutor: não-indígena (2), Gênero do tradutor: mulher (2), Tipo de tradução quanto à forma de execução: não menciona, Área do conhecimento: literatura

Tainãly, uma menina maraguá

Tipo Livro

Autor Lia Minapoty

Lugar São Paulo

Editor Positivo

Data 2014

Data de adição 26/10/2019 00:16:38

Data de modificação 02/11/2019 15:18:28

Etiquetas:

Quem publicou: editora, Década: 2010, Tipo de publicação: livro, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à forma de execução: autônoma, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Gênero de arte verbal: narrativa, Ano: 2014, Gênero do tradutor: mulher (1), Autor: autor-tradutor, Raça do tradutor: indígena (1), Língua: Maraguá, Área do tradutor: escritor, Área do conhecimento: literatura

Terra madura, yvy araguyje: fundamento da palavra Guarani

Tipo Livro
Autor Graciela Chamorro
Lugar Dourados, MS
Editor Editora UFGD
ISBN 978-85-61228-08-8
Data 2008
Número de chamada F2230.2.G72 C43317 2008
Catálogo de biblioteca Library of Congress ISBN
Idioma por
Título curto Terra madura, yvy araguyje
de páginas 367
Data de adição 23/10/2019 13:30:29
Data de modificação 10/11/2019 17:10:08

Etiquetas:

Gênero de arte verbal: canto, Quem publicou: universidade, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: comentada, Tipo de publicação: livro, Área do tradutor: antropólogo, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Língua: Guarani Kaiowá, Década: 2000, Ano: 2008, Raça do tradutor: não-indígena (1), Gênero do tradutor: mulher (1), Autor: autor-tradutor, Tipo de tradução quanto à forma de execução: não menciona, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original e retradução, Área do conhecimento: antropologia

Textos produzidos pelos Kawaiwete (anos 2010 e 2011): poemas/músicas e materiais tradicionais Kawaiwete

Tipo Documento
Organizador PRODOCLIN
URL http://prodoclin.museudoindio.gov.br/images/conteudo/Maxakali/produtos_pesquisadores/haliti-paresi/produtos_pesquisadores/kaiabi_kawaiwete/produtos_pesquisadores/Textos_Kawaiwete_ProDocLin.pdf
Editor PRODOCLIN/Museu do Índio
Data 2010
Data de adição 04/06/2019 14:09:35
Data de modificação 11/11/2019 20:06:08

Etiquetas:

Década: 2010, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Ano: 2010, Gênero de arte verbal: canto e narrativa, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Língua: Kaiabi, Tipo de tradução quanto à forma de execução: assistida por linguista, Autor: organizador-assistente, Raça do tradutor: indígena (33), Quem publicou: Museu do Índio, Tipo de publicação: documento (produto), Gênero do tradutor: não menciona (?), Área do tradutor: linguista (33), Área do conhecimento: linguística

Tupã tenondé: a criação do universo, da terra e do homem segundo a tradição oral Guarani

Tipo Livro
Autor Kaka Werá Jecupé
Lugar São Paulo, SP
Editor Instituto Arapoty : Editora Fundação Peirópolis
ISBN 978-85-85663-51-3
Data 2001
Número de chamada F2230.2.G72 J43 2001
Catálogo de biblioteca Library of Congress ISBN
Título curto Tupã tenondé
de páginas 107
Data de adição 01/11/2019 15:44:56
Data de modificação 04/11/2019 15:06:02

Etiquetas:

Gênero de arte verbal: canto, Quem publicou: editora, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: comentada, Tipo de publicação: livro, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: retradução, Tipo de tradução quanto à forma de execução: autônoma, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Língua: Guarani Mbya, Ano: 2001, Década: 2000, Gênero do tradutor: homem (1), Autor: autor-tradutor, Raça do tradutor: indígena (1), Área do tradutor: escritor, Área do conhecimento: literatura

Viver na língua Guarani Nhandewa (mulher falando)

Tipo Tese
Autor Sandra Benites

Lugar Rio de Janeiro
Data 2018
Tipo Dissertação - PPGAS
Universidade UFRJ, MN
Data de adição 04/06/2019 12:46:44
Data de modificação 05/11/2019 16:59:57

Etiquetas:

Gênero de arte verbal: canto, Década: 2010, Área do tradutor: antropólogo, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de publicação: tese, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à forma de execução: autônoma, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Língua: Guarani Nhandeva, Gênero do tradutor: mulher (1), Autor: autor-tradutor, Raça do tradutor: indígena (1), Ano: 2018, Área do conhecimento: antropologia

Xanetawa Marageta: histórias das nossas aldeias

Tipo Livro
Autor Comunidade Tapirapé
Número da edição 1
Lugar São Paulo/Brasília
Editor MARI/MEC/PNUD
Data 1996
Data de adição 23/10/2019 17:30:10
Data de modificação 29/10/2019 22:02:04

Etiquetas:

Década: 1990, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Ano: 1996, Gênero de arte verbal: narrativa, Tipo de publicação: material didático, Raça do tradutor: indígena (?), Língua: Tapirapé, Autor: organizador, Tipo de tradução quanto à forma de execução: não menciona, Quem publicou: universidade/MEC /PNUD, Área do tradutor: aluno (indígena - ?), Gênero do tradutor: mulher (1) e não menciona (indígena - ?), Área do conhecimento: educação

Xingu: os índios, seus mitos

Tipo Livro
Autor Claudio Villas Bôas
Autor Orlando Villas Bôas
Número da edição 2
Lugar Rio de Janeiro
Editor Zahar Editores
Data 1972
Idioma Português
Resumo jkm
de páginas 211
Data de adição 03/06/2019 18:57:35
Data de modificação 24/11/2019 19:28:16

Etiquetas:

Quem publicou: editora, Apresentação do texto: monolíngue, Tipo de publicação: livro, Área do tradutor: antropólogo, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Gênero de arte verbal: narrativa, Década: 1970, Língua: Kamaiurá, Gênero do tradutor: homem (2), Autor: autor-tradutor, Raça do tradutor: não-indígena (2), Tipo de tradução quanto à forma de execução: não menciona, Ano: 1970, Área do conhecimento: antropologia

Yafu: o retorno do chocalho

Tipo Livro
Autor ProDoclin Kawaiwete - Kaiabi
Organizador Suzi Lima
Lugar Rio de Janeiro
Editor FUNAI
ISBN 978-85-85986-55-1
Data 2014
Localização no arquivo https://issuu.com/museudoindio/docs/livro_yafu_kawaiwete
de páginas 100
Data de adição 14/08/2019 15:59:38
Data de modificação 04/11/2019 17:45:38

Etiquetas:

Gênero de arte verbal: canto, Década: 2010, Tipo de publicação: livro, Apresentação do texto: bilíngue, Tipo de tradução quanto ao texto de partida: original, Tipo de tradução quanto à língua de partida: direta, Tipo de tradução quanto ao gênero textual: não comentada, Ano: 2014, Gênero do tradutor: mulher (1) e homem (4), Raça do tradutor: indígena (4) e não-indígena (1), Língua: Kaiabi, Tipo de tradução quanto à forma de execução: assistida por linguista, Autor: organizador-assistente, Quem publicou: Museu do Índio, Área do tradutor: linguista (5), Área do conhecimento: linguística